

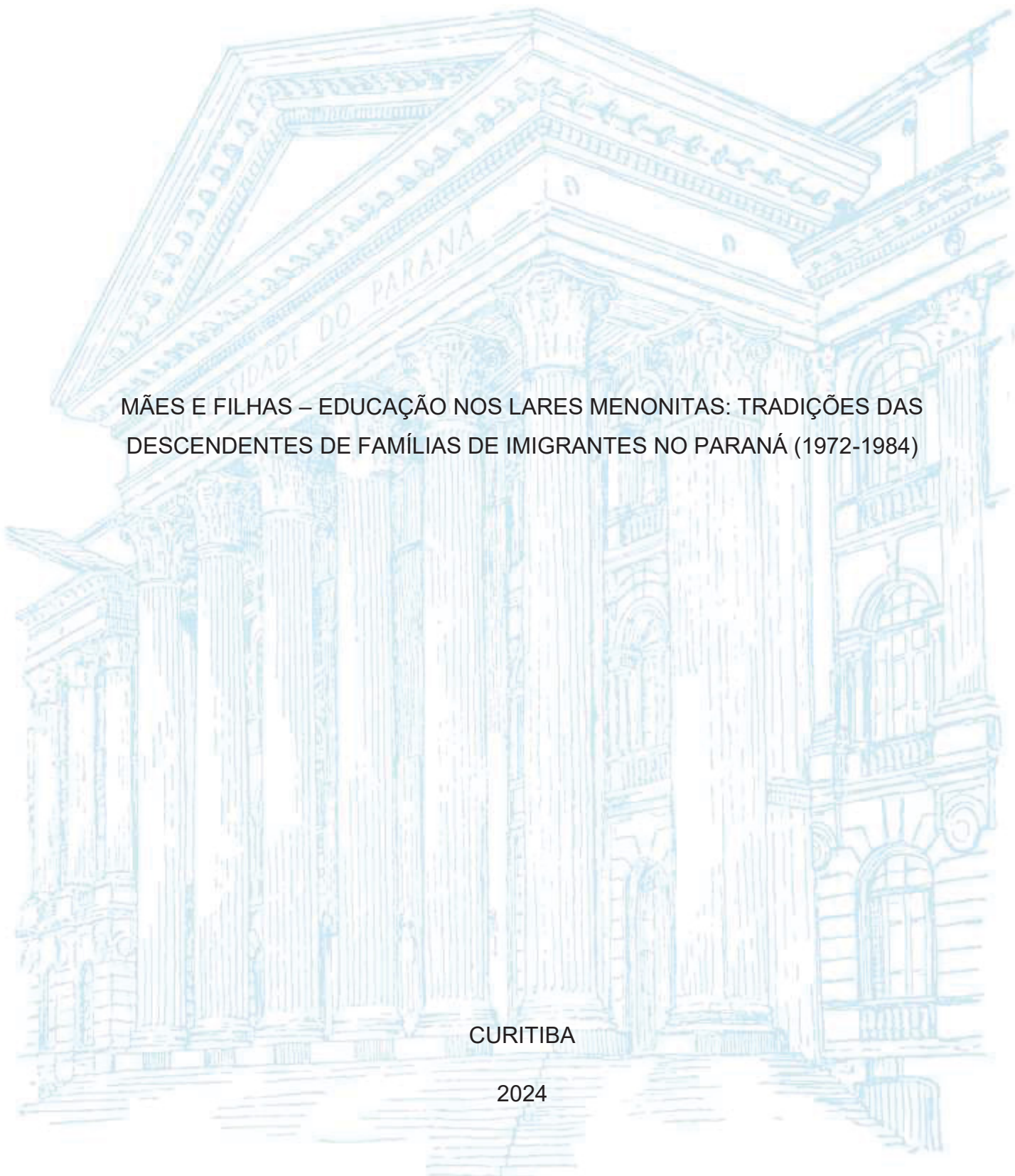
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELIANE MAASS CIRQUEIRA

MÃES E FILHAS – EDUCAÇÃO NOS LARES MENONITAS: TRADIÇÕES DAS
DESCENDENTES DE FAMÍLIAS DE IMIGRANTES NO PARANÁ (1972-1984)

CURITIBA

2024



ELIANE MAASS CIRQUEIRA

MÃES E FILHAS – EDUCAÇÃO NOS LARES MENONITAS: TRADIÇÕES DAS
DESCENDENTES DE FAMÍLIAS DE IMIGRANTES NO PARANÁ (1972-1984)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, da Universidade Federal do Paraná, exigido como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Samara Mendes Araújo
Silva

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Cirqueira, Eliane Maass.

Mães e filhas – educação nos lares menonitas : tradições das descendentes de famílias de imigrantes no Paraná (1972-1984) / Eliane Maass Cirqueira – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Profª Drª Samara Mendes Araújo Silva

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Mulheres. 3. História das mulheres. 4. Menonitas – Usos e costumes. 5. Emigrantes e imigrantes – História – Brasil. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ELIANE MAASS CIRQUEIRA** intitulada: **MÃES E FILHAS - EDUCAÇÃO NOS LARES MENONITAS: tradições dos descendentes das famílias de imigrantes no Paraná (1972-1984)**, sob orientação da Profa. Dra. SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 02 de Julho de 2024.

Assinatura Eletrônica

27/07/2024 20:38:50.0

SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

26/07/2024 10:16:18.0

ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

25/07/2024 17:58:00.0

LIANE MARIA BERTUCCI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

“Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas, como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam”. (Isaías 40:31) Esse versículo e muitos outros me acompanharam durante a trajetória desses dois anos de Mestrado quando, em muitos dias, achei que não conseguiria dar conta. Mas Deus foi fiel até o fim, me dando forças, saúde, capacidade de discernimento e, multiplicando o meu tempo de forma a não abandonar nenhuma de minhas tarefas e, ainda ter tempo de qualidade com as pessoas que amo.

Essa caminhada só foi possível porque tive pais que me ensinaram o valor da educação, por isso não poderia deixar de entrevistar a minha mãe Margarida, que foi exemplo de mãe educadora (pois foi quem me alfabetizou). E meu pai Willi (in memoriam), que dedicava tempo para estar com suas três filhas, e sempre incentivou os estudos, mesmo ele só tendo estudado até a quarta série. Minhas irmãs Cristiane e Luciane que sempre me apoiaram com palavras de incentivo, o meu agradecimento também. E gratidão ao apoio recebido por meus sogros, cunhadas e cunhados.

O meu marido Cideclei acreditou em mim e me motivou em todos os momentos, não me deixando desistir, o que aumentou ainda mais o meu amor por ele. As minhas filhas Beatriz e Letícia tornaram esse projeto possível, porque não teria como eu escrever sobre mães, sem saber o que é ser mãe, e o quanto é fundamental esse amor. Elas sempre me motivaram e mostraram orgulho em ter uma mãe que voltou à faculdade depois de 18 anos. Acho que ensinei à elas que não devem nunca desistir de seus sonhos.

O meu agradecimento às mulheres que tornaram essa pesquisa possível, Elisabeth, Erica, Edite, Hildegard e Margarida. Seus relatos foram fontes orais, mas, principalmente, lições de vida. E agradeço imensamente a sua confiança em mim para compartilhar um pouco de suas histórias particulares a fim de construir uma história sobre as famílias menonitas.

E, finalmente, minha gratidão a quem acreditou no meu projeto e viabilizou a produção dessa dissertação, minha orientadora Dr^a Samara Mendes Araújo Silva, que me conduziu com muita sabedoria e paciência nesses dois anos.

Durante esse período conheci pessoas inspiradoras e acolhedoras, como a professora Andrea e o professor Sérgio; meus queridos colegas Júlio, Carlos, Fernanda, Adriana, Marcio e Viviane; e as professoras da banca Liane Maria Bertucci e Roseli Terezinha Boschilia. A todos o meu obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a transmissão das tradições menonitas, através da educação de mães e filhas no período entre 1972 a 1984 na cidade de Curitiba (PR). O recorte temporal inicial é 1972, ano em que foi fundada a Primeira Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão, atualmente bairro da cidade de Curitiba (PR) e comunidade original de residência dos menonitas, e, 1984 é o recorte temporal final porque foi nesse ano que iniciaram os cultos religiosos em língua portuguesa naquela comunidade, demonstrando assim maior abertura entre os imigrantes para aceitar membros que não falam o idioma alemão, até então utilizado nas celebrações religiosas e nos espaços domésticos. A revisão da literatura apontou a existência de estudos relativos à primeira geração de imigrantes dos menonitas, analisando a História a partir de sua chegada ao Brasil em 1930, porém, não há pesquisas específicas sobre a segunda geração e, em especial, sobre as mulheres menonitas. Portanto, o objetivo da pesquisa foi entender o processo educacional das mulheres, descendentes de imigrantes menonitas (segunda geração) e a transmissão desses conhecimentos à terceira geração de menonitas no Brasil. As fontes históricas utilizadas nesse estudo foram periódicos dos anos 1970 e 1980 e documentos produzidos pelos próprios menonitas, como o editorial Bíblia e Arado, além de livros comemorativos sobre a imigração menonita no Brasil em comemoração aos 50 e aos 80 anos da presença dos menonitas no país. Nessa pesquisa utilizei fontes orais, para tanto, selecionei cinco mulheres menonitas que viveram diferentes situações, dentre as quais destacam-se, as relações no casamento e na comunidade, contudo, todas são filhas de imigrantes da primeira geração, moradoras dos bairros Boqueirão e Xaxim, e mães de filhas. A corrente teórica desse trabalho é a História Cultural, seguindo as temáticas da História da Educação, História das Mulheres, e da História das Religiões. Dentro destas pautou-se a pesquisa nos estudos de práticas cotidianas e tradições em autores como Michel de Certeau e Edward Thompson. Na pesquisa concluí que valores relacionados ao trabalho, a prática da disciplina cristã e do cuidado do lar, e a manutenção das tradições onde a culinária é enfatizada, são elementos presentes na educação das mulheres menonitas nos lares durante o período estudado. Ainda que as filhas educadas por estas mulheres não tenham se dedicado integralmente ao cuidado do lar e dos filhos, mantiveram as tradições aprendidas e apreendidas, bem como atualizaram as tradições para que estas se mantenham “vivas” no seio da comunidade. As mulheres menonitas, independentemente da geração em que estejam integradas/inseridas, foram ensinadas e ensinaram que suas ações e participação são essenciais para o sustento e a manutenção da família e da comunidade menonita, bem como a integridade da fé e a união de todos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Mulheres; Menonitas; Lar; Tradição.

ABSTRACT

This research aims to study the transmission of Mennonite traditions, through the education of mothers and daughters in the period between 1972 and 1984 in the city of Curitiba (PR). The initial time frame is 1972, the year in which the First Igreja Irmãos Mennonitas do Boqueirão was founded, currently a neighborhood in the city of Curitiba (PR) and the original community of residence of the Mennonites, and 1984 is the final time frame because it was in that year that they began religious services in Portuguese in that community, thus demonstrating greater openness among immigrants to accept members who did not speak the German language, until then used in religious celebrations and in domestic spaces. The literature review pointed to the existence of studies related to the first generation of Mennonite immigrants, analyzing history from their arrival to Brazil in 1930, however, there is no specific research on the second generation and, in particular, on Mennonite women. . Therefore, the objective of the research was to understand the educational process of women, descendants of Mennonite immigrants (second generation) and the transmission of this knowledge to the third generation of Mennonites in Brazil. The historical sources used in this study were periodicals from the 1970s and 1980s and documents produced by the Mennonites themselves, such as the editorial Bible and Plow, as well as commemorative books on Mennonite immigration in Brazil in commemoration of the 50th and 80th anniversary of the presence of Mennonites in Brazil. country. In this research I used oral sources, for this purpose, I selected five Mennonite women who lived different situations, among which the relationships in marriage and in the community stand out, however, they are all daughters of first generation immigrants, residents of the Boqueirão and Xaxim neighborhoods. , and mothers of daughters. The theoretical current of this work is Cultural History, following the themes of the History of Education, the History of Women, and the History of Religions. Within these, research was based on studies of everyday practices and traditions by authors such as Michel de Certeau and Edward Thompson. In the research, I concluded that values related to work, the practice of Christian discipline and home care, and the maintenance of traditions where cooking is emphasized, are elements present in the education of Mennonite women in homes during the period studied. Even though the daughters raised by these women did not dedicate themselves entirely to caring for the home and children, they maintained the traditions learned and learned, as well as updating the traditions so that they remain “alive” within the community. Mennonite women, regardless of the generation in which they are integrated/inserted, were taught and taught that their actions and participation are essential for the sustenance and maintenance of the family and the Mennonite community, as well as the integrity of the faith and the unity of all.

KEYWORDS: Education; Women; Mennonites; Home; Tradition.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DA COLONIZAÇÃO MENONITA EM SANTA CATARINA.....	31
FIGURA 2 – CATARINA E JACOB GOOSEN EM CURITIBA, 1931.....	32
FIGURA 3 – PRIMEIRA IGREJA MENONITA NO BOQUEIRÃO, CURITIBA, 1946.....	34
FIGURA 4 – CORAL NA IGREJA IRMÃOS MENONITAS NO BOQUEIRÃO, 1980.....	41
FIGURA 5 – FESTIVAL DE CORAIS DOS MENONITAS, 1950, VILA GUAÍRA.....	41
FIGURA 6 – BATISMO NA 1ª IGREJA IRMÃOS MENONITAS DO BOQUEIRÃO, 1970.....	42
FIGURA 7 – BORSCHT RUSSO.....	63
FIGURA 8 – RECEITA DE BORSCHT CEDIDA POR RENATE WIELER.....	64
FIGURA 9 – STREUSELKUCHEN (CUCA MENONITA).....	67
FIGURA 10 – AUTORRETRATO DE ELISABETH PETERS (1998-2000).....	71
FIGURA 11 – PAISAGENS PINTADAS POR ELISABETH PETERS (1998- 2000).....	71
FIGURA 12 – PINTURA DE MARLYN TOWS, FILHA DE ELISABETH PETERS (1998-2000).....	72
FIGURA 13 – PAISAGENS PINTADAS POR HILDEGARD WIENS (DATA ILEGÍVEL).....	72
FIGURA 14 – QUADROS BORDADOS EM PONTO CRUZ FEITOS POR HILDEGARD WIENS (1978).....	73
FIGURA 15 – QUADROS BORDADOS POR HILDEGARD WIENS (1993).....	73
FIGURA 16 – ALMOFADA EM CROCHÊ FEITA PELA MÃE DE HILDEGARD WIENS, MARIA MARTENS LÖWEN (1979) E VASO PRESENTEADO POR HILDEGARD WIENS A SUA MÃE MARIA MARTENS LÖWEN.....	74
FIGURA 17 – CARTÃO EM PAPEL VEGETAL FEITO POR ELISABETH PETERS (1990-2023).....	75
FIGURA 18 - CARTÃO EM PAPEL VEGETAL FEITO POR ELISABETH PETERS (1990-2023).....	75
FIGURA 19 – LIVRO DE RECEITAS JUNGER FRAUENVEREIN	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. A HISTÓRIA E O LAR MENONITA	26
1.1. A trajetória menonita	26
1.2. O lar menonita	45
CAPÍTULO 2. AS TRADIÇÕES MENONITAS NAS MEMÓRIAS DE MÃES E FILHAS	54
2.1. A história oral e suas “ruínas de memórias”	54
2.2. Memórias sensoriais: tradições culinárias	60
2.3. Ensinando as filhas sobre os cuidados do lar	68
2.4. As tradições religiosas ensinadas no cotidiano	76
CAPÍTULO 3. DIÁLOGOS ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE NA (RE)CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO MENONITA	82
3.1. O Colégio Erasto Gaertner	82
3.2. O idioma alemão: perdas no caminho	88
3.3. As redes de sociabilidade e de solidariedade	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
FONTES	104
FONTES ORAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
ANEXOS	113
Anexo 1: Parecer Consubstanciado do CEP	113
Anexo 2: TCLE	117
APÊNDICE	121
Questionário	121

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objeto de estudo a educação e a transmissão das tradições menonitas entre mães e filhas entre 1972 e 1984 em Curitiba (PR). Os menonitas são parte de uma comunidade religiosa formada no contexto da Reforma Protestante, na Europa, que defendia o batismo de adulto e uma disciplina cristã vivida num ambiente de comunidade.

Integrantes desse grupo migraram da Europa para o Brasil no início do século XX e, uma parte deles se instalou nos bairros Boqueirão e Xaxim, em Curitiba (PR), onde vivem até hoje. A História, nas primeiras décadas desse grupo de imigrantes no Brasil, foram exploradas de diversas formas em vários estudos, contudo, os filhos dos imigrantes que se constituem na segunda geração dos menonitas ainda é uma temática de estudos inexplorada em diferentes aspectos.

Esse estudo se concentra na segunda geração e, em especial, nas mulheres, agentes de transmissão das tradições menonitas, que ficavam principalmente nos lares e atuavam na comunidade menonita, e, cujos relatos precisam ser ouvidos para entendermos o cotidiano e a intimidade das relações intergeracionais e interculturais no processo de formação educacional das mulheres menonitas nas décadas de 1970 e 1980.

Outros pesquisadores estudaram os menonitas, inclusive da própria comunidade menonita. Elvine S. Dück escreveu a dissertação *Witmarsum, uma comunidade trilingüe: Plautdietsch, Hochdeutsch e Português*, analisando o uso da língua alemã, do dialeto *Plautdietsch* e do português entre as três gerações, e a tese, *Vitalidade linguística do 'Plautdietsch' em contato com variedades 'Standard' faladas em comunidades menonitas no Brasil*. Ainda na área das Letras, o professor e pastor João Udo Siemens escreveu a tese *Os prenomes dos descendentes de alemães em Curitiba*, analisando a variação linguística de nomes menonitas.

Wilson Maske escreveu a dissertação *Bíblia e Arado: os menonitas e a construção do seu reino*, onde fez um estudo sobre os menonitas nas décadas de 1930 e 1940, e a tese *Entre a suástica e a cruz: a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai (1933-1945)*, que investiga os menonitas no Paraguai. Cicilian S. Löwen e Wolf-Dietrich Sahr escreveram o artigo *Menonitas Brasileiros às margens do mundo nacional: um estudo de Geografia Social e Cultural* sobre a geografia social e

cultural dos menonitas brasileiros. Como dissertação de Mestrado, Francielly G. Barbosa fez um estudo sobre a identidade e as práticas sócio-educativas menonitas que extrapolam o espaço da escola intitulado *Para além da escola: identidade menonita e práticas sócio-educativas (Curitiba, 1934-48)*.

As pesquisas anteriores iniciaram o estudo sobre os menonitas no Brasil e, aliadas aos documentos analisados, trouxe um panorama sobre a chegada destes imigrantes e seu esforço de adaptação à cultura brasileira. Contudo, a maioria dos trabalhos abrange o espaço temporal das décadas de 1930 e 1940, ou seja, com o foco na primeira geração de imigrantes menonitas no Brasil. E, o presente trabalho buscou entender a segunda geração menonita nas décadas de 1970 e 1980, a partir das mulheres, através das práticas cotidianas de educação no espaço privado do lar.

O interesse em estudar as práticas educacionais menonitas, remete a pesquisa realizada anteriormente, quando escrevi o trabalho de conclusão de curso da especialização em História, Arte e Cultura pela UEPG (2011) sobre a culinária menonita em Curitiba, onde relatei sobre o valor das práticas cotidianas dessas mulheres menonitas, e, o quanto foi fundamental o seu ensino para a preservação da cultura, da história e da identidade dessa comunidade. Ao mesmo tempo, observei o quanto essas mulheres não são ouvidas, pois os documentos oficiais sobre os menonitas foram escritos por homens que exerciam atividades de liderança na comunidade, como professores, líderes e pastores.

A escolha da temática da pesquisa foi além da importância histórica, aliada a um apelo particular e pessoal, posto que faço parte da terceira geração¹ dos menonitas e, portanto, foi necessário municiar dos instrumentos da pesquisa histórica, de modo a construir uma postura crítica e reflexiva a respeito dos valores e das práticas da comunidade. Enquanto integrante da comunidade menonita, cresci ouvindo relatos do envolvimento de familiares em atividades da comunidade, como o meu tio, irmão da minha mãe, que vendeu um terreno para doar o dinheiro para a construção do prédio novo da igreja em 1972, e meu avô materno que fabricou todos os bancos de madeira do templo, já que era carpinteiro.

1 Entende-se como integrantes da terceira geração, os filhos de casamentos de membros da segunda geração, e que se localizam entre as décadas de 1970 e 1980.

Nesse processo investigativo há sentimentos, histórias e memórias pessoais que se misturam à pesquisa histórica. Jacques Le Goff (1990) afirma que a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, e que este não pode ser ingênuo, pois é necessário transferir o documento da memória para a ciência histórica. Portanto, essa é a conclusão que espero obter dos leitores desse trabalho, pois ao escrever sobre a história da educação menonita nos lares a partir da ótica feminina, fez-se a análise, ampliando a perspectiva sobre o tema.

O marco temporal desta pesquisa são os anos 1972 e 1984, datas de grandes mudanças para a Comunidade Menonita do bairro Boqueirão em Curitiba (PR), igreja frequentada pelas mulheres entrevistadas para esse trabalho e/ou por suas filhas. No ano de 1972 foi construído o templo da Igreja Irmãos Menonitas do bairro Boqueirão em Curitiba (PR), a rua Waldemar Loureiro de Campos, mesma rua em que foi construída, em 1946, a primeira Casa de Oração dos menonitas ao chegarem em Curitiba, e que, também, foi a escola dos filhos dos imigrantes que se instalaram no bairro no início do século XX.

A construção do novo templo em 1972 foi marcante para a comunidade porque, entre outros fatores, permitiu a ampliação do espaço para a realização dos cultos, e, porque exigiu o sacrifício financeiro de todos os membros, que pagavam boletos mensais para a realização dessa obra, representando assim um elemento a mais de agregação da comunidade menonita. A construção do templo e a ampliação da estrutura com cozinha, salão de esportes e salas de reuniões permitiu, dentre outras atividades, às mulheres a ampliação de suas práticas na comunidade através da realização de festas da comunidade, e a possibilidade de poder cozinhar nesse espaço viabilizando a socialização com as demais mulheres da comunidade, além de disponibilizar mais espaços de reuniões para a realização de eventos e de escola dominical para as crianças.

O ano de 1984 é o marco temporal final, porque nesse período a igreja do Boqueirão começou a realizar cultos na língua portuguesa, o que até então era celebrado somente em alemão ou no dialeto *plautdietsch*, mantendo, contudo, os cultos em alemão também (os quais são realizados todos os domingos até hoje), preservando os vínculos simbólicos e culturais com os primeiros imigrantes menonitas, por meio da língua e no espaço sagrado das celebrações religiosas. O

início dos cultos em português se deu no dia 18 de março de 1984, após várias reuniões com a diretoria da igreja, pois havia um receio de que a “cultura brasileira” se tornasse muito presente no meio menonita e que práticas como o divórcio acabassem sendo comuns na comunidade.

O idioma alemão nas celebrações religiosas – cerne da união dos menonitas – é uma marca importante da comunidade local que rememora e reforça o vínculo com os antepassados em todas as tradições e escolhas religiosas feitas por estes. Então, ao realizar a alteração da linguagem nas celebrações religiosas, uma marca importante da comunidade, é demonstrada a intenção de, por meio das práticas da igreja, se aproximar mais da sociedade brasileira, já que estavam acontecendo muitos casamentos entre descendentes de menonitas e pessoas de fora da comunidade (os chamados casamentos mistos), e os filhos e cônjuges precisavam ser incluídos na comunidade menonita.

O período histórico em que se posiciona o objeto de estudo desta pesquisa (1972 a 1984) está inserido nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil, contexto marcado pela ditadura civil-militar e pelo início da democratização do país. A partir dos anos 1970 percebe-se uma redução da taxa de fecundidade nacional, resultado das campanhas pelo uso de preservativos e de esterilização das mulheres. Cresce entre os casais o desejo de ter menos filhos pela “consciência da impossibilidade de sustentar e educar minimamente um grande número de filhos”. (Fausto, 2002, p.293) As mulheres ingressam no mercado de trabalho e muitas delas buscavam trabalho fora de casa para suplementar o orçamento familiar. Entretanto, a maioria das mulheres ficou restrita ao desempenho de atividades/funções denominadas de empregos femininos, como empregadas domésticas, lavadeiras, operárias, secretárias, balconistas, enfim, aquelas relacionadas ao desempenho de atividades realizadas no âmbito do espaço da casa.

As famílias menonitas da segunda geração estão dentro da estatística com relação ao número de filhos, pois, entre as décadas de 1970 e 1980, elas têm em geral entre três e quatro filhos. Contudo, no que se refere às mulheres entrarem no mercado de trabalho, as mulheres menonitas são uma exceção, já que a maioria delas opta por não trabalhar fora de casa, como veremos no decorrer do trabalho, porém, se mantém economicamente ativas e contribuindo para o orçamento familiar

dentro de sua compreensão e na formação que receberam e repassam às novas gerações.

A cidade de Curitiba na década de 1970 era composta por 609 mil habitantes e estava iniciando o Plano Diretor de Curitiba, aplicado pelo arquiteto do IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba) Jaime Lerner, com o objetivo de revitalizar as áreas tradicionais da cidade e criar novos locais de encontros para os habitantes. Aliado ao imaginário de criação de uma cidade modelo estava a preocupação da elite com o desenvolvimento econômico de Curitiba, por isso a formação da Cidade Industrial de Curitiba em 1973. Três anos depois, em 1976, o Jornal Diário do Paraná noticiava que a população de Curitiba era de 800 mil habitantes, o que demonstra o crescimento acelerado da cidade. Nesse momento surgiram prédios, e ruas alargadas e pavimentadas para acompanhar o aumento do fluxo de veículos. Segundo o periódico, Curitiba era uma cidade em transição, “mas a população mesmo que acompanhando esse crescimento, sabe conservar os bons hábitos da antiga província”. (A sábia transição, 1976, p.12)

Na década de 1970 os menonitas residentes em Curitiba dedicavam-se, principalmente, à atividade leiteira. Em 1967 os menonitas eram citados como “os responsáveis por quase todo o leite que o curitibano consome”, e um grupo de imigrantes que se integrava progressivamente na sociedade, inclusive seus filhos frequentando as universidades. (Varassin, 1967, p.8) O mesmo periódico descreve os menonitas como muito ariscos, “gente sofrida, com péssimas recordações do regime comunista, que os obriga a serem desconfiados, só aceitando os membros da sua família”. (Núcleo Leiteiro [...], 1972, p.5) Essa descrição apresenta características do grupo que são abordadas neste trabalho, como a identidade de uma comunidade que superou dificuldades e que valoriza a sua liberdade, devido ao seu histórico de perseguições, e que é uma comunidade fechada. Justamente por essa característica isolacionista que os menonitas optaram por morar no bairro Boqueirão, que em suas origens estava distante cerca de 14 quilômetros do centro da cidade.

Concluindo a notícia sobre os menonitas, o artigo do jornal ainda afirma que “apesar de já estarem dentro da zona urbana de Curitiba e de serem segunda ou terceira geração dos menonitas que iniciaram a criação do gado leiteiro, ainda

falavam o português com acentuado sotaque”. (Núcleo Leiteiro [...], 1972, p.5) Ou seja, os menonitas desse período estavam vivendo uma transição do meio rural para o urbano, e da língua mãe (alemão e dialeto) para o português.

Vislumbrando o panorama nacional e regional do período analisado, concluí que as mulheres menonitas da segunda geração, as quais viviam nesse contexto, assimilaram os ensinamentos menonitas e os transmitiram à terceira geração, que nasceu nos anos 1970 e 1980. Para tanto, foi fundamental entender a estrutura familiar menonita e investigar quais eram as práticas culturais relacionadas à sua comunidade. Nesse sentido, observei como os valores éticos e morais eram transmitidos da comunidade para a família e vice-versa. E entendi como se davam as práticas educativas não formais, tendo a influência e reverberações no ensino formal, a partir da observação da estrutura de uma escola menonita – o Colégio Erasto Gaertner –, e da comunidade menonita.

Os valores éticos e morais da comunidade cristã são fundamentais para os menonitas, tendo em vista o seu histórico de perseguições religiosas e políticas. Os valores éticos e a força da comunidade definem as características do grupo menonita desde sua origem e moldam as famílias nele inseridas, assim como a forma de educação das futuras gerações. É nessa perspectiva que se fez necessário o estudo do cotidiano dessas famílias e, em especial, das mulheres no contexto das atividades plurais da comunidade e da sociedade brasileira inserida numa política de ditadura civil-militar nas décadas de 1970 e 1980.

A tradição menonita se revela nos momentos íntimos, nas relações familiares, nas conversas e ações desenvolvidas entre mães e filhas, nos conselhos e ensinamentos reforçados nessas práticas. Além disso, as personagens desse estudo são testemunhas oculares de um tempo singular da história brasileira (a ditadura civil militar) somadas ao seu histórico de traumas devido a perseguições e cerceamentos de liberdade em razão das devoções e crenças religiosas que os tornou uma comunidade autocentrada na maioria dos lugares/países pelos quais migraram desde que surgiram ainda no período da Reforma Protestante no século XVI na Europa, e, no Brasil, mantiveram este aspecto de “isolamento” sociocultural até a primeira metade do século XX.

Peter Burke destaca a importância do estudo das práticas cotidianas de pessoas comuns e de como, na historiografia, tem havido um aumento do interesse

no estudo da história da memória. “Esse interesse cada vez maior provavelmente é uma reação à aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos”. (Burke, 2005. p.88) Partindo dessa perspectiva, considere que as mulheres menonitas da segunda geração são, no contexto da comunidade, as agentes que se sentem responsáveis por ressignificar as identidades do grupo através dessas práticas cotidianas transmitidas aos integrantes mais jovens de suas famílias. Segundo Candau (2023), a memória compartilhada se expressa por memórias que podem ser coletivas, comuns, sociais, familiares, históricas ou públicas. As mulheres pertencentes à comunidade menonita compartilham as memórias da trajetória imigratória dos menonitas, das suas tradições e dos seus costumes, tanto no espaço da comunidade, quanto em práticas cotidianas no lar.

Num estudo sobre as famílias dos anos 1970 e 1980, Mary del Priore (2013) apresenta um panorama das mulheres brasileiras nesse período. As mulheres dos anos 1970 são apresentadas como mulheres que precisavam se reinventar, decididas e que se sustentavam e se cuidavam mais, por isso, trabalhavam em escritórios, serviços, fábricas e lojas. Já as mulheres dos anos 1980 eram conservadoras e tímidas, mas sabiam que suas filhas precisavam conquistar a independência, sem abrir mão do casamento. A análise de Del Priore centra-se na espacialidade, materialidade e contexto sociocultural urbano de duas décadas em que foram vivenciadas intensas transformações em diferentes setores da vida social brasileira, nesse sentido, questioneei: as mulheres menonitas, inseridas nessa sociedade, ajustavam-se a essas alterações de padrões ou ativeram-se aos preceitos das gerações que as precederam?

Segundo Michelle Perrot (2013), a Reforma Protestante existiu para as mulheres, principalmente para a instrução, pois o livre acesso à Bíblia estimulou a alfabetização de meninas na Europa, e as mulheres de pastor eram ajudantes de seus maridos no ministério, tornando-se modelos de mulheres reformadas. No livro em comemoração aos oitenta anos dos menonitas no Brasil, Alfred Pauls enfatiza “a indissolubilidade dos laços matrimoniais e a fidelidade conjugal” como valores intocáveis da comunidade. (Pauls, 2010, p.35) Contudo, as mulheres brasileiras dos anos 1970 e 1980 já viviam num contexto em que o divórcio era permitido (a lei do divórcio foi aprovada no Brasil em 1977) e, em que houve uma considerável

diminuição do tamanho das famílias. (Priore, 2013, p.76) As mulheres menonitas eram mulheres instruídas e que auxiliavam na igreja, conforme o modelo de mulheres reformadas citada por Michelle Perrot? Eram mulheres dedicadas à família, ao marido e aos filhos, seguindo o valor intocável dos menonitas? Ou foram mulheres que se adaptaram à realidade sócio-cultural brasileira, diminuindo o número de filhos ou, inclusive, aceitando o divórcio?

O que percebi nesse estudo é que essas mulheres menonitas da segunda geração selecionaram as ações e as práticas do passado que eram dignas do discurso de “manutenção das tradições”. A tradição foi mantida, preservada, ressignificada, transmitida através dos rituais simples e cheios de significados, por exemplo, de uma oração, de uma conversa sobre a história da família enquanto cozinhavam com suas filhas um alimento típico, ou se fazia um artesanato, ou era ensinada a maneira certa de limpar uma casa, ou ainda quando se vestia uma roupa específica para ir ao culto. E, é sobre essas práticas cotidianas repetidas ao longo dos anos e que deixaram suas marcas, que direcionei “um olhar” mais atento, buscando compreender os significados e permanências no cotidiano das mulheres menonitas.

Edward Thompson é conhecido como um historiador comprometido, preocupado com os excluídos e que traz uma perspectiva da “história vista de baixo”, dando voz a homens e mulheres esquecidos. “Para tal, busca perceber através da luta de classes a formação de experiências históricas do operariado inglês do século XVIII”. (Melo, 2011, p.2) A autoformação acontece a partir das experiências históricas e conquistas apreendidas por homens e mulheres, portanto, a formação das identidades se torna possível através das experiências vividas. Assim como a classe operária inglesa se formou num contexto de industrialização, a partir de uma dinâmica histórica que deriva de “processos sociais articulados ao longo do tempo”, a comunidade menonita construiu sua trajetória nessa dinâmica de processos sociais e de múltiplas experiências. (Melo, 2011, p.6)

Nesse sentido, o aprendizado é um mecanismo de transmissão entre gerações. “No que diz respeito aos mistérios da criação dos filhos, a jovem mãe cumpre seu aprendizado junto às matronas da comunidade”. (Thompson, 1998, p.18) Nesta pesquisa constatei que as mulheres menonitas se encontravam em reuniões de mulheres para perpetuar esse aprendizado e trocar experiências, numa

transmissão de experiências sociais ou sabedoria comum da coletividade. A educação formal não se interpõe significativamente na transmissão das práticas culturais e tradições de geração para geração, por isso, a relevância da educação informal no espaço íntimo dos lares menonitas. É nesse ambiente familiar que “as práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares”. (Thompson, 1998, p.18)

Como esse trabalho visou entender o processo de transmissão das tradições menonitas entre gerações, utilizei a teoria de memória geracional de Jöel Candau (2023). Segundo o autor, a memória genealógica e familiar é o laço vivo das gerações, e é o conjunto de lembranças compartilhadas pelos membros da família que determina a identidade dessa família. A memória familiar é uma memória curta, que remete a duas ou três gerações, e é dentro dessas três gerações que realizei a minha pesquisa. Todavia, são essas memórias que tornam um grupo de pessoas uma família.

A reminiscência comum e a repetição de certos rituais (refeições, festas familiares), a conservação coletiva de saberes, de referenciais, de recordações familiares e de emblemas (fotografias, lugares, objetos, papéis de família, odores, canções, receitas de cozinha, patrimônio e nomes próprios), bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento e dos laços familiares, fazendo com que os membros da parentela queiram considerar-se como *uma* família. (Candau, 2023, p.140)

Candau continua explicando o que é uma memória geracional, a qual é uma memória de fundação, podendo ser antiga ou moderna. A memória antiga refere-se ao que “nossos antepassados lutaram por nós”, no caso dos menonitas, seria a memória de origem, do histórico de perseguições e lutas que trouxeram os menonitas ao lugar em que se encontram atualmente. (Candau, 2023, p.142) Já na memória moderna os membros se autoproclamam guardiões e, segundo o autor, é uma memória que está fadada a desaparecer. Para ele, os imigrantes de segunda geração são gerações sem memória e não têm nada a transmitir, porque o autor entende que uma memória geracional não é puramente biológica, mas também vive sob critérios sociais, políticos e culturais. E é essa análise que procurei fazer na minha pesquisa, iniciando a investigação a partir do critério biológico, filhas de

imigrantes, mas indo além, investigando as dinâmicas sócio-culturais e políticas, assim como as interações entre as famílias, a comunidade e a sociedade em que estão inseridas.

O presente estudo se insere no campo da História Cultural, em autores como Michel de Certeau (1995; 2008), para refletir sobre as tradições, os costumes, o cotidiano e as suas práticas. Ampliando essa perspectiva também citei Michael Pollack (1989; 1992) e Jöel Candau (2023) para compreender a relação entre memória e identidade.

A História da Educação aproximasse do campo da História das Mulheres, onde pautei meus estudos em autoras já mencionadas como Mary del Priore (2013) e Michelle Perrot (2013), que discutem o espaço ocupado pelas mulheres e as questões do público e do privado, também em Joana Maria Pedro (2008) que estuda as mulheres do Sul, e Natalie Zamon Davis (1990) que analisa as mulheres protestantes. Trânsitei na História das Religiões em autores como Jean Delumeau (1989) e Rute Salviano Almeida (2022), que analisa a religião protestante sob uma ótica feminina. Entre a História das Mulheres e da Religião, ainda é importante citar Woodhead (2013), que reflete sobre as relações de gênero com a religião.

A pesquisa se insere no campo da História da Educação, sendo seu objetivo primordial pesquisar os seres humanos e seus processos de vida. Mas percebemos uma ampliação do seu viés de pesquisa a partir do momento em que se aproxima da História Cultural, o que permite a diversificação dos temas e das fontes. No final dos anos 1980, a História da Educação definiu novas fronteiras ligando-se “à história, à psicologia, à sociologia, à antropologia, à história da criança e da família, à etnografia e aos estudos sobre as mulheres” (Nóvoa, 1996. p.428) Nessa perspectiva

Reconstituir a herança que cada geração recolhe do passado, os poemas ou os cânticos que escuta, os livros que lê, as obras de arte que admira, os espetáculos que a prendem, os ritos que respeita, os autores que venera não basta: é ainda preciso desmontar os mecanismos do seu sistema de educação, introduzir-se entre os seus diversos órgãos de iniciação, a família, a escola, o fórum, a caserna, a assembleia municipal, a confraria, o sindicato, avaliar a eficácia dos meios de difusão maciça que foram, por exemplo, a prédica, o teatro, o discurso, a imprensa ou a literatura de obras populares; analisar por fim cuidadosamente o conteúdo comunicado por estes diversos instrumentos pedagógicos. (Xavier, 2000. apud Rioux e Sirinelli. p.219-220)

Observa-se aqui a importância dos estudos que se voltam para a análise dos mecanismos dos sistemas de educação, assim como da transmissão da herança cultural a partir das relações sociais. Os processos socioculturais são reveladores “da imbricação entre escola e sociedade, entre educação e cultura” (Xavier, 2000. p.228) Nesse sentido, também se ampliam as fontes, incluindo a fotografia, a iconografia, o material escolar, o resgate da memória através das fontes orais, dos sermões, das correspondências e dos diários, por exemplo.

Segundo Pierre Nora (1993) a memória refere-se a grupos vivos, suas lembranças e afetos que são unidos por um grupo e aparecem através de gestos e hábitos. Tendo Nora como referência, entendemos que a História é a reconstrução do passado, uma análise, um discurso que, todavia, liberta a memória e a torna universal. A história transforma a memória.

A prática do historiador se pauta em encontrar fontes históricas que estão repletas dessas memórias, das suas marcas e, para esta pesquisa uma das fontes foi a oral, por ser o testemunho e o discurso de uma época. Para entender as práticas cotidianas das mulheres menonitas precisei indagá-las sobre as suas ações e, posteriormente, analisei o seu discurso. Para Jacques Le Goff “a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem”. (Le Goff, 1990, p.540)

Dentro do processo de uso de fontes, fiz uso da pesquisa bibliográfica, de fontes escritas primárias e secundárias como livros e periódicos, fontes materiais como livros, fotografias e objetos pessoais, entrevistas e fontes orais que forneceram elementos para construir a história dessas mulheres. No repertório de fontes escritas analisei os livros produzidos pelos menonitas e periódicos paranaenses como o Estado do Paraná e a edição comemorativa Tradição e Etnias, encontrados na Biblioteca Pública do Paraná, e selecionados a partir da pesquisa local, usando as palavras-chave “russo-alemães” e “menonitas”, e o Jornal Diário do Paraná, cuja pesquisa na Hemeroteca teve como palavras-chave “menonitas do Boqueirão”.

Os periódicos são fontes importantes porque demonstram como os menonitas eram vistos pela sociedade paranaense e curitibana, onde estão inseridos. Dentre as fontes menonitas, o editorial *Bibel und Pflug* (Bíblia e Arado),

que foi distribuído entre os menonitas de 1954 até o início do século XXI, inclui artigos escritos em alemão (os artigos foram traduzidos pela autora), sobre o cotidiano, suas crenças, casamentos, falecimentos e nascimentos, assim como poemas e informações sobre as comunidades menonitas. Os dois livros comemorativos de 50 e 80 anos da imigração menonita no Brasil foram estudados como documentos monumentos, uma vez que foram produzidos pelos menonitas, e constituem-se como “espelhos” de si.

Dentre as fontes materiais incluí ainda a fonte imagética, analisando fotos de famílias e da comunidade menonita, e trabalhos artesanais realizados pelas mulheres menonitas e que registrei ao realizar as entrevistas.

Aliado às fontes materiais, usei as fontes orais, onde precisei ser a historiadora mediadora e problematizadora, analisando fontes testemunhais como memórias e objetos pessoais. Segundo Pollak, ao fazer a pesquisa usando a história oral, devemos encontrar o que é importante para a pessoa e, a partir dessas memórias, definir as datas, os fatos e os discursos relevantes para o indivíduo e para a comunidade. Nas palavras do autor, “penso que a história de vida apareceu como um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança, os momentos de transformação”. (Pollak, 1992, p.211)

Como o objetivo foi encontrar esses momentos de transformação ou preservação das práticas de formação feminina, mas, principalmente as permanências dentro das famílias menonitas, a partir do relato de mulheres que viveram esse processo, para as entrevistas selecionei cinco mulheres menonitas nascidas no final da década de 1930 e durante a década de 1940 na cidade de Curitiba. As entrevistas ocorreram dentro de uma perspectiva de História oral temática, portanto, como o estudo é sobre a educação no lares menonitas, as entrevistas foram orientadas dentro dessa temática, questionando as mulheres sobre suas rotinas em casa com seus pais, imigrantes da primeira geração, e com suas novas famílias, a fim de entender essas transações entre a primeira e a terceira geração.

Previamente às entrevistas, as mulheres preencheram um questionário direcionado com perguntas sobre as rotinas no lar, na comunidade e sobre a educação recebida pelos pais e transmitida aos filhos. O critério principal para a escolha dessas mulheres foi elas serem filhas de imigrantes menonitas que vieram

da Rússia, frequentarem a Comunidade Menonita dos bairros Boqueirão e Xaxim, em Curitiba (PR) entre 1972 e 1984, e serem mães de filhas. Dentro desse critério se encaixaram cinco mulheres da comunidade menonita, por isso, a escolha dessas entrevistadas. Apesar de terem esses pontos em comum, viveram realidades diferentes, pois algumas casaram com membros da comunidade menonita e outras não, o que traz para a pesquisa os pontos de tensão com a própria comunidade.

Margarida Maass, mãe de três filhas e minha mãe, foi selecionada para ser entrevistada porque ela é filha de imigrantes, crescendo na comunidade menonita, e casou com um homem luterano, portanto, de uma outra denominação religiosa, porém, tendo em comum a cultura germânica. Erica Polycarpo é filha de imigrantes e mãe de um filho e uma filha, casada com um homem que não frequentava uma igreja protestante e não era menonita. Nesses dois casos, o fato das mulheres não terem cônjuges menonitas ampliou a investigação na medida em que busquei entender como essas diferenças culturais e religiosas influenciaram a educação e as relações cotidianas nesses lares.

Hildegard Wiens e Edite Wiens são filhas de imigrantes e casaram com homens da comunidade menonita do Xaxim, sendo as duas entrevistadas que frequentam a Igreja Irmãos Menonitas do Xaxim, e não do Boqueirão, o que também trouxe uma perspectiva ampliada da comunidade menonita. Hildegard Wiens têm três filhos e uma filha, e Edite Wiens têm duas filhas e um filho, e é esposa de pastor, o que trouxe uma visão sobre a administração de uma igreja menonita.

Elisabeth Peters, a quinta das mulheres entrevistadas, viveu a sua infância numa peregrinação pela Europa durante a Segunda Guerra Mundial, só vindo para a América após o final desse conflito. Sobre essa peregrinação iniciada durante o período da 2ª Guerra e concluída no Brasil, quando se casou na década de 1960, Elisabeth escreveu um livro de memórias, *Minha peregrinação iniciada na 2ª Guerra* (2021), o qual foi publicado pela sua neta Marina Voigt Meyer como trabalho de conclusão de curso universitário. Além do livro, a autora também publicou vários artigos nas redes sociais do Facebook, na página denominada *Antigamente Curitiba*, contando suas memórias sobre Curitiba e a comunidade menonita. O livro e os artigos de Elisabeth Peters demonstram que ela, enquanto uma mulher menonita, assume o papel social de memorialista, o que é uma exceção num contexto

sociocultural em que quase há exclusividade dos homens que escreveram a história menonita. Elisabeth também foi selecionada por ser a primeira mulher no meio menonita que passou pelo divórcio, trazendo o diferencial nas relações conjugais.

Todo o projeto de pesquisa e o processo de entrevistas foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética², e as mulheres entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 2), autorizando o uso dos seus nomes. As entrevistas foram realizadas em suas residências, individualmente, para o seu maior conforto. Antes das entrevistas, as mulheres responderam um questionário padronizado (apêndice), fornecendo uma base de informações gerais sobre seus pais, sua família e memórias cotidianas.

O trabalho visa trazer contribuições para o campo da História da Educação, portanto, está estruturado em três capítulos que perpassam as estratégias educacionais dessas mulheres nos lares, na comunidade e na escola menonita. No primeiro capítulo apresentei a síntese histórica da trajetória migratória dos menonitas até a cidade de Curitiba (PR) no início do século XX. Na primeira parte do capítulo observei a construção da identidade dos menonitas como uma comunidade moldada pela perseguição, pautada nos valores da fé, do trabalho e da união da família e da comunidade. Na segunda parte apresentei o lar menonita e o papel da mulher no espaço do lar, um espaço privado onde foi possível observar como a mulher menonita exerceu sua vocação de esposa submissa e mãe zelosa, responsável pela educação dos filhos na fé, e pela manutenção das tradições da comunidade menonita.

No segundo capítulo fiz a análise das tradições menonitas a partir do relato das mulheres menonitas que são filhas de imigrantes da primeira geração de menonitas no Brasil, e que se tornaram mães nas décadas de 1970 e 1980. Iniciei o capítulo com uma introdução sobre a importância da história oral e das memórias individuais que se fundem com as memórias da comunidade menonita, entendendo os processos educacionais dessas mulheres. A educação no lar perpassa as receitas deixadas pelas mulheres imigrantes e o seu processo de transmissão à terceira geração de mulheres, enfatizando o seu fazer diário. E continua no estudo das tradições religiosas, na preservação dos valores cristãos em práticas cotidianas como a oração antes das refeições, avançando para as ações relacionadas ao

2 Parecer Consubstanciado do CEP. Nº do parecer: 5.978.302. (documento em anexo 1)

cuidado do lar e aos artesanatos feitos pelas mulheres entrevistadas, reforçando a vocação dessas mulheres.

O terceiro capítulo faz um diálogo entre a família, a escola menonita – Colégio Erasto Gaertner - e a comunidade, numa troca entre o espaço privado e o espaço público para a preservação da tradição menonita, e a transmissão dos saberes aprendidos no lar. Nesse processo foi possível observar a importância das redes de sociabilidade e de solidariedade em espaços como o grupo de mulheres, onde essas mulheres podem trocar experiências, aprendizados e manter um trabalho de assistência social.

CAPÍTULO 1: A História e o Lar Menonita

1.1. A trajetória menonita

A História pode ser definida como uma ciência poética, uma ciência em marcha, um problema cívico e moral, uma “distração”, mas em todas, ela é um problema que precisa ser pensado a partir de suas fontes e cujo objeto é “o homem no tempo”. (Bloch, 2001. p.24) O ofício do historiador, portanto, é compreender o presente pelo passado e vice-versa, não julgar. O historiador precisa saber perguntar aos documentos, formular hipóteses e valorizar o processo. Marc Bloch ensina a maneira de o historiador ser imparcial: sendo o juiz que interroga as testemunhas e o cientista que provoca o experimento. O autor afirma que é mais fácil julgar do que escutar a alma, e posicionar o objeto de estudo entre o bem e o mal, porém é preciso compreender as almas. “Inclusive, para travar as inevitáveis lutas, um pouco mais de compreensão das almas seria necessário; com mais razão ainda para evitá-las, enquanto ainda há tempo”. (Bloch, 2001, p.128)

Compreender as almas da segunda geração de mulheres menonitas residentes em Curitiba (PR) entre 1972 e 1984 foi o desafio dessa pesquisa, que tem um olhar mais atento nas práticas cotidianas e educativas dessas mães que visam transmitir às gerações seguintes sua história, sua identidade e suas tradições.

Para entender a história dos menonitas é preciso ir a Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero em 1517. Martinho Lutero escreveu as 95 teses onde criticava a venda de indulgências, de relíquias, a falta de santidade dos clérigos e defendia a salvação pela fé. Sobre esse contexto, o autor Jean Delumeau afirma que “os santos não protegiam apenas contra a doença e a morte, davam também garantias para o além. Venerar as relíquias deles e, com maior razão as de Jesus e da Virgem, dava direito a indulgências”. (Delumeau, 1989, p.40) As ideias de Lutero levaram a rompimentos diversos na Europa com a Igreja Católica.

Além da igreja Luterana, na Suíça também surgiram reformadores como Ulrich Zwínglio, que renunciou como sacerdote da Igreja Católica para se tornar um líder reformista em 1522. Um grupo de seguidores de Lutero e Zwinglio começou a criticar a reforma, afirmando que estes ainda mantinham uma aliança com o Estado e que era preciso voltar às práticas dos primeiros cristãos. Em seus estudos bíblicos entenderam que os cristãos deveriam seguir os ensinamentos de Cristo, o que

incluía realizar o batismo dos fiéis somente quando adultos. Essa interpretação, contudo, foi rejeitada pelo clero e pelo Conselho de Zurique, que ameaçou perseguir e expulsar os que contrariassem essa decisão tomada em 18 de janeiro de 1525. Resistindo a essa decisão, os primeiros batismos foram realizados em 21 de janeiro de 1525 em Zurique, na Suíça, marcando o início da Igreja Ana-batista (re-batizadora).

Os anabatistas defendiam o batismo de adulto e foram os precursores dos menonitas. As suas convicções de fé eram um pouco diferentes das demais igrejas protestante do século XVI, pois acreditavam em um Deus trino, na salvação pela graça através do arrependimento, na autoridade e na interpretação das Escrituras, no poder do Espírito Santo e na Igreja como corpo de Cristo. Até hoje os princípios anabatistas incluem seguir Jesus na vida diária, estar unido em uma comunidade centrada em Cristo e superar os conflitos de forma pacífica.

Tendo essas convicções, os anabatistas passaram a ser perseguidos, o que não impediu que eles crescessem e se espalhassem pela Europa. De Zurique, o movimento anabatista foi para Appenzell, também na Suíça, onde teve seu primeiro mártir, Eberli Bolt, depois de ter conquistado mais de 1500 membros. Após a determinação de pena de morte a heresia anabatista em 1526 pelo governo de Zurique, os anabatistas que não foram capturados em Appenzell fugiram para a Morávia (atual Eslováquia) em 1528. E assim se iniciou uma marca sensível dos anabatistas relacionada à perseguição.

O movimento anabatista ganhou força quando chegou à Holanda, acrescentando vários adeptos, dentre eles o padre Menno Simons que abandonou o sacerdócio católico e se uniu a eles em 1535. Nos Países Baixos, Menno Simons reuniu anabatistas remanescentes e fundou uma igreja pacifista, firme e bem estabelecida, sendo orientados a casar apenas “dentro da fé”. Menno se posicionou contra uma aliança com o Estado, afirmando que seu compromisso era fundamentalmente com os ensinamentos da Bíblia – “Ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1.Coríntios 3:11). Por isso passou a ser perseguido pela Igreja Católica e pelos luteranos, tendo que viver como fugitivo. Surgiu então o termo menonitas, como aqueles que seguem Menno Simons.

No início do século XVIII, um grupo expressivo de menonitas emigrou da Suíça para os Estados Unidos em busca de liberdade religiosa. Todavia, o maior grupo encontrou refúgio na Prússia, “onde a benevolência dos governantes lhes concedeu ampla liberdade religiosa e isenção do serviço militar, em troca de impostos pesados e do trabalho penoso de drenagem de imensos banhados” (Pauls, 2010. p.33). O pântano tornou-se um terreno fértil e produtivo, e a dedicação ao trabalho trouxe ao grupo prosperidade econômica. Contudo, com a imposição do serviço militar e a proibição de adquirir terras pelo governo prussiano, os menonitas aceitaram o convite da imperatriz Catarina II³ para ocupar territórios recém-conquistados dos turcos na Rússia e desenvolvê-los. A eles foram concedidos diversos direitos e privilégios como a isenção do serviço militar mediante pagamento de impostos regulares, e o direito de autoadministração com todas as implicações de infraestrutura ligadas à organização civil das colônias – impostos internos e externos, a administração de heranças e partilha de bens, amparo às viúvas, aos órfãos e outros carentes, proteção e combate contra incêndios, construção e manutenção de estradas, hospitais, escolas, etc.

A professora Altiva Pilati Balhana faz uma descrição minuciosa da prosperidade dos menonitas na Rússia.

O nível de sua organização social e de suas atividades culturais atingiu o ponto mais alto, em relação aos menonitas de todo o mundo naquela época. Em 1914, os menonitas da Rússia compreendiam exatamente cem mil pessoas, distribuídas desde o sul da Rússia, até o Turquestão, a Sibéria e o rio Amur, na fronteira chinesa. Possuíam mais de 1.600.000 hectares de terra, 8 firmas industriais com cerca de 1.800 funcionários, 38 fábricas de tijolos e produtos cerâmicos, produziam 6% de toda a maquinaria agrícola da Rússia. Mantinham 400 escolas primárias, 13 ginásios, 4 colégios para moças, 2 colégios para a formação de professores, 2 colégios técnicos, 1 colégio comercial de nível universitário, com oito anos de estudos, escola para surdos-mudos, escola para diaconisas e Escola Bíblica. (Balhana, 1980, p.231)

Diante dessas informações foi possível entender o quanto foi penoso para os menonitas abandonarem as terras russas. As colônias tinham um alto grau de

3 A czarina Catarina II, a Grande (1762-1796), através do Manifesto de 1763, abriu o território russo a todos os germânicos que nele quisessem se estabelecer, assegurando-lhes direitos e privilégios especiais como liberdade de língua, religião e ensino, além de autonomia administrativa e tribunais próprios. Essas promessas atraíram em torno de 30.000 germânicos, que migraram para a Rússia entre 1764 e 1767, dentre eles, os menonitas. (JUSTUS, 1977)

autonomia até 1928, quando Joseph Stálin assumiu o poder na União Soviética e implantou o primeiro plano quinquenal, tornando obrigatória a língua russa em todas as escolas, e o governo apropriou-se das terras dos menonitas, forçando-os a uma nova migração para o Canadá, Paraguai e Brasil. Segundo Harry Janzen,

com o advento do comunismo na Rússia, os menonitas que, em grande parte se tornaram abastados e alguns, inclusive ricos, foram considerados inimigos do povo russo, foram desapropriados de seus bens, foram desterrados para a Sibéria ou simplesmente assassinados. Foi-lhes tirado o direito de ir e vir no próprio país e não dispunham mais de propriedades e de liberdade. (Janzen, 2010. p.113)

Segundo relato de Beatriz Firak ao jornal O Estado do Paraná, após a Primeira Guerra Mundial “tornou-se impossível a sobrevivência de cristãos no regime comunista”, devido a perseguição religiosa. (O Estado do Paraná, 7/03/1998) A primeira opção dos menonitas russos era emigrar para o Canadá⁴, mas como esse país fechou a porta para muitos deles, a maioria foi obrigada a ir para o Paraguai ou Brasil. Do grupo de 5.000 menonitas que saíram da Rússia em 1930, 1.000 tiveram permissão para o Canadá, 2.800 foram para o Paraguai e o restante foi para o Brasil. Apesar de o governo brasileiro não dar isenção do serviço militar, um quarto dos menonitas optou pelo Brasil, e 1.200 chegaram em Santa Catarina em 1930. “A partir desses acontecimentos, possivelmente, os menonitas passaram a ver a língua e a cultura alemã como parte essencial de sua fé”. (Maske, 1999. p.54)

Vindos da Rússia, após uma breve passagem pela Alemanha⁵, os menonitas desembarcaram no Brasil em fevereiro de 1930 e pararam para fazer uma quarentena na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. O relato a seguir apresenta a estranheza dos menonitas com o clima, o alimento e o povo brasileiro.

Dormíamos em barracas de lona, sem grande privacidade. Mas o que lembro, nunca esquecerei, foi nosso primeiro almoço. A vida inteira eu tinha comido batatinha, muita sopa de legumes. Mas aquele primeiro almoço no Brasil foi muito marcante e exigiu uma acrobacia para nossos estômagos e nossas mentes. A fila caminhava em direção à barraca da cozinha, cada um recebendo um prato e uma colher. Havia ali um imenso tacho. Fazia muito calor, era o mês de março. Imagine, março na cidade do Rio de Janeiro, debaixo de uma barraca de lona! Lá estava o cozinheiro sorridente,

4 O Canadá e os Estados Unidos receberam 18.000 menonitas em 1880, e o Canadá recebeu mais 21.000 menonitas em 1922.

5 Na Alemanha os menonitas ficaram um tempo como refugiados na cidade de Möhl, perto de Hamburgo, e receberam ajuda da Cruz Vermelha Germânica, de organizações menonitas da Holanda e do governo alemão do presidente Hindenburg.

lindos dentes brancos, o primeiro negro de nossas vidas, servindo um caldo totalmente preto. E, enquanto ele mergulhava a concha para servir mais um esfomeado, víamos o suor do seu rosto sorridente pingando para dentro do tacho de sopa de feijão. Nossa fome falou mais alto do que os sentimentos confusos que esta cena provocava em nós. (Siemens, 2010. p.14)

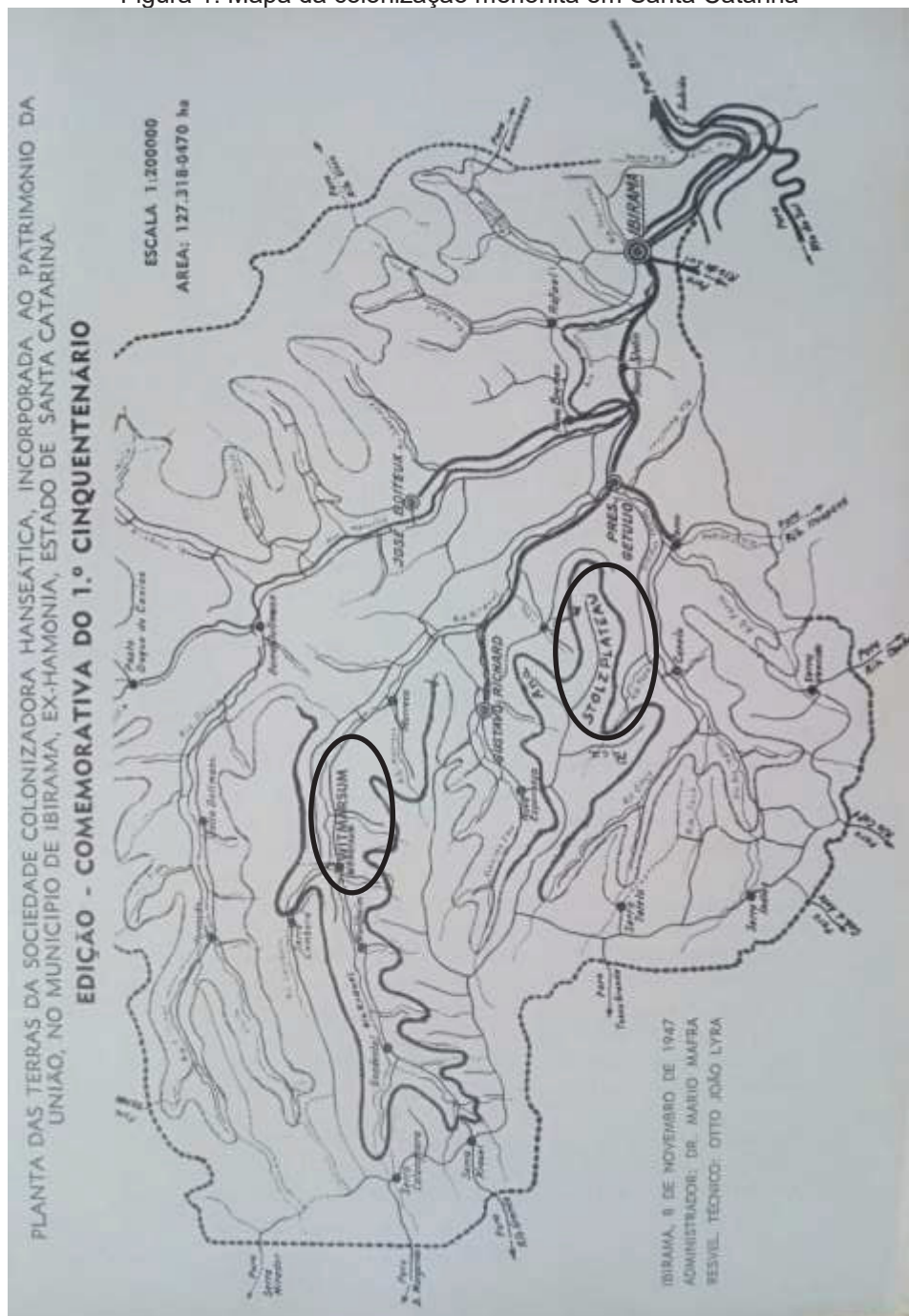
Após a quarentena, os menonitas foram encaminhados para o interior da selva virgem de Santa Catarina, no Alto do Rio Krauel, seguindo os afluentes Anu, Cambará e Catanguara (figura 1), onde formaram três núcleos – Waldheim, Gnadental e Witmarsum⁶. Outras famílias, posteriormente, foram conduzidas para o Stolzplateau (Serra do Mirador), onde formaram o núcleo de Auhagen. Para chegar ao seu destino, após fazerem uma viagem de navio até Itajaí, pegaram barcos menores até Blumenau, daí um trem e, por fim, fizeram os últimos 30 km a pé numa trilha no meio da floresta. A Companhia Hanseática de Colonização⁷, empresa proprietária e vendedora das terras, abrigou os menonitas em barracões nas primeiras semanas em Witmarsum, Santa Catarina e, por sorteio, distribuiu terras às famílias que iam chegando. A Colonização Hanseática, responsável pela vinda dos imigrantes, lhes forneceu algumas sementes para começarem o plantio como milho, feijão, além de cana de açúcar, batata doce, abóbora e outros grãos.

Os primeiros grupos de imigrantes menonitas tiveram de enfrentar dificuldades como o contato com doenças como a malária e a febre amarela, o clima tropical, quente e úmido, e o desafio do idioma.

6 Nome em homenagem a cidade natal de Menno Simons.

7 “A Sociedade Colonizadora Hanseática, instituição de origem alemã, sucedeu à Sociedade Colonizadora de Hamburgo, criada em 1849, e que em 1850, celebrou contrato com o Governo Imperial para a fundação de uma colônia agrícola em Santa Catarina. Em 1942, a sociedade passou a ser administrada pelo Governo Federal, tendo sido incorporada ao patrimônio da União em 1946.” (www.arquivonacional.gov.br). Para saber mais consultar a obra *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização do Interior Joinville e Blumenau* de Klaus Richter (1986), Editora UFSC/FURB.

Figura 1: Mapa da colonização menonita em Santa Catarina



Colônias de Witmarsum e Stolzplateau em Santa Catarina, no alto do rio Krauel, formadas a partir de 1930 por 1.200 menonitas. As colônias foram estabelecidas próximas ao curso do rio para assegurar a fonte de água para a agricultura e a criação de animais, base da economia de subsistência das primeiras famílias imigrantes que chegaram ao Brasil no início do século XX, ainda assim, estão em áreas afastadas dos núcleos povoados existentes na região. Fonte: Pauls, 1980, p.32.

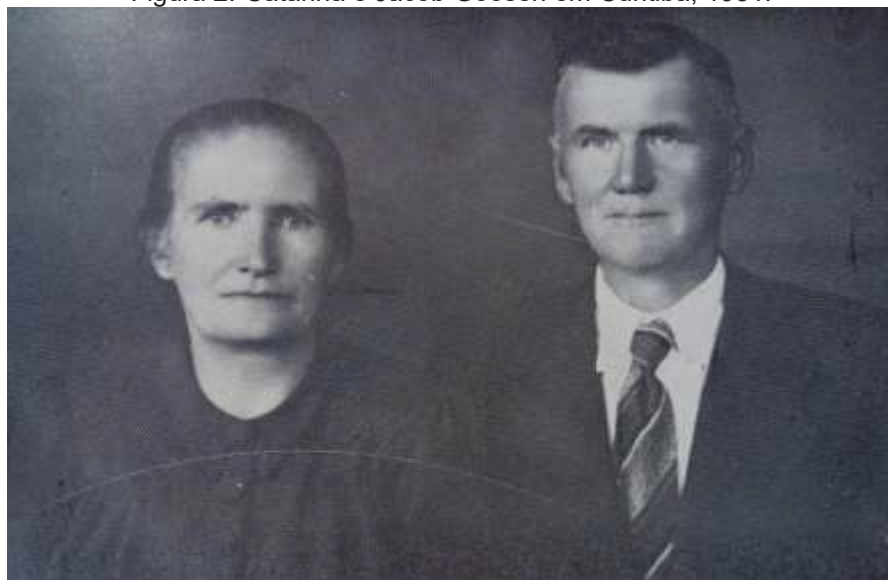
Essa questão do idioma perpassa a história dos menonitas desde a Prússia onde, devido às perseguições, se estabeleceram em colônias isoladas, tendo suas escolas e igrejas exclusivas, e desenvolvendo uma língua própria, o *Plautdietsch*

(uma mistura de holandês e alemão). Assim, os menonitas tinham o alemão como língua oficial na igreja e na escola, mas nas casas e nos relacionamentos sociais e cotidianos se falava o dialeto⁸.

Vários menonitas da colônia de Auhagen (na região do Stolzplateau) foram para o Krauel e os arredores de Curitiba (PR) porque, para esses colonos, era difícil se locomover até Witmarsum para realizar as atividades de beneficiamento (do milho e da mandioca), e para utilizar a serraria e os moinhos, o que levava oito horas de carroça. A decisão da migração para Curitiba (PR) também pode ser explicada pelo fato da sua paisagem ser semelhante a da Ucrânia setentrional, e por ser um local onde poderiam conviver com outros imigrantes alemães de origem russa. (Sahr, 2000)

O primeiro relato da vinda dos menonitas para Curitiba se deu em 1931 com a saída da família de Jacob Goosen (figura 2) de Santa Catarina em uma viagem que levou duas semanas. Chegando à Vila Guaíra, Jacob comprou uma vaca e uma bicicleta para vender leite, e assim começaram a vida em Curitiba, deslocando-se depois para o Bacacheri e, finalmente, fixando residência em uma fazenda no Boqueirão.

Figura 2: Catarina e Jacob Goosen em Curitiba, 1931.



O casal Goosen inicia o movimento interno de migração dos menonitas no Brasil, fazendo os deslocamentos de Santa Catarina para o Paraná na década de 1930 e

⁸ Durante o governo Vargas, quando houve a proibição do uso da língua alemã, os menonitas falavam o dialeto *Plautdietsch* nos espaços domésticos e nos locais de culto religioso, escapando assim da proibição do governo varguista do uso da língua germânica.

começa a fixação na zona rural de Curitiba. Os menonitas foram importantes para o processo de urbanização dos bairros Boqueirão e Xaxim, em Curitiba (PR). Fonte: PAULS, 1980.

Os terrenos no Boqueirão, uma fazenda de 960 alqueires a 7 km de Curitiba, foram loteados pela Companhia Territorial Boqueirão⁹. As famílias menonitas compraram 15 propriedades, formando o Núcleo Colonial Boqueirão I, sendo que os terrenos deviam ser pagos em 36 parcelas, com a obrigatoriedade de construir uma casa em sete semanas, o que só foi possível graças à produção de leite. A fixação dos menonitas nos bairros Boqueirão e Xaxim estava mais relacionada à política de terras brasileiras do período, do que simplesmente por uma escolha desse grupo, entendendo que a política de imigração brasileira visava incentivar a construção de núcleos coloniais com o intuito de suprir a escassez da mão-de-obra, melhorar o abastecimento do mercado interno e “branquear” a população brasileira.

Em 1936, com dezoito famílias no Boqueirão, foi fundada uma escola para os filhos dos menonitas, sob direção de Heinrich Hamms, que serviu também como Casa de Oração (figura 3). Segundo Wilson Maske, havia um “grande interesse por parte dos menonitas em manter a escola particular como o veículo de preservação de sua identidade particular menonita” e de preservação da língua alemã. (MASKE, 1999. p.120) Com a “nacionalização” do governo Vargas na década de 1940 e a proibição do ensino de outras línguas além do português, a escola do Boqueirão foi fechada, sendo reaberta em 1948 com a condição de que professores brasileiros natos ministrassem as aulas de língua portuguesa. Em 1952 a comunidade pode voltar a ter uma escola autenticamente menonita com o quadro docente composto por professores próprios, nascidos no Brasil.

Outra consequência da política de Vargas foi a proibição dos cultos dominicais em alemão. Na igreja do Boqueirão houve inclusive a interrupção dos cultos, contudo, o governo brasileiro entendeu que o *Plautdietsch* não era alemão e, assim, nos cultos e demais atividades da igreja falava-se o dialeto. Mesmo criando meios alternativos para manter a sua cultura, os menonitas foram afetados pela política de nacionalização que, segundo Maske, “provocou danos psicológicos e

9 As famílias Gutierrez e Ferreira do Amaral criaram a Companhia Territorial Boqueirão em 1930 com o objetivo de dividir os 960 alqueires da fazenda Boqueirão em lotes para a venda. A Companhia dividiu o terreno em 12.000 lotes de 15X15m e algumas dezenas de lotes coloniais (chácaras com dois alqueires cada). A negociação dos lotes ocorreu entre 1934 e 1982, tendo sido os menonitas os primeiros compradores e os imigrantes que desenvolveram a região com a construção da Igreja Irmãos Menonitas, do Colégio Erasto Gaertner e do Cemitério Municipal do Boqueirão.

emocionais na população teuto-brasileira que começou a ser discriminada em função de acontecimentos ocorridos na Europa¹⁰, com os quais eles não tinham, ao final e ao cabo, nada a ver”. (Maske, 1999. p.147)

Figura 3: Primeira igreja menonita no Boqueirão, Curitiba, 1946.



A Casa de Oração fundada em 1946 no bairro Boqueirão em Curitiba, e dirigida por Heinrich Hamms, também era utilizada como escola.

Fonte: Pauls, 1980. A construção atualmente faz parte da estrutura do Colégio Erasto Gaertner, servindo como capela para eventos da escola e da comunidade, cito na rua Waldemar Loureiro de Campos, Boqueirão (informação da autora).

O cenário de migração dos menonitas para o Brasil e, especificamente para Curitiba, pode ser construído histórica e cronologicamente a partir das gerações familiares. Quando se analisa o século XX, identificamos a primeira geração de um imigrante como sendo aqueles que vieram diretamente da Europa e passaram por Santa Catarina antes de se estabelecer no Paraná. Enquanto a segunda geração são os filhos de imigrantes europeus nascidos no Brasil, e que são responsáveis diretamente pela perpetuação das tradições, cultura e práticas cotidianas dos menonitas.

Entendendo que as mulheres da segunda geração de imigrantes são agentes de transmissão por (re)conhecerem as práticas e as tradições menonitas na intimidade do lar e no convívio com a comunidade menonita, elas se tornaram o meu objeto de estudo. Assim, as participantes deste estudo são as mulheres menonitas

10 A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o regime nazista.

da segunda geração, que viveram nos bairros Boqueirão e Xaxim em Curitiba (PR) durante as décadas de 1970 e 1980, onde se estabeleceram os primeiros imigrantes menonitas em Curitiba e também onde construíram sua primeira igreja e escola.

Os imigrantes menonitas e seus descendentes construíram memórias apoiados em sua história. Segundo Michael Pollak (1992), os elementos constitutivos da memória individual são os acontecimentos vividos pessoalmente e os elementos da memória coletiva são os acontecimentos “vividos por tabela”, como uma “memória herdada”. Essa “memória herdada”, geralmente, está relacionada a lugares de traumas, de comemoração ou monumentos. As mulheres menonitas tiveram suas histórias pessoais, cotidianas, mas também estavam inseridas numa comunidade unida por “memórias herdadas”, portanto, essas memórias precisam ser identificadas e relacionadas à construção da identidade dos menonitas. A identidade pode ser entendida como o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Segundo Pollak,

Podemos dizer que a memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992, p.204)

A identidade se produz em referência ao outro, e a identidade menonita se produziu em referência às nações com que o grupo teve contato durante sua história e, nesse estudo específico, no contato com o povo brasileiro, a fim de ter aceitabilidade e credibilidade sem, contudo, abrir mão de seus valores. Percebemos no grupo menonita uma negociação com o outro na questão do idioma (resignando o dialeto ao ambiente familiar e utilizando o alemão para conseguir bons empregos em empresas europeias), do trabalho (deixando a agricultura e produção leiteira em troca de atividades urbanas), das moradias (abrindo mão de viver em comunidades isoladas para conviver com vizinhos urbanos) e da religião (realizando cultos na língua portuguesa e investindo em trabalhos missionários).

A formação dessa identidade coletiva está ligada “a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo (...) o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência”. (Pollak, 1992, p.207) Na escrita de livros comemorativos de chegada dos menonitas ao Brasil, percebi esse investimento de escrita da sua história e de

reafirmação de seus valores, para que haja uma unidade e uma continuidade dessa “memória herdada”, que é constitutiva da identidade do grupo.

Os valores éticos e a força da comunidade definem as características do grupo menonita desde sua origem e moldam as famílias nele inseridas, assim como a forma de educação das futuras gerações. Max Weber (2001), para explicar a ética protestante, investigou as religiões protestantes como o luteranismo, o calvinismo e as igrejas anabatistas, e identificou um ponto predominante entre todos esses povos, qual seja, a “vocação” como “uma tarefa de vida, de um campo definido no qual trabalhar”. (Weber, 2001, p.64) A novidade nesse conceito, segundo o autor, é

a valorização do cumprimento do dever nos afazeres seculares como a mais alta forma que a atividade ética do indivíduo pudesse assumir. E foi o que trouxe inevitavelmente em significado religioso às atividades seculares do dia-a-dia e fixou de início o significado de vocação como tal. (Weber, 2001, p.65)

Dessa forma, os valores éticos observados nos menonitas são, na verdade, essa “vocação” descrita por Weber. Segundo o autor, a seita de Menno Simons, dentre as seitas batistas, é “a primeira doutrina razoavelmente consistente” e que pretendia “ser a verdadeira e irrepreensível Igreja de Cristo; tal como a comunidade apostólica” formada por pessoas que foram despertadas e chamadas por Deus. (Weber, 2001, p.107) Entendendo que eles eram irmanados a Cristo, os menonitas viveram

um rígido afastamento do mundo, no sentido de que todo intercâmbio não estritamente necessário com as pessoas mundanas, juntamente com a mais estrita bibliocracia, no sentido de assumir como modelo a vida das primeiras gerações de cristãos (...) e o princípio de alienação do mundo nunca desapareceu por completo enquanto o velho espírito permaneceu vivo. (Weber, 2001, p.107)

Como essas comunidades desejavam ser igrejas puras, totalmente submissas a Deus, a sua conduta era ascética, ou seja, a sua vida deveria ser um planejamento racional de acordo com a vontade de Deus. Dessa forma, as crenças, os valores e as práticas estão relacionados a essa ética protestante/batista. Compreender as práticas das famílias menonitas e o seu cotidiano é uma forma de preservar e redefinir as “identidades e memória de grupos de diversos matizes étnicos que, representam em uma multiplicidade de práticas, costumes, crenças e valores”. (Guillen, 2012. p.31) Nas práticas cotidianas dessas famílias é possível observar como se manifestam esses valores. O cotidiano significa esse “encadeamento

espontâneo e circunstancial de experiências particulares com práticas plurais”. (Jucá, 2012. p.25) A história dos menonitas está repleta dessas memórias que celebram os jubileus de sua chegada ao Brasil, as construções como suas igrejas e escolas, e celebrações como festivais de corais, casamentos, batizados, e datas religiosas, como Natal e Páscoa.

Analisando os livros¹¹ que celebram esses jubileus pude identificar a permanência de alguns valores menonitas como: **a fé e o trabalho, a luta pela liberdade** em um contexto de perseguições, **o sentimento de gratidão a Deus e ao Brasil** nesse processo, e **a união da família e da comunidade**. No periódico comemorativo da imigração no Paraná, Tradição e Etnias, é destacada essa característica dos menonitas.

(...) com os desafios vencidos pelo apego à fé e ao trabalho duro, mas sempre realizado em comunidade, através de mutirões chamados “scharwerk”, os menonitas conseguiram, ao longo dos últimos 40 anos, estabelecer um fluxo de alimentos básicos de qualidade (...). (Tradição e Etnias, 1993)

Esses valores são relatados pelos próprios menonitas, mas também nos jornais que contam a história desses imigrantes e por pessoas fora da comunidade, como é o caso do Deputado Federal Igor Losso¹², o qual escreveu uma nota no livro *Mennoniten in Brasilien*, em comemoração aos 50 anos da chegada dos menonitas ao Brasil. O deputado destaca primeiramente o valor da luta e das perseguições sofridas pelos menonitas em busca da liberdade.

Respeitável, porém, não só pelos prejuízos que sofreram, pelas perseguições de que foram vítimas, como pelo número de pessoas que tiveram de abandonar sua terra, seu lar, foi o êxodo dos menonitas, ao longo da história de uma fidelidade inarredável à sua religião. (Losso, 1980, p.229)

A fé é uma característica do grupo menonita que foi forjada pelas lutas, mas que também está alinhada ao trabalho, conforme a ética protestante. Ainda, segundo relato do deputado, “assim como tantos outros, logo que conheci a gente menonita, empolguei-me com sua fé e com sua capacidade de trabalho.” (Losso, 1980, p.230)

11 *Mennoniten in Brasilien: documento histórico para o jubileu dos 50 anos de imigração menonita no Brasil*, organizado por Peter Pauls Jr (1980). E *Quem Somos (1930-2010): a saga menonita rompendo a barreira cultural*, organizado por Udo Siemens (2010).

12 Igo Iwant Losso foi deputado federal pelo Paraná e era o irmão mais velho da família Losso. Era da Igreja Adventista do Sétimo Dia e representava os “evangélicos” na política.

Ainda como uma visão externa da comunidade, a professora Altiva Pilati Balhana, escreve um artigo sobre os menonitas no Brasil no livro do jubileu de 50 anos, onde faz um breve resumo da história dos menonitas. A professora relata a perseguição dos menonitas e destaca o valor da sua fé.

A Igreja Menonita aceita toda a Bíblia como sendo a inspirada palavra de Deus. Ela ensina as grandes doutrinas evangélicas da Bíblia em comum com todas as igrejas de Cristo: Salvação pela fé; a separação entre Igreja e Estado; o Batismo dos crentes; o amor positivo; Santidade e fraternidade e o discipulado. (Balhana, 1980, p.231)

No livro que comemora o jubileu de 80 anos da chegada dos menonitas ao Brasil, o pastor menonita Alfred Pauls aponta como uma das principais características que marcam os menonitas, as perseguições que os levaram a valorizar a liberdade.

As migrações penosas de um país para outro em busca de liberdade espiritual, em busca de um lugar seguro para viver, prosperar e crer, longe de desanimá-los, criou nos menonitas um espírito de pioneirismo tão forte e solidário que encontra poucos paralelos na história da humanidade.” (Pauls, 2010, p.43)

O pastor Peter Pauls Jr relata que os primeiros 50 anos dos menonitas no Brasil foram anos de vida dedicada ao trabalho e à fé, de história, de aculturação e integração, “de lutas e sacrifícios nas selvas, nos campos, nas cidades”, mas também de persistência e de liberdade. (Pauls, 1980, p.228) Contudo, nesse processo, não foi esquecida a ordem de Cristo: Ide e pregai o Evangelho a todos os povos. Os menonitas têm um sentimento de retribuição para com a terra que os acolheu, amando o Brasil e “contribuindo no setor econômico, na educação, na assistência social e na evangelização para o crescimento deste nosso país”. (Pauls, 1980, p.228)

O valor da união, de comunidade, também está relacionado ao histórico de perseguições¹³ vivenciado pelos menonitas e que é rememorado como parte da tradição e reafirmação da identidade da comunidade religiosa e do grupo social diferenciado. Segundo Alfred Pauls

13 As perseguições desde o início da Igreja Menonita no século XVI e da saída da União Soviética em 1930, como apresentado no início do capítulo.

Sacrificava-se o bem-estar pessoal em prol da segurança e união da comunidade. A solidariedade mútua era uma regra de vida. Em mutirão, vizinhos se ajudavam mutuamente na construção de casas e celeiros, em mutirão eram cavados poços, construídas e mantidas as estradas, pontes, escolas, hospitais e projetos sociais. (Pauls, 2010, p.44)

A solidariedade dos menonitas também estava relacionada à ética do trabalho, outra característica que permaneceu no grupo. O pastor Harry Janzen, no livro do jubileu de 80 anos, questiona “por que os menonitas são como são?”, e atribui parte dessa identidade à perseguição.

O fato de sempre serem relegados às piores áreas de solo para cultivo agrícola desenvolveu entre eles a solidariedade e a dedicação quase que exagerada ao trabalho. (...) Desenvolveu-se com isso uma ética de trabalho e conduta singular, que ganhava expressão mais forte à medida que os dias e os anos passavam. (Janzen, 2010, p.115)

Francielly Barbosa relata que a crença dos menonitas é marcada pela separação entre Igreja e Estado, pelo trabalho, pela força e pela união. O espírito comunitário era importante para “educar os filhos e preservar a herança dos antepassados, [além da] cultura, a fé em Deus e a vontade de trabalhar”. (Barbosa, 2010, p.46) Para auxiliar no sustento da casa se faziam sacrifícios também. Nas décadas de 1950 e 1960 as moças menonitas se empregavam nas cidades de Blumenau, Curitiba e São Paulo, para trabalhar em fábricas e em serviços domésticos.

Essa solidariedade era necessária para sobrevivência dos primeiros imigrantes no Brasil, contudo, é possível observar a continuidade dessa prática também em outras situações como a celebração dos casamentos. Segundo Francielly Barbosa, toda a comunidade ajudava na fabricação das comidas que seriam servidas no café no dia do casamento. Os ingredientes das comidas eram distribuídos um dia antes do casamento para membros da comunidade auxiliarem na fabricação. Os casamentos aconteciam sábado à tarde com café, uma pausa para tirar o leite, e a festa continuava a noite com cânticos folclóricos. Portanto, a união do grupo não se dava apenas nas adversidades, mas também nas comemorações familiares.

Tradições são adotadas pelos grupos sociais como uma forma de manter a sua identidade e a sua memória, dessa forma, tradições podem ser elaboradas e

modificadas para servir a determinados propósitos. No caso dos menonitas, que fizeram várias migrações, eles desenvolveram “uma cultura que se preocupa muito com a preservação de tradições, negociando permanentemente a sua adaptação aos contextos forasteiros”. (Sahr, 2000, p.6) Nesse sentido, algumas práticas da comunidade menonita reforçam seus valores e permitem a união do grupo.

Para Edward Thompson, costume é uma cultura, como uma “segunda natureza do homem”, no sentido de educação. A carga de costumes acontecia pela transmissão oral, já que era negado o acesso à educação para os trabalhadores, portanto, costume estava muito relacionado à direito consuetudinário, como regras e precedentes de um país. Segundo Thompson, cultura é mais do que um sistema de atitudes, valores e significados compartilhados, é também “um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos” que assume a forma de sistema sob pressão. (Thompson, 1998, p.17) Portanto, cultura é esse sistema de contradições que procura reforçar os costumes tradicionais e por formas não racionais. Para Thompson costumes, ritos e crenças são mantidos pela tradição.

As tradições menonitas podem ser percebidas em práticas religiosas como os cultos, escola dominical aos domingos, reunião de oração às quartas-feiras e reunião das senhoras. Como práticas religiosas e culturais ainda existem os corais (figura 4), os conjuntos musicais e as orquestras filarmônicas. Nesse aspecto, eram comuns celebrações conjuntas como os festivais de corais (*Sängerfeste*) (figura 5) e o culto em ação de graças pela colheita (*Entedankfeste*), celebrações que não acontecem mais.

Figura 4: Coral na Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão, 1980.



Coral formado por membros da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas do Boqueirão em culto em comemoração aos 50 anos da imigração menonita para o Brasil, 1980.

Fonte: Arquivo da Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão. Os corais, formados por aproximadamente 40 membros da igreja, podem ser de adultos ou crianças e ainda são ativos nas comunidades menonitas, especialmente em datas comemorativas como Natal e eventos da comunidade (informação da autora).

Figura 5: 1º Festival de Corais dos menonitas, 1950, Vila Guaira.



Primeiro festival de corais dos menonitas na Vila Guaira.

Primeiro encontro de corais na Igreja da Vila Guaíra (atual bairro Água Verde), dirigido pelo maestro D. Toews, onde foi cantado pela primeira vez por um coral menonita o “Aleluia” de Handel. Fonte: PAULS, 1980.

Ainda são celebrados os batismos (*Tauffeste*) (figura 6) e o dia 25 de novembro¹⁴ (*Aswanderungs-gedenktag*), em gratidão e memória à chegada dos menonitas no Brasil em 1930. Anualmente são realizados acampamentos de crianças, adolescentes e jovens (*Jugendfreizeiten*) e retiros de casais (*Ehefreizeiten*), no Acampamento Betel em Araucária (PR), propriedade das igrejas Irmãos Menonitas de Curitiba, e organizado por líderes e pastores da comunidade, reforçando o valor da família e da preservação do casamento. Como ações de filantropia e assistência social, os menonitas realizam bazares natalinos da AMAS¹⁵ (Associação Menonita de Assistência Social) no espaço do Esporte Clube Olímpico no bairro Xaxim, e cafés coloniais da AMB (Associação Menonita Beneficiente) na Colônia Witmarsum.

Figura 6: Batismo na 1ª Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão, 1970.



Festa de Batismo na 1ª Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão, 1970. Pastores J. Dück e W. Janz. (PAULS, 1980)

14 A comemoração do dia 25 de novembro é celebrada anualmente nos cultos das igrejas locais e, nos quinquênios ou decênios comemorativos, todas as igrejas se reúnem no templo ou em um teatro, sendo o evento organizado por um grupo de pastores e líderes das igrejas menonitas.

15 A Associação Menonita de Assistência Social iniciou seus trabalhos em 1970, com a fundação de uma creche em Witmarsum para ajudar crianças carentes na cidade de Palmeira, Paraná.

Num artigo do jornal Estado do Paraná de 2004, Heins Egun Philippsen, presidente da Associação de Moradores e Proprietários da Colônia Witmarsum, em Palmeira, no Paraná, afirma que os imigrantes menonitas de Witmarsum ainda

preservam bastante as tradições religiosas, e os cultos ainda são realizados em alemão, ressaltando os cantos, orquestras e danças teatrais. Nos meses de maio a julho eles realizam as festas da colheita, para agradecer os bons frutos colhidos durante a safra. (O Estado do Paraná, 2004)

Essa notícia confirma a preservação de algumas tradições menonitas trazidas pelos imigrantes do século XX ainda neste século, em 2004, como a Festa da Colheita, por se tratar de uma região agrícola, que ainda depende da colheita para sobreviver. Contudo, esse estudo se pauta na comunidade menonita em Curitiba, uma região urbana, portanto, é relevante entender como se deu a adaptação dos menonitas ao meio urbano, no contexto dos anos 1970 e 1980, e se essas tradições permaneceram nessas circunstâncias. Segundo Udo Siemens, pesquisador que estudou a história dos menonitas no Brasil através de seus prenomes, no processo de integração dos menonitas ao contexto brasileiro, houve uma aproximação forçada nos anos 1940, uma aproximação inconscientemente desejada depois do golpe de 1964 e, automaticamente aceita, cada vez mais rápido, após os anos 1970. (Siemens, 2010, p.202)

Pode-se afirmar que, ao atravessar dois períodos ditatoriais, os menonitas ainda que preservando a essência de suas tradições culturais que são cerne de sua base identitária enquanto comunidade e elementos geradores de agregação do grupo social, tiveram que reconstruir parcela de suas práticas culturais, inclusive, transmutando-se de comunidades agrícolas para urbanas e “abrindo-se” para receber pessoas exógenas à comunidade em “casamentos mistos”. A primeira geração viveu sob a ditadura varguista, enquanto a segunda geração conviveu com a ditadura civil-militar de 1964. As duas gerações tiveram de construir estratégias para preservar a si fisicamente e, a comunidade, bem como a identidade menonita num cenário social de repressão e sem garantia de direitos civis e políticos. Por isso, é no espaço doméstico, na privacidade do lar, que se refugiaram as famílias da comunidade menonita nestes dois momentos históricos para sua preservação física, cultural e identitária.

Durante a década de 1930 usar a língua alemã como comunicação significava, além de uma marca identitária, um empoderamento da nação alemã em processo de fortalecimento no período pós Primeira Guerra Mundial. Na década de 1940, devido a proibição do governo de Vargas de usar a língua alemã, muitos nomes alemães foram traduzidos para o português, e somente nos anos 1950 é que os menonitas tiveram novamente liberdade para registrar nomes alemães em seus filhos. Todavia, foram os acontecimentos políticos de 1964¹⁶ a 1969 que tiveram grande influência entre os menonitas, pois estes ainda lembravam os sofrimentos e os assassinatos cometidos por comunistas na Rússia.

Quando a inquietação política tomou conta do Brasil no início dos anos 60, cresceu também a inquietação entre os menonitas. Sobreveio o temor de novamente se verem ameaçados pelo comunismo e terem de fugir novamente. Os acontecimentos de março de 1964 foram vistos por nossos pais não como um golpe, mas como uma revolução que lhes salvou a pátria. O regime militar transmitiu-lhes novamente o sentimento de segurança contra a ameaça comunista. (Siemens, 2010, p.200)

Nesse contexto, o governo militar concedeu cidadania a muitos menonitas que ainda eram apátridas, fazendo com que os menonitas se sentissem brasileiros. Nos anos 1960 apenas cinco famílias menonitas ainda viviam da produção de leite no bairro Boqueirão, o que demonstra a urbanização dos menonitas. Além disso, começaram os casamentos mistos, o que é percebido na adoção de dois sobrenomes. No final dos anos 1960 e início dos anos 1970 muitos menonitas compraram uma TV, e a vitória do Brasil na Copa de 1970, aumentou ainda mais o sentimento de ser brasileiro. Conforme Siemens, esses fatos confirmam a fase de integração dos menonitas nos anos 1970, quando houve um aumento de alunos brasileiros no Colégio Erasto Gaertner, chegando a 50%, e os nomes de origem brasileira em crianças menonitas triplicou.

Na década de 1980 iniciou o período de “sentímo-nos em casa no Brasil”, pois o português passou a ser a principal língua falada em casa e iniciaram os cultos em português por causa dos casais mistos. (Siemens, 2010, p.202) E, assim os menonitas mantiveram a sua identidade negociando algumas tradições, porém, não negociando seus valores cristãos. Segundo Sahr, a religião é “o elemento essencial

16 Golpe civil-militar de 31 de março de 1964, quando os militares depuseram o então presidente João Goulart.

da integração sistêmica¹⁷”, e o elemento que sustentou a ética dos menonitas. Como conclusão do estudo da Geografia social e cultural dos menonitas, Sahr afirma

Hoje, os grupos que convivem em Curitiba, mantêm – como menonitas – uma dupla estrutura parcialmente conflitiosa entre a vertente alemã e a brasileira, não no sentido teológico, mas sim, no sentido das práticas cotidianas. (Sahr, 2000, p.15)

Os grupos menonitas mais tradicionais, em sua maioria, ligados à segunda geração de imigrantes, são trilingües – o *Plaudietsch* no âmbito restrito da família e entre amigos próximos; o alemão (*Hochdeutsch*) integrando os menonitas a outros grupos imigrantes e auxiliando na inserção do mercado de trabalho; e o português substituindo o russo e o ucraniano. Os menonitas tiveram uma inserção econômica e uma individualização econômica como resultado de um processo educacional moderno. “Até hoje, a educação representa um recurso altamente estimado (...), principalmente por seu valor integrativo à sociedade brasileira e seu papel econômico.” (Sahr, 2000, p.19)

Considerando a relevância destes elementos socioculturais para identidade da comunidade menonita, posso afirmar que as mulheres menonitas da segunda geração são agentes históricos que se sentem responsáveis e atuam socialmente de forma ativa para ressignificar a(s) identidade(s) do grupo através dessas práticas cotidianas transmitidas às/em suas famílias.

1.2. O Lar Menonita

A comunidade menonita, baseada na fé, no trabalho e na união, tem a Igreja como uma grande família. “Por sua própria origem e luta pela sobrevivência, a Igreja menonita nasceu dentro da família, se fortaleceu na família e se espalhou através da família”. (Pauls, 2010, p.33) Os principais valores dessa família são a Bíblia, a oração, os cultos devocionais em família e a frequência nos cultos. Além disso, os laços matrimoniais e a fidelidade conjugal são valores indissolúveis. No contexto da Igreja, os princípios fundamentais são os cultos priorizando o ensino da Bíblia, o estudo da Bíblia através da Escola Bíblica, e a Igreja e a escola como formadores da

17 Conceito utilizado por Habermas (1981), o qual defende que uma colonização do mundo é vivida por forças sistêmicas. Nesse sentido, a identidade do indivíduo é a dialética entre a Estrutura e o Agir, tendo este duas intenções, quais sejam, a construção de uma relação social e a manutenção da própria estrutura sistêmica. O imigrante ameaça a integração sistêmica no país de destino, e enfraquece as estruturas com a flexibilização e adaptação dessas estruturas, o que resulta no fortalecimento da integração social no novo país.

identidade de comunhão e fé. Essa centralidade da família na vida social dos menonitas, aliada a vida regida e normatizada pela religiosidade, em tese, não se confrontaria com a realidade sócio-histórica brasileira. Uma vez que nossa sociedade foi engendrada a partir da celebração do pacto colonizador estado-religião católica, o qual instituiu a centralidade de um “modelo” familiar patriarcal.

Neste cenário, em que os menonitas aportam no Brasil, no início do século XX, os processos de formação das famílias dependem de transformações econômicas, sociais e culturais no decorrer do tempo. Segundo Elza Berquó, “a família é, acima de tudo, a instituição a que é atribuída a responsabilidade por tentar superar os problemas da passagem do tempo tanto para o indivíduo como para a população”. (Berquó, 1998, p.414) Se olharmos a família brasileira perceberemos essa passagem do tempo. No período colonial brasileiro a família seguia um modelo patriarcal idealizado, sendo o homem forte e nobre, e a mulher fraca e bela. Esse sistema patriarcal seguia um padrão duplo de moralidade, como é descrito por Gilberto Freyre no livro *Sobrados e Mucambos* (2013). O homem tinha a oportunidade da iniciativa e da ação social, enquanto a mulher ficava limitada ao serviço doméstico e ao contato com os filhos, a parentela e os criados.

A partir da segunda metade do século XIX, durante a formação das elites nos centros urbanos nas cidades do Sul do Brasil, foi idealizada a imagem feminina de “mulher amante, filha, irmã, esposa, mãe, avó” nos jornais. (Pedro, 2008, p.281) As mulheres das cidades do Sul eram vistas como mães responsáveis pelo progresso e civilização, além de educadoras das novas gerações. Para o colono da cidade de Blumenau a família era fundamental, e a “manutenção dos hábitos e dos costumes alemães dependiam das mulheres, as quais, através das ‘prendas domésticas’, ofereciam um conforto difícil de ser mantido sem a presença feminina”. (Pedro, 2008, p.288)

O que é perceptível nesse contexto é a mulher como centro da casa, responsável pela educação e pelo enobrecimento da família, a qual levará a prosperidade da pátria. No século XIX são expressas várias opiniões sobre o papel feminino, e dentre elas a de Senna Campos Junior.

A posição da mulher nas sociedades é o termómetro de civilização dos povos, e a família a mais bela das instituições sociais. A influência da mulher no lar doméstico faz-se sentir sob a tríplice modalidade de filha, que alegra e distrahe; de esposa, que auxilia e consola; de mãe, que vela e educa. É aí que forma o caráter dos

cidadãos, e si, na família tanto influe a mulher, é obvia a magnitude de seu papel nas evoluções sociaes. (Almeida, 2022, p.58)

Assim como em Blumenau, em Curitiba as mães eram responsáveis pela manutenção da tradição, “juntamente com a escola, a religião e a língua, as mães no lar promoviam a conservação da identidade nacional baseada na origem étnica”. (Pedro, 2008, p.293) Na cidade de Curitiba, no início do século XX, as mulheres imigrantes eram enaltecidas, e os periódicos divulgavam o modelo de mulher ideal, qual seja, uma esposa que procura compreender o marido, é econômica, modesta e silenciosa. As mulheres menonitas da primeira geração, como imigrantes, se encaixavam nessa visão.

Fazendo um estudo sobre a família brasileira entre as décadas de 1950 e 1990, Elza Berquó observou que o caráter da família nuclear ainda predominava, porém, o tamanho da família diminuiu e houve alterações na posição da mulher e nos padrões de relacionamentos entre os membros da família. Observou-se um crescimento da idade das mulheres para o casamento, entre 20 e 30 anos de idade, tendo como motivo o aumento da escolarização das mulheres e seu ingresso no mercado de trabalho. Todavia, o padrão de homens serem mais velhos que as mulheres não mudou, o que demonstra uma manutenção das relações de poder entre os sexos.

Durante a década de 1980, conhecida como a “década perdida” porque a renda das famílias baixou significativamente, houve um aumento dos divórcios e das uniões informais, e uma queda dos casamentos religiosos. Nesse período iniciou-se uma tendência de casamento experimental que poderia se tornar definitivo, “significando uma ruptura com valores e normas tradicionais”. (Berquó, 1998, p.421)

Analisando as publicações do periódico menonita *Bibel und Pflug*, das décadas de 1970 e 1980 a respeito do tema família, foi possível observar um modelo de mulher defendido no contexto da comunidade, qual seja, boa mãe, boa esposa, cuidadora do lar e ativa na igreja. Num artigo escrito por Anna Braun¹⁸ em 1986, sobre a 26ª Conferência de Mulheres da Igreja Irmãos Menonitas do Brasil é apresentada a orientação da palestrante Martha Epp sobre as regras que uma mulher deve seguir para ser realmente abençoada.

18 Anna Braun era membro da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas do Boqueirão e professora de alemão no Colégio Erasto Gaertner.

§ A **primeira regra** é a sua realização como mulher, em ser feminina, e isso só é possível quando há um relacionamento de intimidade da mulher com Deus.

§ A **segunda regra** é a sua realização como esposa, não devendo esquecer que na ordem de prioridades, primeiro está Deus, na sequência o marido, e depois os filhos. É enfatizado o fato de que os filhos não podem ser mais importantes que o marido.

§ A **terceira regra** é a sua realização como mãe, destacando que muitas mulheres querem ter um emprego, mas a sua prioridade deve ser cuidar da casa e dos filhos, orar com eles e por eles, ensinar a Palavra e o caminho de Deus. Segundo o artigo

A coisa mais importante é que uma mãe tenha tempo para os seus filhos, também quando eles são maiores ou mesmo crescidos. Ter tempo para seus filhos é hoje uma emergência em muitas famílias. Após as obrigações e a oração ainda há tempo para um acolhedor tempo juntos com café e bolo.¹⁹ (Braun, 1973, p.1)

No artigo supracitado foi identificada a característica da mãe como cuidadora e responsável pelos ensinamentos cristãos no seio familiar, fazendo esta sua prioridade de vida, e dedicando o seu tempo para isso.

Noutro artigo do mesmo periódico de 1973, com o título *A oração determinada de uma mãe*²⁰, é narrada a experiência do pastor David Talmage. David, seu irmão Jakob e sua irmã foram a um baile quando ele tinha 18 anos. A mãe doente os chamou antes de eles saírem e falou: “Vocês vão para um baile, mas eu gostaria que vocês soubessem que eu ficarei de joelhos orando até que vocês voltem”²¹. (Braun, 1973, p.1) Os filhos voltaram às duas horas da madrugada e viram a mãe ajoelhada orando. Na manhã seguinte o pai encontrou os três filhos chorando em seus quartos, arrependidos, como uma resposta a oração determinada da sua mãe. O testemunho de David fez com que essa mãe se unisse a outras quatro mães que se encontravam todas as quartas à tarde para orar por seus filhos, até que todos eles fossem redimidos. A mãe é retratada como responsável pela salvação dos filhos.

19 Von grosser Wichtigkeit ist, dass eine Mutter Zeit für ihr Kind hat, auch wenn es schon grösser oder gar erwachsen ist. Zeit haben für das Kind – ist heute ein Notstand in vielen Familien. Nach dem Abschlusssied und Gebet gab es noch ein gemütliches Beisammensein bei Kafee um Kuchen. (tradução da autora)

20 Tradução do título original *Entschiedenenes Beten ein Mutter*. Bibel und Pflug, n.9, p.1, 1973.

21 Ihr geht zur einer Tanzveranstaltung, doch ich moechte, dass ihr wisst, dass ich auf den Knien liege und für euch beten werde, bis ihr zurückkommt. (tradução da autora)

Entretanto, a rotina dessas mães incluía ser zelosa com o cuidado da casa e ser grata a Deus por esse privilégio, como é observado no artigo *Pratos e Espumas*²² do periódico *Bibel und Pflug* de 1986. O artigo é escrito como se fosse uma oração de agradecimento de uma mãe, dona-de-casa, por ter um aspirador para limpar o sofá e o chão, pela montanha de louça que ficou brilhante pelo trabalho de suas mãos para a próxima refeição, pelos dedos sujos de pomada de bebê. “Eu te louvo porque com minhas duas mãos sujas com a sujeira das fraldas, com lágrimas, confortos e sofrimentos posso melhorar o mundo”. Ou seja, a mulher entende que servir a sua família é uma forma de também melhorar o mundo. Nesse sentido, podemos refletir sobre o poder da mulher exercido no espaço privado.

Michelle Perrot (2013) apresenta as mulheres do norte da França como heroínas domésticas, mulheres do povo com saberes médicos, religiosos e culturais, sendo responsáveis pela primeira alfabetização das crianças, pela leitura privada, pelo lar enquanto o marido está distanciado no trabalho. No capítulo sobre a dona de casa no espaço parisiense no século XIX, a autora apresenta a “dona de casa” com muitos poderes – os poderes inerentes ao espaço doméstico – diferente dos poderes dos homens, e, passando por redes de sociabilidade informal. Essa mulher era investida de várias funções: dar a luz e criar filhos; manter a família com trabalhos domésticos como a alimentação, o aquecimento, a conservação e o transporte; e trazer uma unidade econômica como um complemento da renda através do setor de serviços e de pequenos comércios.

As mulheres são atraídas pela religião pelo fato de elas se encontrarem no domínio da emoção, do privado e da crença. Max Weber sugeriu que as mulheres são mais receptivas a movimentos religiosos que contenham aspectos orgiásticos, emocionais e histéricos. (Davis, 1990, p.64) “Entre as religiões e as mulheres, as relações têm sido, sempre e em toda parte, ambivalentes e paradoxais. Isso porque as religiões são, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres.” (Perrot, 2013, p.83)

Segundo Linda Woodhead (2013), tanto a religião quanto o gênero representam, encarnam e distribuem o poder na sociedade. É através de práticas simbólicas e materiais que a religião pode reforçar as relações de dominação de

22 Tradução do título original *Geschirr und Sefenschaum*. *Bibel und Pflug*, n.3, p.7, 1986.

gênero e ajudar a transformá-la. Nesse sentido, a autora faz um diagrama apresentando os quatro tipos de relações entre religião (como distribuição de poder) e gênero (como partilha de poder), os quais são a consolidação, a tática, a busca e a contracultura. Essas relações se encontram entre os opostos da religião instituída e marginal, e da religião consolidante e contestatória.

A relação de consolidação é identificada em religiões monoteístas no século XX, situando a sua identidade na defesa da divisão tradicional de papéis entre homens como chefes de família, e mulheres seguindo a sua vocação doméstica. Citando o estudo de Davidman sobre as mulheres no judaísmo ortodoxo, a religião propõe uma escolha clara do lugar de esposa e mãe, enquanto a sociedade da modernidade tardia é confusa e contraditória.

As mulheres que são ligadas às religiões conservadoras fazem desse papel sua identidade principal e evitam colocar-se em situações nas quais se encontrem divididas entre exigências domésticas e profissionais divergentes, mesmo quando exercem um cargo remunerado. (Woodhead, 2013, p.8)

Portanto, nesse tipo de relação podemos situar as mulheres judias e as mulheres do cristianismo pentecostal, atraídas pelo ideal da célula nuclear, e do marido como guardião confiável da família.

A relação tática se baseia num estudo sobre as congregações conservadoras cristãs nos Estados Unidos, onde as mulheres criaram uma associação religiosa paralela com reuniões semanais de mulheres, numa estrutura de ajuda mútua. Marie Griffith afirma que as mulheres evangélicas carismáticas “aceitam a sacralização de seus papéis domésticos e da dominação masculina, mas se aproveitam de sua organização religiosa paralela para compensar o preço desta subordinação”. (Woodhead, 2013, p.11) Assim, a religião oferece às mulheres da classe média ferramentas ideológicas e práticas para combater o poder masculino, e as ações missionárias são as ferramentas que levam as mulheres ao espaço público. Nessa relação observamos que os papéis de homens e mulheres são diferentes na igreja. Entre as relações de consolidação e de tática podemos situar as mulheres menonitas, pois a sua oportunidade de estar no espaço público está relacionada aos trabalhos na igreja, como cultos, escola dominical, encontro de mulheres e eventos de ação social.

Para Rute Salviano, em seu estudo sobre as mulheres protestantes no Brasil, “as mulheres só eram aceitas nos espaços públicos quando envolvidas em

atividades relacionadas à igreja”. (Almeida, 2022, p.66) A autora também faz uma comparação entre as mulheres católicas e protestantes, afirmando que as mulheres católicas achavam mais difícil ir para o céu devido ao excesso de obrigações a cumprir, enquanto as protestantes acreditavam que o céu estava garantido, pois não dependia de obras, mas apenas da fé em Jesus Cristo.

No início das igrejas protestantes no Brasil, várias mulheres se converteram ao protestantismo porque podiam se relacionar e crescer intelectualmente, incentivadas pelo estudo da Bíblia através das leituras individuais, o que exigia que as mulheres fossem alfabetizadas. Natalie Zamon Davis, em seu estudo sobre as consequências da Reforma Protestante para as mulheres, afirma que o que mais mudou e melhorou para as mulheres protestantes foi a vida em família.

Não apenas a eliminação do celibato clerical, mas também a definição do casamento como a escola do caráter levaram, supostamente, a uma maior amizade e a um companheirismo mais igualitário entre os cônjuges protestantes do que seria possível entre os cônjuges católicos da mesma época. (Davis, 1990, p.65)

As mulheres protestantes tinham, porém, a carga de serem obedientes ao Senhor e a seus maridos, seguindo o padrão “juntos, mas desiguais”. (Davis, 1990, p.81) Entretanto, a amizade e o companheirismo eram enfatizados, tanto por protestantes, quanto por católicos. Em um artigo do periódico menonita *Bibel und Pflug* com o título *Wie bleibt meine Ehe gluecklich?*²³ foi perceptível essa preocupação da mulher em manter um casamento feliz. A primeira instrução é salvar um ao outro da mágoa através do perdão, e entendendo que existem discórdias que podem ser evitadas quando não pensamos apenas em nós mesmos, mas nos preocupamos com o próximo.

O artigo exemplifica essa situação: a mulher cumpre todo o planejamento do seu dia e cuida dos filhos e ao final do dia ela está exausta, então o marido chega em casa e não se preocupa em saber como foi o dia de sua esposa e ver o quanto ela está cansada, cumprimentando-a sem nenhuma palavra de apreço. O marido está preso aos seus pensamentos e a mulher pensa na época em que eram recém-casados e em que ele ajudava como podia. Por outro lado, é apresentado o lado do marido, em que a mulher deve pensar que, se ele não chega em casa tão amigável, talvez seja porque ele não teve uma experiência muito boa no trabalho, portanto, a

23 Como manter meu casamento feliz? (tradução da autora)

mulher deve cercá-lo de muito amor e simpatia. Aqui é ressaltado o companheirismo e a empatia porque “quando não pensamos somente em nós mesmos, mas tratamos o outro com amor, aumentamos a intimidade”²⁴. (Müller, 1974, p.2)

Segundo Natalie Davis, apesar da solução da Reforma a respeito da relação entre os sexos, para as mulheres protestantes ser assimilacionista (o grupo subordinado é elevado para tornar-se semelhante ao grupo superior) e a solução para as católicas ser pluralista (permite a cada grupo manter suas características distintas, porém, ainda hierarquizado), não se eliminou o estatuto de sujeição da mulher. (Davis, 1990, p.84)

As mulheres dos anos 1970 e 1980 já viviam num contexto em que o divórcio era permitido e em que houve uma considerável diminuição do tamanho das famílias. No contexto dos anos 1970, período da Guerra Fria e da ditadura civil militar no Brasil, havia o discurso da conspiração comunista contra a família e a oposição da direita à educação sexual, homossexual, pornografia, aborto e sexo antes do casamento, dentro de um Programa de Castidade Juvenil. A década de 1980 foi um período de muitos pânicos por causa da AIDS e da sífilis. A primeira reforçando os medos antigos de que a atividade sexual, o homossexualismo e a promiscuidade levavam a doença e a morte e a segunda atacando as mulheres.

Os menonitas também estavam atentos a esse ambiente de mudanças e de efervescência do feminismo. No artigo *O ano da mulher*²⁵, no periódico menonita de 1975 estão escritas orientações sobre como as mulheres devem agir com seus maridos diante dos perigos da emancipação feminina. O primeiro conselho é ser submissa ao marido. Segundo o texto.

Diante dos olhos de Deus somos todos iguais, mas o seu plano, sua ordem para o lar é que a mulher seja submissa ao seu marido. Esse pensamento não é agradável num primeiro momento, mas quando somos honestos, nós vamos admitir que nós mulheres nos sentimos seguras quando vemos o homem como o senhor do lar. (...) Uma esposa que é amada pelo seu marido não verá a submissão como um fardo²⁶. (BORNSCHEIN, 1975, p.1)

24 Wenn man nicht immer an sich denkt, sondern darauf aus ist, den anderen mit liebe zu umgeben, wir das Band inniger. (tradução da autora)

25 Tradução do título original *Das Jahr der Frau*. Bibel und Pflug, n.20, p.1, 1975.

26 Vor Gottes Augen sind wir gleich, aber sein Plan, seine Ordnung fuer das Haus ist, dass die Frau ihrem Mann untertan sein. Dieser Gedanke gefaellt uns im ersten Augenblick nicht so ganz, aber wenn wir ehrlich sind, werden wir zugeben, dass wir Frauen uns geborgen fuehlen worden und in unserm Mann den Herrn des Hauses sehen. (...) Einer Frau, die sich so von ihrem Mann geliebt weiss, wird es auch nicht schwer fallen, ihm untertan zu sein. (tradução da autora)

Entendendo que os princípios seguidos pelas mulheres menonitas estão baseados nos ensinamentos bíblicos de perdão e de obediência, a submissão da esposa está condicionada a um marido que a ama e que a faz sentir-se segura. O segundo conselho é para que a esposa honre o seu marido como homem e senhor do lar. A esposa deve ensinar os filhos a honrar o pai e nunca falar mal do pai para seus filhos. O terceiro conselho é amar o seu marido, o que inclui sacrifício, resiliência e perdão. Obedecer ao marido é o quarto conselho, e uma mulher no final de sua vida dá a seguinte orientação:

Eu não obedecia ao meu marido tanto quanto eu deveria. Porque ele era sempre tão irracional, e eu pensava que Deus não ia cobrar isso de mim. Hoje eu colocaria a fé antes da razão. Faça seu papel. Obedeça e deixe Deus fazer o seu papel, e você verá maravilhas²⁷.
(BORNSCHEIN, 1975, p.1)

Assim era o lar menonita, centrado na figura da mulher, cuidadora do lar, dos filhos e do esposo, que deveria agregar todas as *“qualidades essenciais”* de uma *“boa mulher”*, e, ainda ser fiel aos ensinamentos da religião menonita, e, preservar a cultura e as tradições, assegurando a longevidade da comunidade, e transmitindo os ensinamentos para as novas gerações, assumindo, assim, o papel de *“educadora”* no seio familiar.

27 Ich gehorchte meinem Mann nicht so, wie ich es haette tun sollen. Weil er immer so unvernuenftig war, dachte ich, Gott wuerde es von mir nicht verlangen. Heute wuerde ich den Glauben und nicht die Vernunft in den Vordergrund stellen. Mache deinen Teil. Gehorche, und dann lass Gott seinen Teil tun, so wirst du Wunder sehen. (tradução da autora)

CAPÍTULO 2: AS TRADIÇÕES MENONITAS NAS MEMÓRIAS DE MÃES E FILHAS

2.1. A história oral e suas “ruínas de memórias”²⁸

Minhas lembranças mais remotas se iniciam apenas entre os três a quatro anos de idade, e foram momentos chocantes demais para serem apagados pelo tempo e pela distância, como ruínas de memórias que se recusam a morrer. (Peters, 2021, p.11)

O trecho acima, retirado do prefácio do livro de Elisabeth Peters, *Minha Peregrinação iniciada na 2ª Guerra*, nos faz refletir o quanto a memória pode ser dolorosa e persistente, ao mesmo tempo em que é necessária na construção de uma história individual e coletiva. Esse capítulo aborda as memórias de cinco mulheres menonitas que se dispuseram a contá-las e compartilhá-las para que fossem registradas, e suas experiências de mães e filhas pudessem ser ouvidas e eternizadas pela escrita.

Como o objetivo dessa dissertação foi entender as práticas cotidianas dessas mulheres menonitas, a História Oral tornou-se a ferramenta para compreender como a memória foi construída historicamente, confrontando as lembranças pessoais com outras fontes e memórias oficiais. Segundo Ana Luiza Smolka, para se entender as recordações “é preciso ver locais, ver imagens”, porque a lembrança é a criação de imagens na memória e a organização de imagens ocorre em locais, lugares de memória. (Smolka, 2000, p.170)

28 Trecho da introdução no livro *Minha peregrinação iniciada na 2ª Guerra* (2021) escrito por Elisabeth Peters.

Analisando o entendimento sobre a memória durante a história, Simônides (século V a.C.), acreditava que a memória era artificial, ou seja, estabelecida a partir de locais e imagens, e guardada para ser repetida pelos tempos. Platão via a teoria da memória como uma teoria do conhecimento, como um bloco de cera que tem as marcas da impressão, portanto, como uma recordação e um conhecimento da verdade. E Aristóteles entendia que as impressões sensoriais são a fonte básica do conhecimento, e que pensamentos são a formação de imagens mentais. Um dilema para esses pensadores é a relação entre a memória e a escrita. Platão criticava a escrita, pois acreditava que esta matava a memória. Já Tucídides, para o qual a memória é frágil e enganadora, a escrita é uma forma de fixar os acontecimentos como garantia de fidelidade, pois a versão das testemunhas pode variar conforme a simpatia.

Na Idade Média, pensadores como Santo Alberto e São Tomás, na Suma Teológica entendiam que a memória se desloca para a ética. Segundo as regras mnemônicas de São Tomás, a memória ligada ao corpo são as sensações e as imagens; a memória ligada à razão é a lógica; e a memória como hábito de recordar é a meditação. Santo Agostinho via a memória como uma atividade psíquica, como vontade e inteligência. Ampliando essa vertente mais psicológica, para Vygotsky, o entendimento de memória estava relacionado a imagens como signos, sendo a palavra o signo por excelência, e esta, tornando a memória e a história possíveis pelo discurso. O discurso é o locus de memória porque constitui lembranças e esquecimentos, e organiza as recordações. A linguagem é o processo de socialização da memória, e fundamental na construção da história. Por isso, a realização das entrevistas e suas análises foram a base de construção deste capítulo.

Todavia, a História Oral adquire maior consistência quando as entrevistas são combinadas com outras fontes, pois o objetivo das combinações é compreender as reminiscências e as identidades, através de relações entre memória, narrativa e identidade. Para Alistair Thomson (1997), “reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes”. (Thomson, 1997, p.57) Dessa forma, as identidades são construídas no processo de contar as histórias. E isso ficou claro durante a realização das

entrevistas, em que as mulheres afirmavam sua identidade menonita recordando datas, lugares, receitas, costumes, palavras e práticas cotidianas.

A composição dessas reminiscências, ou seja, o processo de construção das imagens lembradas do passado, das lembranças vagas, nunca é plenamente alcançado por causa de bloqueios e exclusões. Foi comum durante as entrevistas, a confusão de datas, nomes e locais. Contudo, referente a memórias pessoais, as lembranças foram mais específicas, e isso se deve, em parte, ao fato de escolhermos o que recordar e relatar e, portanto, relembrar. Como damos sentido a essas memórias muda com o passar do tempo. Por exemplo, as mulheres entrevistadas que eram mães nas décadas de 1970 e 1980, agora são avós, portanto, as suas memórias de avós, sobre os netos, foram tão enfatizadas quanto as memórias como mães, sobre as filhas.

Foi perceptível nas entrevistas uma divisão de memórias como filhas, como mães, e como avós. Contudo, todas essas memórias se misturavam com a história da comunidade menonita, e os discursos oficiais repetidos durante décadas, tais como a perseguição sofrida durante a sua história, a superação em um novo país, a importância da união da comunidade e da família pautada em valores cristãos. Esse fenômeno conflituoso da memória, segundo Burke, “é uma reação à aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos”. (Burke, 2005, p.88) Nas últimas quatro ou cinco décadas em que essas mulheres viveram, desde que se tornaram mães, passaram por diversas mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas que alteraram sua maneira de perceber o mundo e influenciaram a sua percepção sobre a comunidade menonita e a educação no lar.

Quatro das cinco mulheres entrevistadas são filhas de imigrantes menonitas que vieram da Rússia em 1930, e elas relatam que foi um fato traumatizante, especialmente para os seus pais. O pai da Margarida Maass, que serviu Na 1ª Guerra Mundial, foi descrito pela filha como “uma pessoa muito quieta, não falava muito”, enquanto a mãe “sempre falava dos costumes dela lá na Rússia e o quanto ela amava a pátria dela, e quanta saudades ela tinha da pátria dela”. (Maass, 2023) Erica Rempel também relatou a mesma experiência, onde a mãe comentava mais do que o pai sobre a vinda da Rússia, especialmente sobre a doença (tifo) que

vitimou vários imigrantes no navio a caminho do Brasil. Sobre a vinda da Rússia para o Brasil, Erica relatou

O pai eu não lembro porque era meio que um tabu em casa falar sobre isso, né? Sabe? Eu não sei, provavelmente trauma, né? Porque eles passaram muita dificuldade. Meu pai veio pra cá com quatorze anos e minha mãe tinha sete anos. Então imagina, eles tinham uma vida estabilizada lá. Não, não assim rica, mas uma vida normal e chegaram aqui para morar numa selva que não tinha nada. Isso é muito traumatizante, né? Então eu acho que eles tinham um bloqueio pra falar sobre o assunto. Quem de vez em quando falava alguma coisa assim, mais, era o irmão do meu pai, o tio Isaque, ele comentava antes, quando ia lá fazer visita pra ele, ele falava, meu pai não gostava de falar não. Acho que tinha trauma sobre isso. A dificuldade toda que passaram, né? (Polycarpo, 2023)

Esse relato apresenta o mesmo discurso exposto pelos menonitas nos livros comemorativos, onde os menonitas saíram de uma situação confortável e estável financeiramente na Rússia até 1928, para um lugar desconhecido, no caso, o Brasil, onde tiveram de superar várias dificuldades como o clima, o idioma e a cultura. A fala de Erica lembra esse lugar idílico como uma forma de “conforto” e estímulo para buscar atingir novamente padrões de estabilidade material e social, bem como manter a comunidade unida em torno de uma identidade comunitária.

Erica explicou que, quando o seu pai veio para o Brasil, o pai dele já era falecido, e que a mãe teve de vir sozinha com ele e mais três irmãos. Michael Pollak (1989) entende que os traumas podem fazer as pessoas falarem, reivindicarem seus direitos, ou se calarem por culpa, ou para poupar seus filhos do sofrimento dos pais. Alistair Thomson (1997) pesquisou veteranos australianos da Segunda Guerra Mundial e percebeu a dificuldade de alguns soldados narrarem suas experiências traumatizantes, e também observou como esses soldados foram influenciados pela forma como a sociedade australiana relembra a guerra. Da mesma forma, observei nas entrevistas a resistência de alguns imigrantes em relatar a sua história devido ao trauma, mas também a reafirmação do discurso menonita de superação. No relato de Edite Wiens sobre a peregrinação dos seus pais de Santa Catarina para Curitiba em 1936, 1938 (essa data não estava clara em sua memória) em três grupos, ela destaca a dificuldade de trazer cavalos e vacas, num caminho a pé.

As ruas assim que tinha, já tinha ruas de terra. Então por essas ruas ele (seu pai) diz que levou mais de uma semana. Porque eles tinham que andar e não podiam andar depressa, porque a vaca tinha que ter sossego dela. Então eles vieram devagar, andando daí de manhã tinha que tirar leite, porque daí precisava do pasto pra eles no

caminho, e daí eles vieram andando. Ele disse que mais de uma semana, daí eles chegaram aqui. (Edite Wiens, 2023)

Segundo Alistair Thomson (1997), há dois significados para essas composições, as quais são perceptíveis nas entrevistas: 1) o processo pessoal de compor reminiscências seguras é público; 2) a busca por afirmação das identidades na comunidade. Os discursos pessoais tornaram-se públicos e afirmaram as identidades da comunidade, gerando o reconhecimento, ou seja, o processo de afirmação pública de identidades e reminiscências. Entretanto, as entrevistas também apresentaram as mudanças, as transformações sentidas na família e na comunidade. A História Oral também tem essa função. Nas palavras de Pollak, “penso que a história de vida apareceu como um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança, os momentos de transformação”. (Pollak, 1992, p.211)

Pierre Nora (1993) explica a diferença entre memória e história quando define a primeira como uma experiência vivida por grupos vivos, no presente, aliada a afetos, lembranças no sagrado, emergindo de um grupo que as une e com a raiz no concreto, no espaço, na imagem, em objetos. Enquanto a memória é imediata, apresentada por gestos e hábitos, a história é indireta, não espontânea. A história é a reconstrução do que não existe mais, se baseia na análise e no discurso, ao mesmo tempo em que é libertadora e torna a memória universal, além de ter sua raiz nas continuidades temporais, no relativo. A história transforma a memória e cria monumentos, lugares e celebrações. Para Nora, os lugares são materiais, simbólicos e funcionais.

Nas memórias das entrevistadas é possível perceber esse lugar de memória na citação constante da “capela do Erasto”, que foi a primeira igreja construída pelos irmãos menonitas no bairro Boqueirão em 1946. Erica Polycarpo cita a Igreja Menonita, “Irmãos Menonitas desde sempre” e explica “agora é capela, né? Mas era a igreja”. (Polycarpo, 2023) Porque atualmente a “capela” faz parte da estrutura do Colégio Erasto Gaertner. Mas como “igreja” era um lugar de realização de várias práticas da comunidade. Segundo Erica,

Tanto é que as Bodas de Prata deles (seus pais) foi lá. Na capela, tem até a foto lá de frente da capela. As bodas de Ouro dos meus avós também foi lá. Eu me lembro desde muito criança a gente sempre indo na escola dominical. Sempre lá. (Polycarpo, 2023)

Observa-se que, apesar da entrevistada saber que era igreja antigamente, ela é citada como capela, porque traz a denominação do lugar no presente. Uma das funções sociais atribuída à igreja é a realização de casamentos e bodas que, no caso da família Rempel, se aplica a várias gerações, seus avós, seus pais e o seu casamento. Ao relatar sobre o seu casamento, Erica destacou que o casamento era diferente de hoje em dia e que “a comunidade ajudava todo mundo”.

A cerimônia era na igreja, depois o café da tarde era no salão do Erasto. Só que daí as mulheres da comunidade, a gente comprou os ingredientes e foi levada numa padaria e foi feito lá com a ajuda das mulheres da comunidade, foi preparado tudo lá. (...) Tinha bastante mulheres lá ajudando e era tudo na mão, né? Bater bolo, não tinha batedeira. Fazer pãozinho, essa coisa tudo. (Polycarpo, 2023)

Na época do casamento da Erica, na década de 1970²⁹, a igreja já fazia parte da estrutura do Colégio Erasto Gaertner, o que incluía um salão esportivo, onde também eram realizadas as festividades da comunidade. No momento do preparo da comida não se fazia somente “comida”, mas era também um tempo de integração da comunidade e de fortalecimento dos laços de solidariedade e união, e certamente um momento de “trocas” de memórias e histórias dos antepassados.

A igreja aqui se tornou um lugar de memória pessoal, o casamento da Erica e do Lincoln, e de memória coletiva, apresentando o valor da solidariedade da comunidade para realizar a festividade do casamento. A entrevistada Edite Wiens (2023) também citou a “capela do Erasto” como um lugar onde os seus pais se reuniam e, inclusive lugar onde eles se conheceram e casaram. E o mesmo local onde a entrevistada casou há 50 anos.

A primeira Igreja Menonita no bairro Boqueirão, e atual capela do Erasto, era principalmente um local de culto, onde aconteciam as práticas religiosas como “escola dominical, culto, depois mais tarde reunião de jovens, culto, ensaio de coral”, conforme relato de Erica Polycarpo. (POLYCARPO, 2023) Essa ênfase de Erica em repetir a palavra “culto” demonstra o valor que essa prática comunitária tinha para ela. Para Margarida Maass, o tempo da escola dominical nessa igreja era um lugar de afeto, conforme o trecho a seguir.

29 Em 1974 foi criada a Fundação Educacional Menonita, como entidade mantenedora do Colégio e respondendo pela sua administração. O complexo do imóvel e suas construções, incluindo o Salão social e a igreja, foram doados à Fundação. (DÜCK, 1980, p.248)

Escola dominical, por exemplo. Eu já fui com quatro anos porque naquela época, há mais de 50, 60, 70 anos. (risos) Então, eu sempre ia pra escola dominical no domingo e gostava demais. Porque as professoras eram especiais, sabe? Elas sabiam ensinar muito bem. Falar, contar histórias bíblicas. (Maass, 2023)

O lugar de memória é um lugar duplo, conforme Nora (1993, p.27), lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, sobre sua identidade e seu nome, mas constantemente aberto sobre suas significações. Na metodologia de estudo da História Oral é preciso considerar o enquadramento da memória, ou seja, a reinterpretção do passado levando em conta o sentido de identidade individual e de grupo. Os rastros desses enquadramentos são os objetos materiais como monumentos, museus, bibliotecas, sendo a memória solidificada nas pedras.

A História Oral também revela o lado psicológico do indivíduo. Muitas mulheres e homossexuais dos campos de concentração se calaram por medo, o que prova que é mais difícil falar de memórias para vidas que tiveram rupturas e traumatismos. Para Pollak esse é um trabalho de reconstrução de si mesmo, onde “o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros”. (Pollak, 1989, p.13) O silêncio também faz parte da gestão da memória porque pode ser uma condição necessária para a manutenção no meio ambiente.

Uma das mulheres entrevistadas passou pelo divórcio, e sentia vergonha dessa condição entre a comunidade menonita, o que demonstra que essa situação lhe causou trauma e resistência de expor essa parte da sua vida na entrevista. Foi no final da entrevista que percebi fortemente a insegurança quando ela afirmou: “acho que você não escolheu a pessoa certa porque eu não fui uma família que, nada foi normal na minha vida”. (Peters, 2023) E aqui ela estava se comparando com as outras mulheres menonitas entrevistadas, pois elas se conhecem, e ela afirmava que as outras mulheres viveram uma vida “certinha” e ela não. Esse termo “certinha” refere-se ao fato de ela ter passado pelo divórcio, e as outras não. A comunidade menonita entende, segundo o padrão bíblico, que o divórcio deve ser evitado já que há uma promessa no altar de união do casal até a morte.

Realizar entrevistas é uma prática sensível porque envolveu as emoções das pessoas entrevistadas e exposição de traumas. Elisabeth escreveu em um livro esses traumas e declara como foi escrever a sua história.

Ai, eu sem Deus... Ele tem feito tanto por mim, de nós, se você acha esse livro sofrido, você tinha que ver o resto da minha vida. Tem gente que insiste, escreve, sabe que já tá escrito tipo, foi com meu

psicológico no tempo do sofrimento, desabafar tudo no papel. E olha, dava história, dava assim uma novela com bastante tragédia assim. (Peters, 2023)

Para Elisabeth, escrever foi uma forma de desabafar, assim como contar a sua história na entrevista. No livro não interessava saber do casamento dela, mas relatar a “viagem dessa menininha até ela parar de viajar”, segundo suas palavras. (Peters, 2023) Contudo, na entrevista ela pôde contar a outra parte da sua história, após o casamento.

2.2. Memórias sensoriais: a tradição culinária

A memória doméstica perpassa várias gerações e, a partir de elementos como documentos, lugares, objetos, fotografias, receitas, remetem a uma memória “educada”, compartilhada entre mães e filhas. Conforme Candau (2023), a transmissão protomemorial³⁰ se faz sem pensar, age sobre os indivíduos de forma involuntária. “Ela conserva, reitera e reproduz bem mais do que transforma, cria e reconstrói”, ou seja, nasce do costume, e apresenta-se nos ritos. (Candau, 2023, p.119) A educação no lar acontece através de costumes praticados no dia-a-dia e de ritos repletos de significados e histórias.

Os pontos de referência de uma História Oral também são de ordem sensorial, em cheiros, sabores, barulhos e cores. Nesse sentido, todas as mulheres falaram com muita saudade e memória visual, gustativa e olfativa das receitas tradicionais. Analisando os questionários que foram preenchidos pelas entrevistadas previamente às entrevistas, concluí que todas as cinco mulheres citaram a sopa de repolho, denominada *Borscht*, como um prato típico que aprenderam de suas mães ou sogras, e também como uma receita que foi transmitida para suas filhas ou noras. Essas receitas eram realizadas em casa, em reuniões familiares, mas também na comunidade, em eventos comemorativos e casamentos, quando essas mulheres cozinhavam juntas ou traziam seus pratos prontos de casa para serem compartilhados. O espaço da comunidade era o lugar feminino onde aconteciam as conversas sobre educação de filhos, gastronomia e notícias em geral.

30 Protomemória ou memória de baixo nível é a modalidade de memória na qual se enquadra, individualmente, as experiências e saberes duradouros, compartilhados entre os indivíduos de uma sociedade.

O segundo prato típico citado por quatro delas foi o *pierogi*, prato aprendido pelos menonitas como consequência do trânsito desse grupo ao longo do território europeu que possibilitou o contato com diferentes culturas, inclusive absorver práticas culturais diversas tais com inclusão do *pierogi* como tradição alimentar. *Pierogi* é um prato da culinária tanto polonesa quanto ucraniana, e que foi incluído na prática alimentar menonita no período das migrações internas europeias (conferir p.24 a 27).

O terceiro prato citado foi o pão, ou *Zwieback* (duas bolinhas de pão), *Einback* (uma bolinha de pão) e, na sequência, os bolos, especialmente, a cuca de farofa. Pães e bolos, inclusive, foram os segundos mais citados como receitas transmitidas às gerações seguintes. Também foram citados o *Piroschki*, um folhado de maçã e ruibarbo, o *Roelkuchen*, um pastel de vento que acompanha o *Borscht*, e tradicionalmente era comido com melancia, e a *Obstsuppe*, uma sopa de frutas secas.

A comida auxilia no entendimento de diversas culturas e acessa o patrimônio cultural que cada sociedade reconhece em seu passado. Segundo Montanari, “a cozinha contém e expressa a cultura de quem a pratica, é depositária das tradições e das identidades do grupo”. (Montanari, 2009, p.11) O confronto com o outro permite criar uma identidade particular, pois nas trocas culturais as identidades são marcadas, modificadas e redefinidas, adaptando-se a novas situações determinadas por esse confronto. No caso da culinária praticada pelas mulheres menonitas, as receitas trazidas da Rússia sofreram alterações e adaptações conforme a disponibilidade de alimentos que havia no Brasil e ao clima. Da Rússia, os imigrantes menonitas trouxeram a cultura do repolho, das carnes defumadas, das frutas secas, alimentos fáceis de conservar num clima frio, daí a origem de receitas como *Borscht* e *Obstsuppe*.

Nas festas da comunidade menonita, desde a chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil em 1930, era comum servir o *Borscht* e a *Obstsuppe*, e isso se estende aos lares menonitas, quando em reuniões de família ou festividades essas receitas são servidas até hoje. Erica Rempel (2023) relatou que a *Obstsuppe*, a sopa de frutas, era a receita tradicional que ela aprendeu com a sua avó, e que ela levou para a festa de família no último Natal. Segundo ela, “isso é bom demais”,

demonstrando a memória afetiva que estava relacionada à receita que ela descreveu com detalhes.

Ameixa, maçã seca, uva passa, se não tiver a maçã seca eu ponho a maçã verde mesmo. Água, canela, tem gente que gosta de cravo também, mas eu não gosto de cravo. Também vai pera seca, aí faz aquele cozido todo, assim, bastante açúcar. E daí engrossa um pouquinho de amido de milho, né? Pra dar uma engrossadinha. (Polycarpo, 2023)

Aqui observei a adaptação da receita conforme as frutas disponíveis e o gosto pessoal, no caso, ela tirou o cravo. Hildegard Wiens (2023) também relatou fazer uma receita tradicional no almoço de família aos domingos, o *Borscht* “com os bolinhos” (referindo-se aos *Roelkuchen*). Nesse processo de aprendizado das receitas, as mulheres que aprenderam as receitas de suas mães, repassavam a mesma para as suas filhas, realizando alterações quando necessário. Hildegard aprendeu a receita com a sua mãe, mas realizou algumas mudanças.

E agora eu faço assim um pouquinho diferente do que ela fazia, colocava cebola picadinha né? Eu acho que ela também dava uma fritadinha, com o tomate. E daí colocava na sopa. E eu daí já faço separado o molho da cebola, o alho, o tomate, a salsinha, o endro, né? E daí eu dou uma moída no micro, no liquidificador. E daí eu coloco na sopa. Eu coloco em camadas, daí a carne eu cozinho separado. Carne magra. Não ponho carne gordurosa. Em pedaços assim, nós cortamos a carne magra. E é, daí eu coloco em camadas o repolho, a batatinha, a cenoura. E ponho a carne já cozida ali. Coloco o molho de tomate. E daí outra vez depois. (Hildegard Wiens, 2023)

Tradicionalmente, o *Borscht* russo³¹ (figura 7) é feito com três tipos de carne, suína, bovina e frango, e o componente principal, a beterraba, conforme receita apresentada no livro comemorativo dos 80 anos da chegada dos menonitas no Brasil (figura 8). A receita é apresentada para ser feita tanto para seis pessoas, o número médio de integrantes de uma família, até para 120 pessoas, pensando em alimentar uma comunidade, como é comum até hoje em festas da igreja. Mas a Hildegard adaptou a receita colocando apenas carnes magras para diminuir a gordura da sopa, e não incluiu a beterraba. Ela afirmou que a mãe não colocava beterraba na sopa, e ela também não coloca.

31 A receita de Borscht citada conforme o histórico de migração dos menonitas da Rússia para o Brasil no início do século XX.

Figura 7: Borscht russo



Fonte: SIEMENS, Irmgard August. *Comida típica menonita*. In: SIEMENS, Udo (org.). *Quem somos (1930- 2010): A Saga Menonita rompendo a barreira cultural*. Curitiba: Editora Esperança, 2010. p.123.

Figura 8: Receita de Borscht cedida por Renate Wieler.

BORSCHT	
<i>Receita cedida por Renate Wieler</i>	
Para 120 pessoas	Para 6 pessoas
6 galinhas caipiras	1/2 galinha caipira
12 kg carne suína com pouca gordura	300 g carne suína com pouca gordura
12 kg peito de frango com osso	300 g peito de frango com osso
3 kg músculo com osso	200 g músculo com osso
Gordura de porco para refogar os legumes	Gordura de porco para refogar os legumes
6 repolhos	½ repolho
Caldo de carne em cubos	Caldo de carne em cubos
6 kg cenoura	300 g cenoura
9 kg batata	½ kg batata
9 pimentões verdes	1 pimentão verde
6 beterrabas	½ beterraba
12 cebolas grandes	1 cebola
Para temperar:	Para temperar:
Cheiro verde, pimenta em grãos, sal, catchup, pimenta malagueta, folhas de louro.	Cheiro verde, pimenta em grãos, sal, catchup, pimenta malagueta, folhas de louro.
Servir acompanhada de nata azeda ou fresca e vinagre.	Servir acompanhada de nata azeda ou fresca e vinagre.

Fonte: SIEMENS, Irmgard August. *Comida típica menonita*. In: SIEMENS, Udo (org.). *Quem somos (1930- 2010): A Saga Menonita rompendo a barreira cultural*. Curitiba: Editora Esperança, 2010. p.122.

A segunda receita mais citada pelas entrevistadas foi o *pierogi*, o qual também é uma receita tradicional que é realizada em reuniões de família. Segundo relato de Elisabeth Peters, “nós festejamos o Natal com o *pierogi*, nós festejamos dia das mães com *pierogi*, nós festejamos Páscoa com *pierogi*”. (Peters, 2023) Ela ainda completa explicando como era feito o *pierogi* antigamente. “Porque antigamente a gente fazia, era uma festa! Vinha todo mundo, abria com o rolo, daí grudava, o outro jogava pro outro, pronto pra já guardar. E era assim, sabe? Era gostoso e agora já não é mais daquele jeito né?” (Peters, 2023) Ela relata que agora é diferente porque a família busca o *pierogi* na AMAS (Associação Menonita de Assistência Social³²) para comer em casa, demonstrando que a família não abriu

32 Em 1970 através da AIMB (Associação das Igrejas Menonitas do Brasil), formada pelas igrejas locais de Vila Guaíra (hoje, Água Verde), Boqueirão e Witmarsum, iniciou-se o trabalho da AMAS (Associação Menonita de Assistência Social) em Palmeira. Em 2002 a sede da AMAS foi transferida para a Central Menonita em escritórios cedidos pela família Gerhard Ens, localizada no bairro Xaxim,

mão da comida como tradição e do compartilhar a refeição em família, mesmo não tendo mais o fazer culinário como parte desse processo, e considera relevante apoiar um trabalho social da comunidade menonita. Neli Teleginski (2016), em sua pesquisa sobre armazéns e bodegas em Irati nas primeiras décadas do século XX, também observou esse saudosismo nas suas entrevistas, quando as pessoas relataram que era bom o tempo em que tudo era mais simples e que as pessoas tinham mais tempo para conversar.

Contudo, quanto à memória de como ela fazia o molho para o *pierogi*, Elisabeth descreve algumas alterações, mesclando dicas de uma amiga e adaptações pessoais.

Então, é assim, é meio uma dica de uma (amiga) da Vila Guaíra e outra eu acrescentei. Eu frito assim a cebola. Não frita forte, né? E o presunto, bastante presunto e daí nessa deixa um pouquinho de manteiga, daí dourar um pouco de farinha. E daí pra engrossar com leite e depois, depois bastante nata. E aquele deixa assim suave. E daí o que acompanha pierogi é wurscht (linguiça). E daí eu frito o salame e onde fritei o salame fica aquele grudadinho, aquela gordurinha. Aquilo vai no molho, sabe? (Peters, 2023)

Essa receita foi descrita como uma receita que os netos, e o marido da neta, que ela descreve como “brasileiro”, ou seja, que não é menonita étnico, também gostam muito. Edite Wiens também apresentou o *pierogi* como uma comida típica que veio da Rússia com os seus pais e que todos gostam muito, porém, seu genro, que não é menonita, e seu neto, só gostam de comer o pierogi frito com molho branco em cima. O que representa uma adaptação da receita que foi feita para se adequar ao paladar dos novos integrantes da família.

“A tradição termina por agir como uma das colunas, uma das estruturas que sustentam o grupo. A tradição funciona como um mecanismo de proteção para os momentos em que há o medo, o receio da mudança.” (Reinhardt, 2007, p.133) As tradições culinárias têm ritos e significados, enquanto os hábitos alimentares são construções práticas do cotidiano. Nas entrevistas foi possível observar esse cruzamento das tradições com os hábitos alimentares, pois há um esforço dessas

em Curitiba (PR). Neste mesmo local também funciona a loja da AMAS. (fonte: <https://www.amasbrasil.org.br/> acesso em 12/11/2023)

mulheres em manter a tradição culinária e ressignificá-la em datas comemorativas, em momentos de reunião da família, os quais são considerados importantes para manter a união da família, um dos pilares menonitas.

Além da manutenção da tradição, a culinária é um espaço de construção de memórias, associando a receita a um momento ou lugar específico. Esse é o caso observado no relato de Margarida Maass sobre a sua lembrança da mãe ao fazer o pão. No trecho a seguir pude ver a atenção aos detalhes de como fazer a massa, e na situação que a levou a aprender a fazer o pão, a necessidade, já que a mãe tinha ficado doente.

Ela me ensinou a fazer pão quando ela estava doente, porque ela teve um infarto. Então, o que eu me lembro assim de eu fazer o pão assim. Lógico, farinha, leite, gordura, sal, fermento. Mas o que ficou gravado assim, que a gente usava uma bacia, mas a bacia depois, quando terminava de fazer o pão, a bacia tinha que estar bem limpinha. Não podia ter massa nas bordas. Tinha que ficar sempre assim limpando direitinho a massa pra não sujar, não deixar na borda assim, a massa. (Maass, 2023)

Elisabeth Peters também lembrou o fazer culinário de sua mãe, porém, em um contexto de guerra³³, onde eles eram tão pobres que a mãe cozinhava a batatinha com casca, “colocava na mesa e cada um descascava a batatinha, era o que tinha”. (Peters, 2023) Já no Brasil, numa condição melhor, a memória da comida estava relacionada a algo simples como uma bolacha maria e groselha, que foi oferecido no seu primeiro dia das crianças comemorado na igreja, o *Kinderfest* (Festa das Crianças). Sobre essa lembrança ela falou com suspiros: “Que delícia! Nunca tinha comido uma coisa tão boa. Hoje em dia se isso serve pra alguém”. (Peters, 2023)

A partir desses relatos verificamos que memórias estão ligadas a lugares, a sensações, a pessoas, a imagens de momentos de sua história de vida. Mas essas memórias também geram reações e convicções. No caso de Elisabeth, que passou por várias dificuldades, gerou um sentimento de cuidado e valorização do que tem. Segundo ela, “eu não consigo esbanjar nada, jogar fora nada. (...) as outras pessoas põe, enche o prato, e deixa sobrar metade e joga no lixo, mas nunca eu consegui”. (Peters, 2023) Diante desse histórico de resiliência ao precisar se adaptar a novos

33 Elizabeth Peters só veio para a América em 1947, portanto, durante a sua infância ela viveu o contexto da 2ª Guerra Mundial na Polônia e na Alemanha.

ambientes e de incertezas no processo de migração, os menonitas das primeiras gerações aprenderam que não devem esbanjar comida e precisam poupar para ter o suficiente para o amanhã.

As demais receitas citadas no questionário, como pão, bolo, cuca de farofa, *Zwieback*, *Einback*, foram as mais relatadas como as receitas transmitidas às filhas. Segundo Elisabeth (2023), quando os filhos estavam em casa, todo fim de semana se fazia “um monte de *gebäcknes* (pães e bolos)” para receber os amigos em casa. Hildegard afirmou que aprendeu da sua mãe a receita do *Zwieback*, *Einback*, *Streuselkuchen* (figura 3), e que passou essa receita para as noras. Erica Polycarpo (2023) afirmou que a filha e o filho sabem fazer as receitas que ela citou e muito mais. Margarida Maass já lamentou que as filhas não aprenderam a técnica manual de fazer o pão com ela, porque agora todas elas têm a máquina de fazer pão. E também porque as filhas não têm tempo “porque estudam, trabalham, cuidam da família”, então “isso é mais fácil, né?” (Maass, 2023) Ela estava se referindo às facilidades como o uso da máquina de fazer pão, que agiliza o trabalho doméstico. As receitas foram adaptadas, e no preparo do *Streuselkuchen*

Os menonitas utilizam o que estiver à mão: frutas da época como maçãs (descascadas e cortadas em fatias) amoras, groselhas ou framboesas, uvas debulhadas do cacho, ruibarbo cortado em pedacinhos. Se não houver frutas disponíveis lançamos mão do estoque de geleias caseiras, ou fazemos a cuca sem recheio nenhum. Desde que chegamos ao Brasil incorporamos também bananas cortadas longitudinalmente e polvilhadas com canela em pó. (Siemens, 2010, p.124)

Figura 9: Streuselkuchen (Cuca menonita)



Fonte: SIEMENS, Irmgard August. *Comida típica menonita*. In: SIEMENS, Udo (org.). *Quem somos (1930- 2010): A Saga Menonita rompendo a barreira cultural*. Curitiba: Editora Esperança, 2010. p.125.

No livro de Mary Emma Showalter (1978), sobre a culinária da comunidade menonita na América do Norte, é notável que as receitas de bolos eram as mais importantes para as avós, pois eram as primeiras receitas anotadas e que ocupavam a maior parte das páginas. Todavia, apesar de encontrar muitas receitas de bolos, poucas eram feitas usualmente, pois as avós só decoravam as receitas mais usuais como pão de forma, bolacha ou bolo de camadas. Esse fenômeno também pode ser observado aqui no Brasil, onde o número de receitas feitas pelas mulheres e transmitidas às filhas foi reduzido àquelas receitas que já eram decoradas, por terem sido feitas durante toda a vida e os produtos estarem adaptados à região.

2.3. Ensinando as filhas sobre os cuidados do lar

A tradição de um grupo é “a combinação entre protomemorial e memorial que interagem uma sobre a outra”, sendo a tradição religiosa como um “sistema organizado de pensamentos e gestos”. (Candau, 2023, p.121) No primeiro capítulo foram apresentados os valores e as práticas defendidas pelos menonitas como uma forma de reforçar a sua identidade, tais como o trabalho, a união da família e o temor a Deus, associado a práticas diárias como oração e leitura da Bíblia, e a participação em atividades da comunidade.

No questionário preliminar respondido pelas mulheres entrevistadas foi inquirido sobre os valores ou costumes aprendidos pelos pais, e os mesmos ensinados aos filhos. O valor mais destacado, citado por três das cinco entrevistadas, foi o trabalho, uma das principais características da ética protestante. Hildegard Wiens afirmou que seus “pais trabalharam muito” com gado leiteiro³⁴ e a mãe confeccionava guarda-pós para um salão, além de plantarem morango e figo, chegando a mãe a ficar “com as mãos todas com feridas” ao descascar o figo. (Hildegard Wiens, 2023) Relacionado ao trabalho foi destacada a necessidade de economizar, como parte de um discurso de pais que passaram dificuldades na sua trajetória de imigrantes.

Além da palavra trabalho ainda foi usado o termo “afazeres domésticos” e “trabalhos manuais”, como práticas do lar que deveriam ser realizadas como uma

34 A produção de leite era comum entre os primeiros imigrantes menonitas no bairro Boqueirão.

ação de devoção a Deus. Nas palavras de Edite Wiens, “cantar e louvar a Deus em casa durante o trabalho”, confirmando também o papel de mulher zelosa e cuidadora do lar. (Edite Wiens, 2023) Erica Polycarpo ressaltou o cuidado do lar como um costume aprendido e ensinado aos filhos. Conforme seu relato era muito importante “o costume, o cuidar da casa, ou cuidar da família, você se dedicar a família, manter tudo organizado, tudo limpinho”. (Polycarpo, 2023) Hildegard Wiens contou sobre uma prática de cuidado do lar que foi ensinada pela sua mãe e que ela ainda realiza hoje em dia, quarar a roupa.

A minha mãe assim era super caprichosa e ela engomava roupa de cama. E isso eu também faço até hoje. O lençol, as fronhas, engomo os panos de prato, toalhinhas. Para quarar, também faço isso. Quando não limpa bem eu dou uma fervida, e quando não limpa depois no sol, daí limpa. E passar roupa a minha mãe passava sempre tudo. (Hildegard Wiens, 2023)

Segundo Erica Polycarpo, a vó “fazia questão de ensinar a gente chuliar, de cisir, de remendar meia, nossa, de fazer tricô, de fazer meia de tricô”. (Polycarpo, 2023) Portanto, dentre os afazeres domésticos estavam também o trabalho manual como tricô, crochê, costura, como práticas necessárias para manter o lar organizado e acolhedor, e que foram ensinadas desde a vó, conforme o trecho a seguir.

Quando eu faço uns remendos hoje em dia eu fico lembrando dos testes. Um dia eu falei pra uma amiga minha, se minha vó visse o remendo que eu fiz ela puxava minha orelha, porque ela era muito caprichosa, isso ela passou tanto pras filhas, como pra gente também. Ela ía lá pra casa, uma época lá que tinha muito criançada, então ela passava um dia lá só ajudando minha mãe a fazer costura, remendo, e a gente tinha que fazer junto, né? Pra aprender. A gente aprendeu todo mundo, né? Até os meninos lá de casa, todo mundo, todos eles sabem fazer. (Polycarpo, 2023)

Como a família era muito grande, todos precisavam aprender para ajudar no cuidado da casa, inclusive os meninos. E esse ensinamento foi passado para a sua filha. “A Priscila também, a minha filha, ela, eu ensinei pra ela costurar, a minha mãe ensinou ela a fazer tricô, fazer crochê, bordar”. (Polycarpo, 2023) E também para o seu filho, sobre o qual Erica relatou que havia conseguido remendar uma calça quando estava viajando a trabalho.

A costura foi citada por todas as mulheres como uma prática necessária para a organização do lar. Elisabeth (2023) explica que ela tinha que “se virar em tudo”, então ela aprendeu a costurar sozinha com 14 anos, quando confeccionou um vestido para passear, e depois, quando estava casada, costurou vestidos de noiva

para obter uma renda complementar. Margarida Maass costurava as roupas para as filhas para auxiliar na economia do lar. Edite e Hildegard falaram da costura como uma atividade que gostam muito de fazer, e que tentaram ensinar para as suas filhas, mas que, no caso da Edite, não conseguiu, porque as filhas “foram trabalhar fora muito cedo”. (Edite Wiens, 2023) As filhas da Margarida não aprenderam a costurar porque “estudavam muito e não tinham tempo pra fazer outras atividades além do estudo”. (Maass, 2023) A costura, portanto, era uma prática necessária, mas também possível para essas mulheres porque não trabalhavam fora de casa. Contudo, as filhas já vivem outra realidade, em que estudam, trabalham fora e, por isso, não tem mais tempo para costurar suas roupas ou de seus filhos.

O artesanato foi citado como um afazer doméstico, mas também como uma atividade prazerosa. Duas das mulheres entrevistadas fazem pintura e fizeram questão de mostrar as suas obras ao final da entrevista. Elisabeth Peters pintou vários quadros que decoram a sua casa, como o autorretrato (figura 10) e paisagens (figura 11). Como as obras são pinturas realizadas como “hobby”, não há uma preocupação da autora em assiná-las ou incluir a data, como é feito pela maioria dos artistas. Elisabeth aprendeu a pintar assistindo algumas aulas de pintura na Igreja Batista e depois foi treinando em casa. A temática das telas são paisagens rupestres, sendo que, com exceção de uma tela, as demais têm a presença do pinheiro, árvore típica da região sul do Brasil. Segundo a autora das pinturas, os quadros com pinheiros são cópias dos quadros do pintor Horst Schnepfer³⁵. A pintura foi ensinada por Elisabeth à sua filha Marlyn Tows, que pintou uma tela da filha Marina orando (figura 12). Essa tela está no quarto de Elisabeth e é uma lembrança da importância do temor a Deus como parte da educação no lar.

35 Horst Schnepfer é professor licenciado em letras e exerceu o magistério durante 30 anos, paralelamente com as artes plásticas. Em 1996 fundou a Galeria de Arte Horst Schnepfer, que passou a constituir o principal ponto de venda de suas obras. Autodidata, passou a optar pela tinta acrílica, com a qual retrata e se identifica, principalmente com temas regionais. ([Horst Schnepfer - Proprietário - galeria de Arte Horst Schnepfer | LinkedIn](#). Acesso: 13/10/2023)

Figura 10: Autorretrato de Elisabeth Peters (1998-2000).



Autorretrato pintado por Elisabeth Peters que se encontra na sua sala de estar.

Figura 11: Paisagens pintadas por Elisabeth Peters (1998-2000).



Figura 12: Pintura de Marlyn Tows, filha de Elisabeth Peters (1998-2000).



Representação da filha Marina orando ajoelhada ao lado de sua cama.

As telas de Hildegard Wiens (figura 13) também têm a temática rupestre, sendo a primeira tela uma paisagem europeia com neve, mostrando que o objetivo das

telas é decorativo. Assim como Elisabeth, Hildegard fez aulas de pintura. Além das pinturas, ela realizava outros artesanatos como bordados em ponto cruz (figura 14) e bordados em ponto russo (figura 15), os quais ela emoldurou para decorar a sua sala, o que demonstra o capricho e o cuidado em deixar o lar mais acolhedor com obras de arte realizadas por ela mesma.

Figura 13: Paisagens pintadas por Hildegard Wiens (data ilegível)



O bordado em ponto cruz é um artesanato que Margarida Maass relatou ter ensinado para suas filhas e que elas fizeram por um tempo. Já Hildegard afirmou que a sua filha faz outro tipo de artesanato, pintura em pratos de vidro, portanto, apesar da filha não fazer o mesmo tipo de artesanato, podemos observar que foi transmitido à filha a importância dessa prática.

Figura 14: Quadros bordados em ponto cruz feitos por Hildegard Wiens (1978)



As telas foram compradas em Blumenau em 1977 e o bordado foi concluído em 1978.

Figura 15: Quadros bordados por Hildegard Wiens (1993).



Esses bordados em ponto russo foram feitos pela Hildegard Wiens quando ela e a família moravam em Berlim, Alemanha, em 1993.

Além dos artesanatos feitos por ela, Hildegard mostrou vários objetos (figura 16) que têm um valor sentimental por estarem relacionados à sua família e a sua história, e que materializam o vínculo familiar e reforçam a ligação emocional com os antepassados que são lembrados através das tradições e repassados entre os descendentes também por meio de objetos transmitidos aos mais jovens. A almofada que decora o seu sofá foi feita pela sua mãe Maria Martens Löwen em 1979, assim como o vaso que ela fez questão de mostrar, pois foi um presente que ela havia dado a sua mãe que faleceu em 1983, e ela guardava como lembrança de sua mãe. Esses objetos representam a memória afetiva dessas mulheres, associada a pessoas, lugares e épocas que viveram, e que trazem à memória pessoas queridas. Nesse processo de transmissão de costumes como o artesanato, foi perceptível que as técnicas mudaram, como no caso de Hildegard, onde a sua mãe fazia o crochê, ela pintava telas e bordava, e sua filha faz a pintura em vidro, contudo, o valor do artesanato, do cuidado do lar e do autocuidado permaneceram.

Figura 16: Almofada em crochê feita pela mãe de Hildegard Wiens, Maria Martens Löwen (1979) e vaso presenteado por Hildegard Wiens a sua mãe Maria Martens Löwen.

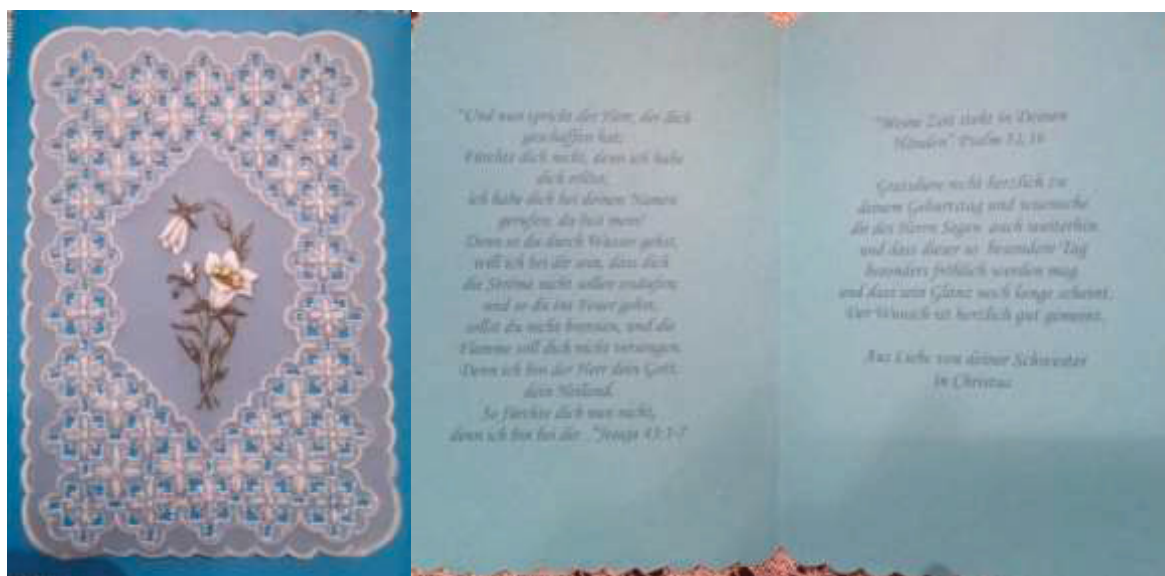


Elisabeth Peters se dedica atualmente a outro tipo de artesanato, que era muito comum na década de 1980, os cartões em papel vegetal. Ela confecciona esses cartões desde 1990 e é um hobby para ela até os dias de hoje, fazendo-os para presentear os amigos e transmitir uma mensagem de amor e esperança, ou como cartões de aniversário (figuras 17 e 18). Esses artesanatos representam mais do que um hobby, pois demonstram a autodisciplina dessas mulheres de, além de realizar as suas tarefas cotidianas como cozinhar, limpar a casa e cuidar dos filhos, de aprender novas técnicas e de realizar práticas de autocuidado, entendendo que suas mentes também deveriam estar saudáveis e que elas precisavam fazer algo prazeroso por elas mesmas. Artesanatos como crochê, pinturas e costuras eram vendidos em bazares da comunidade menonita a fim de arrecadar fundos para trabalhos sociais, contudo, não eram comercializados como renda extra para a família.

Figura 17: Cartão em papel vegetal feito por Elisabeth Peters (1990-2023).



Figura 18: Cartão em papel vegetal feito por Elisabeth Peters (1990-2023).



Do lado esquerdo do cartão está escrito o trecho bíblico de Isaías 43:1-7 – “Mas agora, assim diz o Senhor que te criou: Não temas, porque eu te remi, chamei-te pelo teu nome, tu és meu! Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador. Não temas, pois, porque eu sou contigo.” Do lado direito está escrito “Meu tempo está em Tuas mãos” e a referência aos Salmos 31:16, e uma mensagem – Felicito-o calorosamente pelo seu aniversário e desejo-lhe as contínuas bênçãos do Senhor e que este dia tão especial seja particularmente feliz e que o seu esplendor brilhe por muito tempo. O desejo é sinceramente bem-intencionado. Pelo amor de sua irmã em Cristo.

2.4. As tradições religiosas ensinadas no cotidiano

O segundo valor mais citado pelas entrevistadas nos questionários foi o que estava relacionado à fé, ao temor e amor a Deus, e as práticas cristãs, como oração antes de dormir, louvor, gratidão, e participação em atividades da igreja (*Kinderchor* e *Sontagschule*³⁶). Esses valores foram aprendidos pelos pais e reforçados como valores a serem ensinados aos filhos. O respeito e a honestidade apareceram como princípios essenciais ligados à família e necessários a uma boa educação. Esse valor cristão e suas práticas referem-se à vocação como tarefa de vida, defendido por Weber. Erica Polycarpo confirmou as práticas cristãs no lar na seguinte afirmação: “O que a gente aprendeu muito é sempre fazer oração na hora das refeições, manter a disciplina, não se desviar, não fazer coisa errada, sempre nessa linha mais, né?” (Polycarpo, 2023) As práticas cristãs estavam relacionadas à honestidade, a disciplina e viver uma vida correta, que era um ensinamento aprendido por seus pais e ensinado aos seus filhos. Segundo Erica, “isso vem de gerações, né? Tanto dos meus pais, dos meus avós. A gente sempre ensinou direitinho isso pra eles”. (Polycarpo, 2023)

Sobre as práticas cristãs, Margarida Maass afirmou que era sempre o seu pai que fazia as orações nas devocionais, e que quando casou o seu marido continuou realizando essa prática da devocional em família, porém, com uma outra dinâmica. “Nós fazíamos assim. Eu lia o trecho indicado na Bíblia e o meu esposo lia então o devocional no Castelo Forte³⁷”. (Maass, 2023) Já as orações antes das refeições eram feitas geralmente por ela. Com relação à educação das filhas, Margarida ainda reforçou a importância de levá-las aos cultos para ouvir a palavra de Deus. Para ela, “o que nós dávamos muita importância era encaminhar os filhos no caminho certo, no caminho correto”. (Maass, 2023) E novamente foi reforçado o ensino da retidão, e a sua relação com as práticas cristãs que auxiliam nessa educação.

Todas as mulheres entrevistadas afirmaram a importância dessas práticas cristãs no lar, especialmente a oração antes das refeições. Conforme relato de Hildegard Wiens, “sempre fazíamos as refeições juntos, fazia a oração também, né?”. (Hildegard Wiens, 2023) Os menonitas costumam fazer uma oração decorada

36 Coral infantil e escola dominical.

37 Livro de devocional publicado pela Igreja Luterana. Como o marido de Margarida Maass era luterano, ela adaptou algumas práticas menonitas, como a devocional, utilizando o material da igreja Luterana como uma forma de trazer o marido para essa prática diária, respeitando a sua denominação religiosa.

antes das refeições, o *Vater Segne*³⁸ (Pai abençoe). Por isso, a questioneei se fazia essa oração, e o que ela aprendeu dos pais e ensinou aos filhos, seguindo a resposta.

Nós fazemos quando estamos todos juntos, às vezes o meu esposo ora né? Faz uma oração não decorada. E às vezes nós também oramos todos juntos, ou cantamos esse *Vater Segne*, nós também cantamos. Eles gostam de cantar, né? Também fazemos assim. (Hildegard Wiens, 2023)

Elisabeth Peters (2023) afirmou que a oração do *Vater Segne* era uma oração que se fazia no bairro Boqueirão, porque a sua mãe fazia uma outra oração decorada, *Komm Herr Jesus, sei Du unser gast* (Vem Senhor Jesus, seja nosso convidado). Contudo, para os seus filhos ela ensinou a oração do *Vater Segne*, o que todas as demais entrevistadas também confirmaram ensinar.

Para auxiliar nessa educação cristã no lar, era importante que os filhos frequentassem os cultos, a escola dominical, retiros e demais atividades da comunidade. Segundo Margarida Maass, o culto era importante “para ouvir a palavra de Deus” porque “a palavra de Deus é um alimento que todos nós precisamos”. (Maass, 2023) Para Erica Polycarpo, levar os filhos para a igreja, na escola dominical e nos retiros, era também uma forma de eles estarem ligados a uma comunidade, pois “daí tinha os amigos que eram da igreja e criou na comunidade mesmo”. (Polycarpo, 2023) Ou seja, educar na comunidade era mais fácil e seguro, pois os pais dos amigos eram pessoas conhecidas, e havia o conhecimento do que era ensinado.

Além das práticas citadas acima, Edite Wiens relatou a hospitalidade como um costume aprendido pelos pais e ensinado aos filhos, uma prática comum na sua família pelo fato de ela fazer parte de várias gerações de pastores e líderes da igreja, os quais têm uma ampla rede de relações com outros líderes religiosos.

Sempre tinha gente em casa, sempre tinha, tivemos hóspedes ou assim, estudantes que moravam na nossa casa e cuidamos, ou pastores. (...) Então foi assim, e a nossa casa sempre está aberto pra pessoas. (...) Eu acho que isso é uma tradição que, e a Ingrid (filha), você pode ver, sempre tem gente na casa dela. Então, essa hospitalidade era uma coisa muito forte, e na casa dos pais dele (do marido) também era muito forte. Ali sempre tinha missionários, sim, sempre tinha gente em todas nossas casas. Foi uma característica

38 *Vater segne* diese Speise, um zur kraft und Dir zum preisen, amém. (Deus abençoe essa refeição, para ter força e te louvar, amém).

da casa dele, como da nossa casa. E nós continuamos com isso. (...) Sempre temos gente aqui. (Edite Wiens, 2023)

Essa comunidade religiosa e étnica nos anos 1970 e 1980 ainda defendia a família e o casamento endogâmico como uma forma de manter os valores e os princípios menonitas no lar. Das cinco mulheres entrevistadas, duas não se casaram com menonitas. Segundo Harry Janzen,

Ser 'menonita' deveria ser, antes de mais nada, uma característica de um grupo de fé, uma denominação cristã, uma definição de doutrina e prática, mas as circunstâncias contribuíram para que houvesse quase uma sociedade, ou melhor, uma etnia que desenvolveu seus valores, seus princípios e sua forma de ser para agora ter características muito próprias (Janzen, 2010, p.118).

Harry Janzen estava se referindo aos casamentos mistos, uma realidade inevitável no processo de entrosamento com a sociedade brasileira em que estavam inseridos. Hildegard Wiens (2023) relatou que seus pais, que moravam em Ponta Grossa, optaram por vir para Curitiba quando ela tinha nove anos de idade, para que eles tivessem mais convivência com os alemães e ficassem mais no meio dos menonitas, entendendo que esse era um lugar de segurança para a família. E foi justamente no convívio na igreja e frequentando o Colégio Erasto Gaertner que Hildegard conheceu o seu marido, conforme relato a seguir. “A gente se conhecia na escola, né? E depois na igreja também, né? E nós começamos a namorar com quatorze anos. Assim, namorico. E ficamos juntos e nos formamos juntos no Erasto.” (Hildegard Wiens, 2023)

Edite Wiens e Elisabeth Peters também casaram com membros da igreja Menonita, contudo, Margarida Maass e Erica Polycarpo não. O esposo de Margarida era luterano e falava o alemão, portanto, estava dentro dos critérios étnicos e cristãos dos pais dela. Já o esposo de Erica não se encaixava nesses critérios, porém, os pais dela “nunca falaram nada”. (Polycarpo, 2023) Segundo ela, “nunca foram contra, aliás, o meu pai a princípio ficou meio assim, mas a minha mãe sempre acolheu ele muito bem e ele também sempre tratou eles muito bem”. (Polycarpo, 2023) No caso de Erica foi perceptível uma flexibilização quanto à endogamia e ao idioma alemão. Na segunda geração de imigrantes iniciou-se esse processo de flexibilização que se estende à terceira geração. Hildegard Wiens afirmou que seus pais queriam que ela casasse com um menonita “para manter o costume, as tradições”, mas, segundo ela, “hoje em dia a gente já não liga mais pra

essas coisas assim”, porque “o mais importante era que ele fosse cristão”, e que tivesse uma boa educação, sem vícios, referindo-se ao genro. (Hildegard Wiens, 2023) Elisabeth Peters (2023) confirmou essa preocupação de os filhos se casarem com cristãos para que os netos também sigam no caminho cristão.

Uma característica desses casamentos é que as mulheres faziam esforço para manter os seus filhos na igreja, assim como de manter as práticas cristãs no lar, apesar de o marido não ter a mesma visão. Elisabeth Peters afirmou que o marido não queria saber de religião, contudo, ele incentivava essas práticas pelos filhos e, fazia questão que eles fossem “em *Sontagschule* (Escola Dominical), *Freizeit*, retiro, o que podiam participar”. (Peters, 2023) O marido de Erica Polycarpo (2023), apesar de não ser menonita, também entendia que era importante que os filhos participassem das atividades da igreja, tendo ele mesmo se tornado membro da Igreja Irmãos Menonitas anos mais tarde. Portanto, havia uma perspicácia dessas mulheres na educação cristã em seus lares, conduzindo os filhos e os maridos nesse caminho através de práticas cotidianas como uma oração antes das refeições, ou incentivando a participação dos filhos em grupos da igreja como uma forma de socialização.

No primeiro capítulo, analisando o periódico menonita *Bibel und Pflug*, foi possível observar o papel da mulher menonita como boa esposa, boa mãe e cuidadora do lar. Essas características são marcantes entre todas as entrevistadas, sendo que três delas escolheram ser donas de casa para cuidar dos filhos, e duas delas optaram por ter um negócio em casa para ficarem próximas dos filhos. Margarida Maass nunca trabalhou fora e optou por ficar em casa, conforme relato dela. “Porque naquela época era natural isso. A obrigação do homem era prover o sustento da família. A mulher não ajudava. O marido recebia tanto que dava pra mulher ficar em casa. E hoje em dia não é mais possível.” (Maass, 2023) Ela estava se referindo à década de 1970 e 1980, porém, essa é uma visão mais relacionada aos valores menonitas, em que a mulher deveria priorizar o cuidado do lar e da família, do que um reflexo da sociedade brasileira da época. Talvez o salário do marido da Margarida não fosse um salário muito alto, contudo, o relato nos revela que havia um sentimento de obrigação da mulher em ficar cuidando do lar, enquanto o marido provia o sustento da casa.

Segundo Mary del Priore (2013) a mulher dos anos 80 estava dividida entre valores novos e tradicionais e “deixava ao homem a maior responsabilidade pelo sustento da casa”, ao mesmo tempo em que “não tinha vergonha de trabalhar para contribuir com o orçamento doméstico”. (Priore, 2013, p.67,68) Margarida Maass contribuiu na complementação da renda família costurando as roupas para as filhas, e Elisabeth Peters foi costureira e cabeleireira por um tempo. Mas a prioridade dessas mulheres era estar disponível para os filhos, mesmo tendo de trabalhar em casa. Elisabeth afirmou que escolheu a profissão de cabeleireira porque poderia ficar em casa, próxima dos filhos, e que optou por não trabalhar aos sábados para ficar com a família, que era a sua prioridade. Já Erica saiu do trabalho e abriu uma empresa com o marido para trabalhar em casa porque, conforme suas palavras, “daí ficou mais tranquilo para cuidar deles (filhos)”. (Polycarpo, 2023)

Vemos que o cuidado dos filhos e a submissão ao marido eram prioridades dessas mulheres. Hildegard Wiens explicou que, após trabalhar por cinco anos como professora no Colégio Erasto Gaertner, optou por ficar em casa após o nascimento do primeiro filho. “É que daí eu engravidei e o Carlos nasceu em setenta e três. E meu esposo não queria que eu voltasse mais, ficasse (em casa). E eu acho que foi muito bom também. Sempre fiquei em casa com meus filhos.” (Hildegard Wiens, 2023) Na sequência ela explicou que foi uma escolha feita como casal, o que demonstra a submissão, porém, como uma decisão conjunta do casal. Edite Wiens também tomou a mesma decisão de ficar em casa, conforme relato a seguir.

Depois que nós casamos, aí em setenta e três, isso foi o quê? Uns três, quatro anos só. E daí vieram os filhos, daí o Francisco falou: não, você cuida dos filhos, é melhor em casa do que. Daí não foi mais. Não dei aula mais. Cuidei dos meus três filhos em casa. E nunca faltou (Edite Wiens, 2023)

Nesse trecho há a iniciativa do marido em sugerir que a mulher ficasse em casa cuidando dos filhos e, novamente, uma referência ao fato de o marido ser o provedor da casa, o qual não deixava faltar nada. Contudo, essas mulheres entendem que hoje em dia não é mais possível apenas uma pessoa do casal trabalhar fora por causa dos altos custos da família, ou pelo fato de as famílias estarem vivendo um padrão de exigências mais elevado e isso demandar mais recursos. Além disso, essas mães incentivaram suas filhas a estudar e ser independentes, além de boas mães e esposas, o que demonstra uma transformação nas estruturas familiares.

Segundo Michel de Certeau “toda racionalização ‘estratégica’ procura em primeiro lugar distinguir de um ‘ambiente’ um ‘próprio’, isto é, o lugar do poder e do querer próprios”, sendo esse “próprio” uma vitória do lugar sobre o tempo, pois desse lugar se tiram vantagens, prepara-se uma futura expansão e obtêm-se uma independência apesar das circunstâncias. (Certeau, 2008, p.99) Conforme Certeau, “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”, e as mulheres desse estudo encontraram várias maneiras, estratégias para transmitir suas tradições e seus valores. (Certeau, 2008, p.38) As mulheres menonitas conquistaram o seu lugar próprio, o qual é o lar, a família e a religião, e nesse lugar elas exercem o seu poder, mantendo e transmitindo as tradições que lhes foram ensinadas no cotidiano.

Ao transmitirem a herança culinária e os cuidados da casa às filhas e aos filhos vemos que houve uma mudança das estruturas familiares, onde apenas a mulher podia exercer essas funções domésticas, e os homens também passam a realizar essas práticas. O lugar dessas mulheres no lar abrange a responsabilidade financeira que se apresenta de uma forma diferente, pois a mulher entende que ficando em casa ela pode contribuir com o orçamento doméstico complementando a renda com trabalhos manuais e economizando ao não precisar comprar roupa, já que ela as costura, e não precisar pagar uma diarista, pois ela faz os trabalhos domésticos. Por ela ficar mais tempo em casa, essa mãe menonita da segunda geração toma a responsabilidade de educar seus filhos em casa, estendendo essa educação na escola e na igreja da comunidade menonita, e garantindo assim a transmissão de seus costumes.

CAPÍTULO 3. Diálogos entre a escola e a comunidade na (re)construção da educação menonita

3.1. A educação menonita no Colégio Erasto Gaertner

As mulheres menonitas nas décadas de 1970 e 1980 se encontravam numa posição de transição entre seus pais, a primeira geração de imigrantes menonitas no Brasil, e a terceira geração, os filhos que já estavam adaptados à cultura brasileira. Portanto, essas mulheres da segunda geração tinham a “missão” de reinventar, ressignificar as tradições, ao mesmo tempo em que selecionavam o que entendiam ser relevante para a manutenção das tradições menonitas, mas, principalmente, a manutenção dos valores cristãos. O período em questão era o momento de selecionar as práticas “dignas de entrar na história”, como um discurso de manutenção das tradições, e como uma estratégia identitária onde se guarda o que é significativo, como as origens e as experiências de acontecimentos cotidianos. (Candau, 2023, p.94) Segundo Joël Candau (2023) a memória se apóia sobre a história vivida, e são os seus acontecimentos os tempos fortes que fazem memórias fortes. Sem a mobilização da memória, que é a transmissão, não há socialização, nem educação, então se torna impossível a identidade cultural.

Para as estratégias identitárias a transmissão precisa ser reconstruída, restituída, e nesse processo se questiona o que deve ser conservado, como deve ser conservado, quem deve transmitir e conservar, por que deve ser transmitido e qual deve ser o conteúdo transmitido. Na educação transmitida pelas mulheres menonitas em seus lares observamos que a manutenção das tradições culinárias, religiosas e do cuidado do lar foram estratégias identitárias praticadas no cotidiano e selecionadas como elementos de conservação. Entretanto, essa educação não se restringia apenas ao lar, mas se estendia às práticas exercidas na escola regular e na comunidade menonita. Para tanto, todas as mulheres entrevistadas afirmaram optar pelo Colégio Erasto Gaertner como escola para os seus filhos por ser uma instituição menonita e, portanto, ser também uma herança familiar e um ambiente cristão.

Como estratégia para manter os valores cristãos, o idioma alemão e a proximidade com a comunidade, as mães dessa pesquisa optaram por manter seus

filhos no Colégio Erasto Gaertner. Segundo Francielly Barbosa, os menonitas criaram sua própria escola para preservação de sua cultura, etnicidade e religião, denominado de “mennonitentum”. (Barbosa, 2010, p.63) A Escola do Boqueirão (atual Colégio Erasto Gaertner) foi inaugurada em 29 de março de 1936, passando por momentos de restrição como em 1938, quando o Decreto Estadual nº6149 de 10/01/1938 proibia o exercício do magistério para estrangeiros e, com a “nacionalização” do governo Vargas, a proibição do ensino de outras línguas além do português³⁹.

Quatro das cinco mulheres estudaram no Colégio Erasto Gaertner, o que motivou a manutenção dos seus filhos na instituição. Segundo palavras de Erica Polycarpo, ao responder por que havia escolhido o Erasto, “primeiro porque eu estudei lá, né?”. E ela continua, “e é da comunidade”, confirmando a importância da escola estar ligada a comunidade menonita. (Polycarpo, 2023) Nos questionários, a respeito da relação do colégio com a comunidade, apareceram respostas como a importância de ter sido fundado pelos menonitas, e ser o colégio ideal para o povo menonita.

No periódico menonita *Bibel und Pflug* de 1975, no artigo intitulado *Nossas escolas como meio de educação espiritual para nossos filhos*⁴⁰, o professor e pastor Willy Janz⁴¹ apontou o motivo da comunidade menonita manter uma escola.

Temos nossa própria escola, mas não estamos separados do currículo do Estado, nem isolados do mundo e do espírito escolar do nosso tempo. Não queremos nos manter isolados, mas também não queremos perder nossa identidade e nossa história. Queremos agir com convicção, mesmo quando houver perdas⁴². (JANZ, 1975, p.4)

39 A Escola do Boqueirão foi fechada em 1938, sendo reaberta em 1948 com a condição de que professores brasileiros natos ministrassem as aulas de língua portuguesa.

40 *Unsere Schulen als Mittel zur Geistlichen erziehung unserer Kinder*.

41 Willy Janz (1926-1986) foi um importante líder das comunidades Irmãos Menonitas no Brasil e no Paraguai. Nasceu na Rússia e imigrou com os seus pais para o Paraguai em 1930. Após estudar no Canadá e nos Estados Unidos, voltou para o Paraguai onde casou e serviu a comunidade por 12 anos. Depois veio para o Brasil onde, como educador, traduziu o material da Escola Dominical da Série Fundação e editou livros e livretos para os obreiros da igreja. Iniciou o trabalho de jovens, os acampamentos bíblicos, um centro de aposentadoria no Brasil e um centro de arquivo. Foi presidente da Conferência Sul-Americana dos Irmãos Menonitas entre 1973 e 1979. Fonte: [https://gameo.org/index.php?title=Welcome to GAMEO](https://gameo.org/index.php?title=Welcome_to_GAMEO) (acesso em 23/01/2024)

42 Wir haben unsere eigen Schulen, sind aber nicht getrennt von dem Erziehungsprogramm des Landes, noch isoliert von der uns umgebenden Schulwelt und dem Schulgeist unserer Zeit. Solche Isolierung wollen wir auch nicht suchen, aber andererseits wollen wir auch unsere Identitaet und unser Gesicht nicht verlieren. (tradução da autora)

Nesse trecho fica claro o esforço da escola menonita em manter sua identidade e sua história, mas também a consciência de que nesse processo educacional podem ocorrer perdas, pois o Colégio Erasto Gaertner precisa se sujeitar às diretrizes do Estado. Em outro trecho do mesmo artigo, o autor afirma.

A educação acadêmica deve ficar nas mãos do Estado. Mas nós temos a permissão de construir e administrar nossa própria escola. Assim nós temos a possibilidade de trabalhar uma educação missionária e espiritual. Esse é o desafio e a oportunidade que nós devemos aproveitar, para o bem das nossas crianças, e também para outras crianças não-menonitas. O apóstolo Paulo nos incentiva, por qualquer meio, a salvar as pessoas⁴³. (JANZ, 1975, p.4)

O desafio apontado pelo pastor Willy Janz nesse artigo, é o do cuidado espiritual, tanto para os filhos da comunidade menonita, quanto para as crianças não-menonitas. Também é destacado um ponto importante para os menonitas, qual seja, a liberdade de ensinar sobre a sua fé e de cumprir a ordenança bíblica do evangelismo. Para os líderes da comunidade menonita era importante que a educação secular fosse realizada em um ambiente cristão, a fim de evitar que os filhos se desviassem por influências mundanas. E esse era o discurso assimilado pelas mães da comunidade e o que as motivou a manterem seus filhos no Colégio Erasto Gaertner.

Na escolha de uma escola para seus filhos, Erica Polycarpo não mediu esforços para trazer a filha para o colégio Erasto Gaertner quando a sua família ainda morava em um bairro distante.

Daí quando a Priscila precisou vim pra escola, daí a gente voltou pra cá pra ela vim pro Erasto. Eu passei um ano inteiro grávida vindo lá do Parque Barigui trazendo a Priscila no Erasto, pro jardim de infância. Eu pegava três ônibus pra vim, três ônibus pra voltar, pra trazer ela pra escola. (Polycarpo, 2023)

Segundo Erica, tinha uma escola mais perto de sua casa, mas não era do seu agrado. Edite Wiens também afirmou inicialmente que não tinha outra escola perto de sua casa, e depois lembrou que até tinha uma escola estadual, mas não tão perto. Essas mulheres não consideraram outras escolas porque o mais importante

43 Die akademische Bildung – wie vorhin gesagt, - liegt in der Hand des Staates. Wir haben aber die Erlaubnis, eigen Schulen zu bauen und zu verwalten. Somit haben wir die Moeglichkeit, ganz bewusst missionarisch und ganz bewusst geistlich und erzieherisch zu arbeiten. Das ist die Herausforderung und die Gelegenheit die wir ausnützen müssen, für das Wohl unserer Kinder, wie auch anderer nicht-mennonitischer Kinder. Der Apostel Paulus wollte allenthalben – durch jegliche Mittel – Mensche erratten. (tradução da autora)

para essas mães era que os seus filhos estudassem numa instituição ligada à comunidade menonita e, que lhes fossem ensinados os valores cristãos. Conforme Edite Wiens, “o que pesou muito foi a parte religiosa”, e para Erica, “o fato de ser ligada a igreja”. (Edite Wiens, 2023)

Além de a instituição estar ligada à comunidade, foi citado pelas entrevistadas o fato do colégio ser bom e ter qualidade no ensino. Referindo-se à saída dos filhos do Erasto no Ensino Médio, Erica Polycarpo afirmou que o Colégio Erasto Gaertner “foi uma base muito boa”. (Polycarpo, 2023) Mas o que define uma escola “ser boa”? Segundo estudo de Sandra Gusso sobre o Colégio Erasto Gaertner, o objetivo da escola “era preparar o jovem estudante não só para o ensino da época, mas também para oferecer uma formação integral”. (Gusso, 2016, p.76) Portanto, o objetivo era a formação cultural, espiritual e a preservação de suas origens, vislumbrando a educação integral. Segundo o Projeto Pedagógico do Colégio Erasto Gaertner de 2005, o objetivo do colégio é “formar cidadãos com valores éticos, princípios cristãos, através de um ensino de qualidade, com preparação para a vida eterna”. (Gusso, 2016, p.84)

Entende-se por educação integral a formação da totalidade do indivíduo “nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, sociais e espirituais”. (Gusso, 2016, p.85) A formação integral precisa desenvolver todo o ser humano, num processo que ocorre durante toda a vida, com a sua participação ativa na vida social e praticando ações de cidadania. Portanto, tendo essa visão de educação integral, e sendo uma instituição confessional, o Colégio Erasto Gaertner entende que a escola é uma preparação para a vida social, mas também espiritual. Nesse sentido, as aulas de Ensino Religioso foram e ainda são fundamentais para a manutenção dos princípios cristãos, tanto entre membros da comunidade menonita, como uma oportunidade evangelística para os não-menonitas.

As aulas de Ensino Religioso foram acrescentadas como disciplinas extracurriculares na década de 1960, além das disciplinas de Alemão e de Educação no lar. O professor de Ensino Religioso Abraão Dück⁴⁴, afirmou que “as aulas de

44 Abraão Dück (1923-2020) nasceu na Rússia e imigrou com seus pais para o Brasil em 1930. Estudou nos Estados Unidos e foi pastor da Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão entre 1978 e 1990. Lecionou as disciplinas de Alemão, Inglês, Ensino Religioso e História no Colégio Erasto Gaertner e outros colégios da região por 33 anos. Fonte: <https://www.menonitasnobrasil.com.br/200314> (acesso em 24/01/2024)

Ensino Religioso não tinham a intenção de defender a denominação, mas sim de passar valores e princípios cristãos que os menonitas defendem e nos quais acreditam”, princípios esses baseados na Bíblia. (Gusso, 2016, p.81) Helmut Kienitz, em seu artigo *Significado e propósito da Escola menonita*⁴⁵, defende o Ensino Religioso.

Como peculiaridade menonita pertencem sempre a Religião, ou aulas de religião e, com muitas falhas, também o alemão. Para os menonitas a Bíblia não é somente a diretriz para construção da Comunidade, mas principalmente, no comportamento da vida cotidiana. Para uma convivência social, para a vida profissional, para a relação com o governo. É por isso que é dada tanta ênfase ao ensino bíblico. Uma escola menonita sem aulas bíblicas é impensável⁴⁶. (Kienitz, 1986, p.4)

Há uma preocupação com uma educação integral e com a formação cidadã, sendo as aulas de ensino religioso/bíblico uma estratégia para essa formação integral, ao mesmo tempo em que os princípios bíblicos são uma diretriz fundamental para os menonitas.

No estudo que Sandra Gusso (2016) fez sobre o Ensino Religioso no Colégio Erasto Gaertner nas décadas de 1960, 1970 e 1980, percebi alguns padrões a respeito dos aspectos culturais e éticos aprendidos pelos alunos nas aulas de Ensino Religioso nesses períodos. Nas três décadas estudadas os aspectos culturais que se mantêm no relato dos ex-alunos são a preservação histórica da comunidade menonita e a valorização da sua história, demonstrando que a preservação da identidade menonita era fundamental. O conhecimento recíproco desses alunos sobre a história dos menonitas constitui uma memória coletiva, ou seja, uma memória forte enraizada numa tradição cultural.

Nessa memória coletiva ocorre um processo permanente de eliminação e escolha, e isso foi observado na questão sobre o idioma alemão e sobre os princípios bíblicos. Um aspecto citado como importante na década de 1960, mas não nas demais décadas, foi o domínio da língua alemã, o que demonstra que a valorização do idioma alemão é uma característica da comunidade menonita que vai

45 *Sinn und Zweck Mennonitischer Schullen.*

46 Zur mennonitischen Eigenart gehören immer der Religions – oder Bibel – unterricht und in vielen Fällen auch die Deutsche Sprache. Für de Mennoniten ist die Bibel nicht nur die Richtschnur für den Bau ihrer Gemeinden, sondern auch für das soziale Zusammenleben, für das Berufsleben, für das Verhältnis zur Regierung u.s.w. Aus diesem Grunde wird soviel Nachdruck auf den Bibelunterricht gelegt. Eine mennonitische Schule ohne Bibelunterricht ist undenkbar. (tradução da autora)

se perdendo entre as gerações. Por outro lado, é reforçada a importância de não sofrer influência de outras culturas nos anos 70, e de se diferenciar dos não-cristãos nos anos 80, apontando um esforço da nova geração em manter-se fiel aos princípios bíblicos aprendidos no lar e na comunidade, o que demonstra uma interferência mais forte da comunidade religiosa na organização da escola.

Os aspectos éticos apontados pelos ex-alunos da década de 1960, período em que algumas das mães entrevistadas estavam concluindo seus estudos, reforçam os valores citados pelas mulheres menonitas entrevistadas e que elas consideravam importantes como aprendidos e apreendidos pelos seus pais e ensinado aos seus filhos, quais sejam, a honestidade, o respeito, a valorização dos relacionamentos com o próximo e a ética cristã. A conclusão de Sandra Gusso sobre essa característica dos anos 60 é que o aprendizado da cidadania foi fruto de um ensino coletivo, tanto em casa como na escola, confirmando a importância da educação dos valores menonitas no contexto do lar e sua extensão na escola.

Nas décadas de 1970 e 1980, período em que os filhos dessas mulheres começaram a frequentar o Colégio Erasto Gaertner, os aspectos éticos citados como aprendidos pelos ex-alunos foram os mesmos da década anterior – o respeito, os princípios bíblicos e cristãos, a obediência e ser correto – o que demonstra que esses valores foram transmitidos à terceira geração, mantendo-se como princípios fundamentais de vida. Novamente a autora conclui que nos anos 70 e 80 os princípios cristãos foram aprendidos desde cedo no convívio familiar e na comunidade de fé. E que no que se refere à construção da cidadania foi fundamental “o exemplo de casa, reforçado na escola e aliado à consciência social”. (Gusso, 2016, p.173)

Segundo conclusão da autora, a geração da década de 1970 evidenciou o rompimento com as gerações passadas, com novas posturas sobre direito e liberdade, e os alunos dos anos 80 tiveram uma formação integral, mais humanitária e com princípios cristãos. Essa conclusão também reflete uma característica da educação das mães menonitas nos lares nesse período, com mais consciência de seus direitos e deveres, contudo, sem ceder quanto aos princípios cristãos.

Além de o currículo estar alinhado com a crença da comunidade menonita, o corpo docente era composto preferencialmente por membros da comunidade. Hildegard e Edite foram professoras no Colégio Erasto Gaertner. Edite “ensinava a

ler e escrever”, mas ela não havia cursado o Magistério porque, segundo ela, “naquela época eu não precisava do magistério”, confirmando que ser membro da comunidade era um critério importante para lecionar no colégio. (Edite Wiens, 2023) Já Hildegard Wiens cursou o Magistério no Instituto de Educação Familiar e foi convidada para ser professora, assim que se formou. Segundo Hildegard, “quando me formei em sessenta e seis, o professor Abrão já veio falar lá em casa com meus pais que era pra mim ser professora. E daí eu fui seis anos. É, de sessenta e sete até setenta e dois.” (Edite Wiens, 2023)

Nesses relatos fica claro que o principal critério para lecionar na escola menonita era ser membro da comunidade, contudo, por que a Edite foi aceita como professora sem ter cursado o Magistério e a Hildegard foi contratada após a conclusão do curso? Edite era filha de pastor, portanto, estava inserida entre os dirigentes da comunidade, o que pode ter facilitado o seu ingresso na instituição, apesar de não ter cursado o Magistério.

A educação numa escola da comunidade menonita era uma extensão e ampliação da educação no lar porque replicava os mesmos valores aprendidos no seio da família e na igreja. Segundo Balhana a educação no lar visando a valorização do amor a terra e ao trabalho, e “a sua prática tanto na escola como no lar visa o domínio de técnicas e aquisições de hábitos e habilidades, a integração do homem e a sua plena realização”. (Gusso, 2016, p.78 *apud* Balhana, 1961, p.202) A educação integral ofertada pelo Colégio Erasto Gaertner fazia parte da educação menonita baseada em valores éticos e cristãos, na medida em que inseria o menonita no seio da sociedade “civil”, sem que ele se afastasse da comunidade, e sem esquecer de sua identidade cristã, continuada da segunda para a terceira geração.

3.2. A educação menonita e o idioma alemão: perdas no caminho

Além das práticas religiosas exercidas no lar como devocionais e orações antes das refeições e dos cuidados do lar, havia também a manutenção do idioma alemão como uma forma de preservação das tradições menonitas no cotidiano, já que muitas dessas práticas religiosas eram realizadas em alemão, assim como as conversas íntimas. Nesse sentido, a escola também se tornou uma extensão dessas práticas, na medida em que oferecia aulas de alemão no Colégio Erasto Gaertner.

Como parte dessa educação menonita que se estendia do lar para a escola, foi citado pelas entrevistadas o idioma alemão, o qual também integra a herança cultural menonita, apesar de ser um idioma que “perdeu” o prestígio no cenário mundial após a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial e, do surgimento de novas demandas no contexto social. Quando questionada sobre o motivo de ter escolhido o Colégio Erasto Gaertner para seus filhos estudarem, Hildegard Wiens afirmou que “também foi por causa disso, que tinha o alemão”. (Hildegard Wiens, 2023) Em artigo de 1986, sobre o propósito da escola menonita, Helmut Kienitz destaca a importância da preservação da língua alemã.

No que diz respeito à sua tradição e à língua alemã, os menonitas atribuem grande importância à sua preservação, mas de forma natural, sem suprimir o processo paralelo de assimilação da nova cultura. Os menonitas não tem o objetivo de usar a força para preservar a sua singularidade e a língua alemã, mas também não querem abster-se de transmitir aos seus filhos o patrimônio cultural que lhes devem⁴⁷. (Kienitz, 1986, p.4)

Na época em que o artigo foi escrito, o Colégio Erasto Gaertner tinha 40% de alunos menonitas e 60% de outras denominações religiosas, o que demonstra que havia um esforço da comunidade menonita em assimilar a “nova cultura”, ou seja, estar integrado à cultura brasileira. Continuando o artigo, é confirmado que os menonitas têm muito a aprender sobre o respeito cultural, mas também muito a oferecer, e a escola é uma forma de diminuir essa “culpa cultural”, ou o isolacionismo.

Na sequência o autor afirma que “um povo ou grupo étnico puro que não valoriza as suas tradições e bens culturais torna-se inseguro e sem rumo, e a sua autoconfiança sofre graves danos. É como uma força de combate sem apoio e sem reservas”⁴⁸. (Kienitz, 1986, p.4) Existe um conflito no discurso, pois, na mesma medida em que há um esforço da comunidade menonita através da escola em aproximar-se da cultura brasileira, há também um esforço em manter a tradição

47 Was ihre Tradition und die Deutsche Sprache betrifft, legen die Mennoniten sehr grossen Wert darauf, sie zu erhalten, aber auf natürlichem Wege, ohne den parallelen Prozess der Assimilierung der neuen Kultur zu unterdrücken. Die mennoniten haben sich nicht zum Ziel gesetzt, ihre Eigenart und die Deutsche Sprache gewaltmässig zu erhalten, wollen es aber auch nicht unterlassen, ihren Kindern ihr Kulturelles Erbe, das sie ihnen schulden, weiterzugeben. (tradução da autora)

48 Ein Volk oder eine Volksgruppe, das seine Tradition und sein Kulturelles Gut nicht schätzt, wird unsicher ziellos, und sein Selbstbewusstsein leidet schweren Schaden. Es ist wie eine Kampftruppe ohne Rückhalt und ohne Reserven. (tradução da autora)

menonita. E esse conflito é na verdade a força que permite a manutenção da tradição, num jogo de transmitir e receber com o fim de manter a identidade do grupo.

Nesse contexto, falar o idioma alemão e o dialeto *Plautdietsch* era uma prática cotidiana nos lares menonitas nas décadas de 1970 e 1980, contudo, o uso do dialeto era mais comum na comunicação entre a primeira e a segunda geração, enquanto o alemão era comum nos diálogos entre a segunda e a terceira geração. Portanto, a segunda geração de imigrantes menonitas é trilingue, pois fala o dialeto com os membros da família, o alemão na comunidade e o português em sociedade.

Segundo Elvine Dück, o *Plautdietsch* é uma variedade do alemão “na qual foram incluídos, à medida que os menonitas migravam, empréstimos lexicais da antiga Prússia, da Polônia e da Ucrânia”. (Dück, 2010, p.71) Já o *Hochdeutsch* dos menonitas é o alemão padrão, que também sofreu variações. O dialeto era a língua aprendida por várias gerações, conforme afirmado por Margarida Maass, o dialeto era um costume que “veio dos meus avós”, e o qual era falado com os seus pais. (Maass, 2023) Erica Polycarpo também afirmou que em casa, com os seus pais e irmãos, se falava basicamente o dialeto, enquanto o “alemão mesmo era mais na escola que a gente aprendia, tinha aula de alemão e na igreja”. (Polycarpo, 2023) Hildegard Wiens confirmou que em casa também só se falava o dialeto, “e o português com os empregados”. (Hildegard Wiens, 2013) Ela relatou uma situação curiosa sobre a mistura de idiomas que se falava em sua casa, já que além do *Plautdietsch*, do alemão e do português, a sua mãe falava o russo com os empregados ucranianos.

Quando eu era pequenininha comecei a falar. A minha mãe não me entendia e ninguém entendia eu, o que eu falava, e daí até ela ficou com medo assim que tivesse algum problema e me levou no médico. Daí o médico falou que era pra ela falar só uma língua comigo. (...) Daí a minha mãe ficou em cima e a gente só falava o dialeto. (Hildegard Wiens, 2023)

Edite Wiens disse que ela e o marido ainda falam em *Plautdietsch* em casa e que os filhos também sabem o dialeto. Esses depoimentos confirmam o dialeto como uma língua falada na intimidade, no lar, enquanto o alemão era usado na escola e na igreja. Elisabeth Peters chegou em Curitiba em 1952 e, como ela e a família só sabiam falar o *Hochdeutsch*, ela teve dificuldade de adaptação com a comunidade menonita. Segundo ela, “aqui falavam o *Plautdietsch* e o português

misturado”, o que dificultava a sua comunicação, já que não entendia nenhum dos dois idiomas. “Eu não entendia uma palavra. Só na igreja que falava deutsch (alemão). Isso estranhei muito. Acho que fiquei dois anos sem falar, até aprender o *Plautdietsch*.” (Peters, 2023) Esse relato confirma que o dialeto era a língua do lar e da intimidade, e também o idioma conversado entre os amigos mais próximos. Segundo Elvine Dück, o *Plautdietsch* era uma variedade inferior, usada no dia a dia, como “parte do mundo privado, interno do coração e do lar”. (Dück, 2010, p.72)

Entretanto, a maioria das mulheres menonitas entrevistadas, integrantes da segunda geração, optaram por falar o idioma alemão em suas casas, por ser um idioma familiar aos maridos (realidade de quatro das mulheres entrevistadas), por ser usado na escola e na igreja, e também como uma oportunidade de emprego para os filhos. Margarida Maass fez essa escolha do alemão porque seu marido era luterano e sabia falar o idioma. Aliás, saber falar alemão foi o segundo motivo que fez os pais de Margarida o aceitarem como esposo da filha, sendo o primeiro motivo, o fato de ele ser evangélico. Já o marido de Erica Polycarpo não sabia falar o idioma alemão, o que dificultou a transmissão da língua para os filhos. Segundo Erica, “os meus filhos não falam alemão, a Priscila entende, mas falar já não”. (Polycarpo, 2023)

Margarida, Elisabeth, Hildegard e Edite ensinaram o alemão para os filhos em casa como o primeiro idioma e, depois, foi ensinado o português, porque essas mães entendiam que o português seria aprendido facilmente no ambiente social, contudo, o alemão, se não fosse reforçado no lar, poderia se perder no dia a dia. Portanto, os filhos dessas mulheres sabem falar o idioma alemão, mas não falam mais na intimidade do lar como era usual entre eles e seus pais quando crianças. Elisabeth Peters relatou que manter esse idioma não foi fácil, pois os filhos “não faziam muita questão”, confirmando o medo da “perda” do idioma alemão por essas mães. (Peters, 2013) Segundo ela, “então eu falava alemão pra eles, e eles queriam responder em português. Diziam: Como? (o quê?) Bitte? (por favor?) Não sabiam, ditava, e daí era pra repetir. O esforço foi muito. E não deram valor”. (Peters, 2023) Segundo Elisabeth, o seu esforço não foi em vão, porque o seu filho conseguiu um emprego na Siemens por saber falar o alemão, reafirmando que o conhecimento da língua alemã era importante para a questão profissional.

Ter o domínio da língua alemã também propiciou bons empregos para os filhos de Edite Wiens. Nas suas palavras, “os nossos filhos tiveram os empregos deles muito fácil por causa do alemão”. (Edite Wiens, 2023) Assim como a família da Edite, muitas famílias menonitas optaram “por ensinar o *Hochdeutsch* aos seus filhos, uma vez que é considerada a variedade de prestígio, podendo, aparentemente, auxiliar os filhos em uma carreira profissional”. (Dück, 2010, p.72)

Apesar da segunda geração de imigrantes ter se esforçado para ensinar o alemão aos filhos, a terceira geração já não entende que saber esse idioma é uma prioridade, cedendo para outro idioma, o inglês. Segundo palavras de Edite Wiens, para “os netos hoje o alemão não vai, eles falam agora mais inglês do que o alemão”. (Edite Wiens, 2023) Inclusive, atualmente, no emprego do filho, o inglês é mais importante do que o alemão, o que fez essa geração não priorizar mais o ensino do alemão nos lares. Elisabeth Peters também relatou sobre a transmissão do alemão para os netos: “meus filhos aprenderam a falar, ler e escrever tudo, mas não passaram adiante pros netos”. (Peters, 2023) Ela ainda completou, “quando eles mesmos não dão aquele valor, né? Então, o que é importante pra eles falarem? Inglês! Porque é mundialmente mais útil, né?” (Peters, 2023)

Erica Polycarpo afirmou que mesmo entre os irmãos, atualmente, eles não falam mais em alemão, pois “é uma coisa que com o tempo vai se perder”. (Polycarpo, 2023) Elvine Dück afirma que

Tanto o *Plautdietsch* quanto o *Hochdeutsch* são componentes fundamentais do patrimônio imaterial dos menonitas, e ambos formam a base de todas as atividades culturais desse povo. A perda de uma dessas línguas, com certeza, significará também a perda de um depósito de uma longa história. (Dück, 2010, p.74)

Dentre as mulheres menonitas entrevistadas foi perceptível esse sentimento de tristeza pela perda do idioma alemão, porque era uma marca identitária para as primeiras gerações de menonitas no Brasil. Ao mesmo tempo há a certeza de que esse é um aspecto cultural que não é mais fundamental para os menonitas, os quais, gradativamente, estão deixando de ser uma comunidade étnico-religiosa, e tornando-se uma comunidade religiosa, pois, no processo de escolhas do que preservar, percebeu-se que o idioma alemão dificultava o entrosamento da comunidade menonita com a sociedade brasileira.

Nas entrevistas esse aspecto foi observado quando Edite e Hildegard Wiens constataram que não é mais viável fazer cultos em alemão. A igreja Irmãos

Menonitas do Boqueirão ainda realiza os cultos em alemão, porém, é a única das comunidades de Curitiba que ainda faz isso. Por isso, os membros menonitas “étnicos” de outras comunidades da região, vão assistir os cultos na igreja do Boqueirão. Segundo Hildegard Wiens, explicando inicialmente sobre o grupo de mulheres e depois sobre os cultos.

Nós tínhamos a nossa reunião no Xaxim. Até antes da covid, né? Mas daí faleceu uma, faleceu a outra e nós fomos ficando num pequeno grupo dos alemães. Porque o grupo dos alemães nós não temos mais culto em alemão no Xaxim. Não, já faz alguns anos que nós não temos mais porque o grupo foi diminuindo. (Hildegard Wiens, 2023)

Na sequência, Hildegard lembra que há alguns anos atrás, principalmente por causa dos filhos, a comunidade do Xaxim sentiu que tinha “que abrir as portas pro português”. (Hildegard Wiens, 2023) Segundo Edite Wiens, que era esposa do pastor Francisco Wiens da Igreja Irmãos Menonitas do Xaxim, os cultos em português começaram em 1992, mesmo os pais não estando abertos para isso, o que demonstra que a primeira geração ainda tinha o receio de perder a cultura com a troca do idioma. Contudo, a segunda geração entendeu que era necessário mudar para poder evangelizar as pessoas que moravam nos arredores da igreja.

O Francisco sempre dizia: nós temos todo espaço aqui e a nossa volta todo mundo não pode ir pra igreja porque é em alemão. E sempre vinham perguntar: podemos vir nessa igreja? E era só em alemão, e isso incomodava ele muito. Daí ele pediu pro conselho pastoral que ele ía fazer uma vez um retiro. (...) Aí nós fizemos um retiro pra pessoas que queriam vim. (...) Então do retiro nós vamos direto todo mundo pro salão da igreja e lá nós vamos fazer um culto. (...) E daí ele anunciou naquele dia, isso era num domingo, que no próximo domingo, seis horas da tarde no dia faremos um culto. E ali começou. (Edite Wiens, 2023)

Realizar os cultos em português foi uma quebra de paradigmas na igreja do Xaxim, em 1992, mas também o foi na igreja do Boqueirão, em 1984 quando iniciaram os cultos em português, confirmando que os aspectos religiosos como a evangelização e a assimilação de cônjuges não menonitas na igreja, era mais importante do que a cultura germânica. Conforme Elvine Dück

Essa atitude positiva em relação ao português com certeza facilitou a questão da evangelização inter-ética, e contribuiu para que os jovens da própria comunidade, muitas vezes já não mais falantes do *Plautdietsch* ou do *Hochdeutsch*, entendam melhor o que está sendo ensinado nas igrejas e possam permanecer nas mesmas (Dücker, 2010, p.73).

Para que houvesse a permanência dos membros na comunidade menonita, houve uma flexibilização da tradição linguística. Um costume, uma tradição que é petrificada, que não muda, morre. As perdas ocorrem durante toda a vida, todavia, “a maneira pela qual os grupos e indivíduos fazem frente à perda nos informa sempre sobre o jogo da memória e da identidade no interior da sociedade considerada, em particular quando se trata de heranças do passado”. (Candau, 2023, p.189) No caso da tradição do idioma alemão vemos que houve um esforço em conservá-lo, porém, no processo de escolhas de memórias compartilhadas, entendeu-se que era preciso haver essa perda ou adaptação para que outras tradições permanecessem, no caso, a tradição religiosa e a comunhão nas igrejas e nas famílias menonitas.

3.3. A educação menonita e as redes de sociabilidade e de solidariedade

A tradição religiosa nos lares menonitas se manifestava através de práticas espirituais cotidianas como a devocional, que incluía a leitura da Bíblia e a oração, e as orações antes das refeições, exercidas como atividades diárias pelas famílias menonitas. Esses exercícios espirituais eram fortalecidos através de atividades na igreja como frequência nos cultos e nas escolas dominicais aos domingos, participação em retiros, grupo de jovens, ensaios de coral e em grupos de mulheres.

No estudo de Roseli Boschilia (2010) sobre os portugueses no Paraná, a autora identifica as redes de solidariedade desse grupo de imigrantes como uma forma de manter a hegemonia dos portugueses no comércio, integrá-los ao mundo do trabalho e também de inseri-los no território simbólico a fim de manter a sua identidade étnica e cultural. Os laços de sociabilidade estabelecidos entre os portugueses e a sociedade curitibana e outros imigrantes se davam através de festas religiosas e reuniões sociais no interior das famílias, até como uma estratégia de encontro de imigrantes solteiros para o casamento, efetivando a endogamia no grupo. Segundo Roseli,

Ao analisar o comportamento dos imigrantes portugueses, (...) percebe-se que as práticas cotidianas, longe de serem estanques, oferecem múltiplas alternativas para que os indivíduos possam criar novas práticas culturais, muitas vezes subvertendo modelos tradicionais, alterando relações de poder e os próprios espaços organizacionais, sem, no entanto perder a sua identidade étnica. (Boschilia, 2010, p.229)

No contexto da comunidade menonita durante as décadas de 1970 e 1980 ainda percebemos a manutenção de práticas culturais e religiosas em redes de sociabilidade e de solidariedade, e como estratégia de permanência da identidade menonita. Dentre as práticas religiosas, as mulheres deste estudo apresentaram os cultos dominicais e a escola dominical como essenciais para o ensino da palavra de Deus, e como instrução de princípios cristãos. Ao questionar Margarida Maass sobre a importância de levar as filhas para os cultos, ela afirmou que “o culto sempre para ouvir a palavra de Deus”. (Maass, 2023) Dessa forma, havia o entendimento por parte dessas mulheres, de que a frequência nos cultos era mais uma estratégia da educação menonita, guiando o filho no “caminho certo”, no caso, no caminho cristão, além de ser uma forma de reunir os amigos da comunidade.

Outra estratégia que permitia o cumprimento desse objetivo educacional e de sociabilidade era a participação nos retiros organizados pela igreja para as crianças nas férias de janeiro, e para os adolescentes e jovens em datas como o feriado de Carnaval. Margarida Maass relatou que sua filha mais velha frequentava os retiros desde os sete anos de idade, e as outras filhas também participavam. Esses retiros acontecem até hoje na Chácara Betel, localizada em Araucária, e mantida pelas igrejas Irmãos Menonitas de Curitiba.

Dentre outras formas de sociabilidade que permitiam essa educação cristã e eram exercidas na igreja, podemos citar o batismo, a reunião de jovens, os grupos familiares e estudos bíblicos nas casas dos membros da comunidade. Edite Wiens, esposa de pastor, tinha o entendimento de que os grupos familiares eram uma primeira estratégia de evangelismo que se estendia, posteriormente, aos cultos.

Da mesma forma, os encontros de corais realizavam o papel da sociabilidade. Os corais são um aspecto cultural desenvolvido pela comunidade menonita desde a sua chegada ao Brasil. Segundo Waldemar Janzen, “um coral a quatro vozes em cada igreja era uma obrigação e homem que não cantasse tenor ou baixo no canto congregacional era raro. Melodia era tarefa só das mulheres”. (Janzen, 2010, p.185) Vários membros da comunidade menonita estudaram música para aperfeiçoar suas habilidades musicais e se tornaram regentes de corais e orquestras, além de dirigentes dos cantos congregacionais nos cultos dominicais. Além do aspecto cultural, a prática dos corais era uma oportunidade de sociabilidade através dos

ensaios semanais, e também uma forma de manter o idioma alemão, já que muitas dessas músicas cantadas eram em alemão.

Na comunidade menonita são organizados até hoje grupos de mulheres como uma forma de sociabilidade e solidariedade, sendo reuniões semanais onde essas mulheres estudam a Bíblia, oram, confraternizam com um café e bolo, e realizam trabalhos de ação social. Sobre a importância desse grupo de mulheres, Margarida Maass afirmou: “É o convívio, né? A união, a palavra de Deus, é... Têm os trabalhos que nós fazíamos, a ajuda que fazíamos, fazemos ainda de todo ano escolher uma entidade que a gente ajuda também né. Faz o serviço social também”. (Maass, 2023) Essa fala revela três aspectos importantes do grupo de mulheres, o estudo da palavra de Deus, o convívio, no caso, a comunhão entre elas, e a possibilidade de realizar um trabalho social.

Michele Perrot (2013), estudando as mulheres parisienses no século XIX, afirmou que essas donas de casa têm muitos poderes, que passam por redes de sociabilidade informal e exercem várias funções, tais como, criar os filhos, manter a família, realizar trabalhos domésticos e prover recursos econômicos. Todavia, as mulheres exerciam esses poderes no espaço privado, sendo privadas pelos homens de exercer o seu poder no espaço público, porém, essas mulheres se encontravam em pontos de convergência, equipamentos coletivos, como hospitais, igrejas, creches e escolas, porque esses espaços correspondiam a tarefas femininas.

As mulheres menonitas desse estudo se encontravam em pontos de convergência como a igreja, onde podiam trocar experiências sobre educação de filhos, relacionamento com o cônjuge, administração do lar, receitas e vida cristã. Como essas mulheres não saíam muito de casa, pois não tinham empregos formais e se dedicavam à educação dos filhos e ao cuidado do lar, o encontro de mulheres na igreja era uma oportunidade para frequentar o espaço público e confraternizar com outras mulheres. O grupo de mulheres era, além de um espaço de sociabilidade, um local de solidariedade e ajuda mútua, um espaço de liberdade onde essas mulheres podiam orientar as mais jovens através de conselhos, e também realizar trabalhos sociais.

Analisando as notícias sobre o grupo de mulheres publicadas no periódico menonita *Bibel und Pflug* nas décadas de 1970 e 1980, foi possível entender a rotina desse grupo. As reuniões aconteciam quinzenalmente, durante o período da tarde,

no salão da igreja do Boqueirão, Xaxim ou Vila Guaira. Durante o encontro as mulheres cantavam, oravam, liam a Bíblia, faziam estudos sobre temas diversos e terminavam a reunião com um café e bolo. Helena Ens fez um relato desses encontros.

A associação se reúne quinzenalmente para cultivar a comunhão na Palavra de Deus, a oração, o trabalho, a leitura de livros bons e úteis, discussões, etc. Comemoramos aniversários três vezes ao ano, onde o grupo aniversariante oferece café e bolo e o outro grupo fornece o programa, que consiste em reflexão de palavras. Canções, poemas e pequenas palestras⁴⁹. (Ens, 1973, p.3)

Dentre os estudos realizados no grupo estão temas como: Deixe todas as coisas acontecerem com amor; Servir para o intercâmbio fraterno e para compartilhar e fortalecer a fé; Televisão: benção ou maldição?⁵⁰; “Faça de mim uma benção”; Responsabilidade no uso das palavras⁵¹. Esses assuntos visavam aperfeiçoar a vida espiritual, refletir sobre condutas no cotidiano e sobre a melhor forma de educar seus filhos. É frequente a ênfase desse grupo na ajuda ao próximo e isso é descrito em frases como “sempre há oportunidades para aliviar a angústia e ajudar os necessitados”⁵², ou “servir ao Senhor e ao próximo também é o plano da associação de mulheres da Comunidade Menonita do Boqueirão para o ano de 1973”⁵³.

O trabalho de ação social realizado por essas mulheres abrangia várias ações como coleta de dinheiro durante os encontros para apoiar a Conferência Mundial Menonita⁵⁴ (Mennonite World Conference) e o Hospital Evangélico, costurar

49 Jede vierzehn Tage versammelt sich der Verein, zur Pflege der Gemeinschaft im Worte Gottes, Gebet, Arbeit, Lesen guter und nützlicher Bücher, Besprechungen, usw. Dreimal im Jahr feiern wir Geburtstag, wo dann die Geburtstagsgruppe für Kaffee und Kuchen sorgt und die andere Gruppe fürs Programm, bestehend aus Wortbetrachtung, Lieder, Gedichte und kurze Vorlesungen. (tradução da autora)

50 Bibel und Pflug, n.22, p.1, 1970.

51 Bibel und Pflug, n.20, p.1, 1971.

52 Es gibt ja immer wieder Gelegenheit, Not zu lindern und Betüritigen zu helfen. (tradução da autora) ENS, H. *Frauenarbeit in Boqueirão*. Bibel und Pflug, n.9, p.2, 1972.

53 “Mit Freunden” dem Herrn und unserem Naechsten diene, wo immer wir koennen, ist auch das Vorhaben des Frauenvereins der Mennonitengemeinde zur Boqueirão für das Jahr 1973. (tradução da autora) ENS, Helena. *Frauenverein der MG von Boqueirão*. Bibel und Pflug, n.9, p.3, 1973.

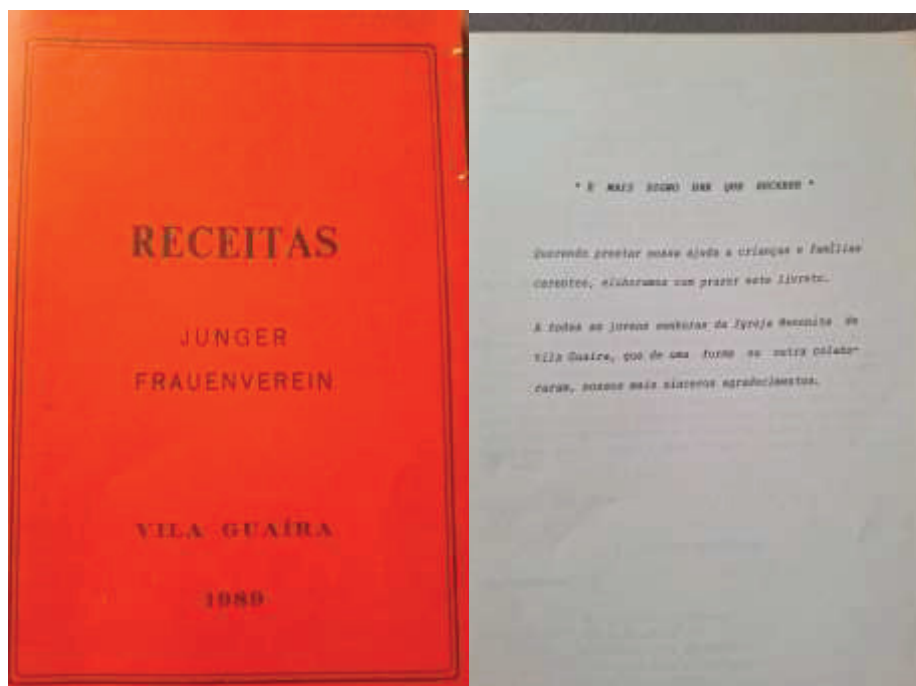
54 A organização foi fundada na Primeira Conferência Mundial Menonita em Basel, Suíça, em 1925 para comemorar 400 anos de Anabatismo. Desde então, esse encontro acontece a cada 5 anos, e um secretariado permanente garante o vínculo entre as igrejas. De acordo com um censo de denominação de 2022, tem 109 denominações de membros em 59 países e 1,47 milhão de membros batizados em 10.300 igrejas. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Confer%C3%Aancia_Mundial_Mennonita (acesso em 24/01/2024)

cobertores para serem usados durante a Conferência e depois doados aos necessitados. Vender produtos de panificação a fim de arrecadar dinheiro para os trabalhos sociais, como para compra de materiais para a confecção de cobertores. Em pequenos grupos visitar o lar de idosos, doentes, pessoas carentes e os doentes que sofreram queimaduras no “Hospital de Queimados” (Hospital Evangélico). Na época do Natal essas mulheres faziam biscoitos para as crianças carentes das Missões Menonitas e para o Encontro de Jovens da igreja. Na Páscoa elas faziam formas de bolos para os jovens. Enfim, através dessas ações sociais, as mulheres cumpriam o que elas entendiam ser a sua missão, amar ao próximo e servir a Deus.

As reuniões de mulheres eram espaços de sociabilidade, de solidariedade, mas também espaços educativos. O grupo de mulheres da Vila Guaira organizou em 1989 um livro de receitas intitulado *Junger Frauenverein*⁵⁵ (figura 19) com o objetivo de ajudar crianças e famílias carentes, e motivadas pelo lema “é mais digno dar que receber”. (Receitas, 1986) O livreto de receitas não tem a citação de uma autora organizadora, somente um agradecimento “a todas as jovens senhoras da Igreja Menonita de Vila Guaíra, que de uma forma ou outra colaboraram”. O livreto é composto por 38 receitas salgadas e 28 receitas doces, sendo que há somente duas receitas de origem menonita, o *werenike* ou pierogi (pastéis de requeijão cozidos) e o *pruski* (semelhante a um sonho). A maioria das receitas é da culinária brasileira, com exceção de cinco receitas com influência chinesa, espanhola e norte-americana.

Figura 19: Livro de Receitas Junger Frauenverein – Vila Guaíra, 1989.

55 Grupo de Jovens Mulheres.



Esse livreto demonstra que as mulheres menonitas na década de 1980 já estavam adaptadas à cultura brasileira e buscavam a aproximação com a sociedade através de ações sociais. E que as receitas tradicionais menonitas não eram mais majoritárias no seu cotidiano, já que o livreto apresentado representava a realidade da culinária dessas mulheres no seu dia-a-dia. Além disso, essas mulheres estavam preocupadas em repassar para a sociedade brasileira um aspecto importante da educação menonita, qual seja, a organização do lar, e um livreto de receitas ajudaria as mulheres a organizarem uma rotina mais saudável através de receitas nutritivas, e também facilitando a administração da casa no cotidiano.

No entanto, frequentar esses grupos não era possível para todas as mulheres, pois eram reuniões que aconteciam durante a semana, portanto, para mulheres como a Elisabeth Peters e a Erica Polycarpo, que trabalhavam em casa para auxiliar na renda da família, era inviável. Nas palavras de Elisabeth, “enquanto eu trabalhava era difícil, né? Era assim muito difícil. Sim, imagine no meio da semana assim, uma tarde toda”. (Peters, 2023) Nem todas as mulheres tinham disponibilidade para frequentar essas reuniões, o que demonstra que essas mulheres da segunda geração já eram mulheres num contexto de transição.

Hildegard Wiens, membro da Igreja Irmãos Menonitas do Xaxim, apresentou uma dificuldade sobre a realidade atual desses grupos. As mulheres que frequentavam as reuniões do grupo de mulheres em alemão foram morrendo, especialmente após o Covid, e então, segundo seu relato: “Daí nós, aquelas que

restaram, nós estamos quase todas participando do Boqueirão agora. Do grupo de mulheres lá. Que é tudo em alemão ainda, né? (Hildegard Wiens, 2023)

Esse grupo de mulheres que Hildegard está se referindo são as mulheres da segunda geração, entre 70 e 80 anos, que ainda realizam as reuniões em alemão. Contudo, essa fala confirma que essas reuniões estão diminuindo na comunidade menonita porque a nova geração não realiza mais essas reuniões no formato tradicional, numa tarde durante a semana e em alemão. Atualmente, as mulheres da terceira geração organizam reuniões de mulheres num outro formato, como opção de estudos bíblicos no período noturno, já que, na sua grande maioria, são mulheres que têm seus empregos durante a semana e não dispõem de tempo para uma reunião numa tarde. As filhas da segunda geração entendem o valor do estudo da palavra de Deus e da comunhão, entretanto, alteraram a forma como ocorre essa sociabilidade.

Apesar da flexibilização do idioma alemão na educação menonita, as orações antes das refeições ainda são feitas em alemão, demonstrando a permanência dessa tradição como uma memória quente, como uma memória que foi estabilizada apesar das mudanças que ocorreram ao seu redor. Afinal, essas mudanças endógenas e exógenas nas famílias e na comunidade menonita permitiram às mulheres da segunda geração a escolha do que preservar, conforme o critério de relevância para o presente e de manutenção da sua identidade de fé.

Considerações finais

A história das mulheres descendentes de imigrantes é marcada pela transição entre a primeira geração pioneira e desbravadora e, a terceira geração, adaptada à nova realidade. A pressão que está sobre a segunda geração é a responsabilidade de transmitir a seus descendentes a tradição, a história e as memórias das quais se tornaram guardiãs. O título original do meu projeto de pesquisa era *A mulher menonita em Curitiba: guardiã de sua história*, mas no decorrer do processo do Mestrado e das pesquisas desenvolvidas, percebi que essas mulheres não conseguiram guardar todo o arcabouço de memórias, histórias e tradições da comunidade menonita, assim como também não conseguiram transmitir às suas filhas tudo o que ambicionavam ensinar. Segundo Candau (2023), quando a tradição não tem mais aplicação para o presente, ela se torna um objeto de nostalgia, não é mais geradora de continuidade, e não se ancora mais na vida cotidiana, até desaparecer por completo. Portanto, o que as mulheres desse estudo demonstraram é que, principalmente, o que poderia ser aplicado no presente cotidiano é que deveria ser mantido, então elas escolheram o que ainda seria importante no presente.

As mulheres menonitas pertencem a um grupo religioso conhecido por seu zelo em viver uma vida de santidade no seu dia-a-dia, e por terem sofrido um histórico de perseguições. O objetivo dessa pesquisa foi entender quais foram as tradições mantidas, adaptadas ou abandonadas no processo de ensino de mães da

segunda geração de menonitas para filhas da terceira geração. Dentro desse propósito, posso afirmar que houve mais perdas do que permanências, contudo, as permanências foram significativas e relevantes para a nova geração.

O primeiro aspecto que era de extrema relevância para a comunidade menonita e, um de seus pilares culturais, era o idioma alemão, uma marca que foi trazida pelos antepassados quando migraram para a Rússia no século XVIII, e que continuou presente na primeira geração quando os menonitas emigraram da Rússia para o Brasil, sofrendo inclusive restrições no período do governo Vargas. Entretanto, as mulheres da segunda geração flexibilizaram essa tradição para se aproximarem da sociedade brasileira, com o intuito de evangelismo, ou por causa dos casamentos mistos, entre a sua geração e a de suas filhas.

Da língua alemã ficaram algumas tradições religiosas no lar como a oração antes das refeições e as conversas íntimas na família, e o culto e o encontro de mulheres na Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão, última igreja menonita de Curitiba a realizar o culto em alemão. A importância de ensinar o idioma alemão como uma oportunidade de emprego ainda era relevante para os filhos, porém, não mais para os netos, para os quais o idioma inglês é mais útil na vida profissional. O Colégio Erasto Gaertner retirou o alemão da grade curricular em 2020, deixando essa língua como matéria opcional no Centro Cultural da instituição e, no lugar, priorizou o inglês, o que comprova a preferência da educação menonita pelo inglês e, não mais pelo alemão.

O casamento endogâmico, característica inicial da comunidade menonita, também foi um aspecto flexibilizado na transmissão identitária entre a segunda geração e, ampliado nas gerações seguintes. O casamento de menonitas com luteranos era aceito pelos pais das mulheres da segunda geração devido à questão cultural germânica, especialmente, no que se refere ao idioma alemão. Contudo, o que passou a ser prioridade nas escolhas conjugais da segunda geração em diante, foi a origem cristã e ser evangélico, ainda com certa relutância com relação aos católicos. Essa adaptabilidade demonstra que houve um maior entrosamento com a sociedade brasileira, porém, viver os princípios cristãos na família ainda é essencial para o casamento, mantendo a identidade menonita baseada na fé e na união da família.

O valor da família e seu cuidado é mantido pelas mulheres menonitas da segunda geração e continuado pelas suas filhas. As mulheres menonitas são zelosas cuidadoras do lar, educadoras de seus filhos e filhas, e submissas aos seus maridos, todavia, elas tomam as decisões conjuntamente com eles e, são as organizadoras da rotina da família, incorporando nesta os hábitos que aprenderam e ensinam às futuras gerações. Ao optarem por ser donas de casa, as mulheres menonitas priorizaram o cuidado do lar e da família, contudo, não se isentaram de contribuir com a renda familiar realizando trabalhos manuais como costura, artesanato, cozinhando ou tendo pequenos negócios em suas casas.

Apesar de as novas gerações serem mulheres que se dividem entre os afazeres domésticos e um trabalho formal, elas valorizam as refeições em família, o fazer juntos a comida e a manutenção de algumas receitas tradicionais como cuques, pães, o pierogi e a sopa *Borscht*, compartilhando esses alimentos em festividades familiares e da comunidade. As práticas cristãs como as devocionais em família e as orações antes das refeições, também são permanências da identidade menonita nas famílias.

A solidariedade e a sociabilidade das mulheres na comunidade ainda é perceptível em almoços comunitários que são realizados com o objetivo de arrecadar recursos para instituições mantidas pela comunidade menonita. E a sociabilidade permanece nos cultos, nos encontros de corais, nos retiros, nos grupos de estudo bíblico, nos encontros semanais de mulheres. Dentre as tradições materiais e imateriais, as mulheres menonitas são, principalmente, guardiãs das tradições imateriais, ligadas à fé e aos relacionamentos familiares, da comunidade e da educação. As tradições materiais mantidas por essas mulheres, como receitas e artesanatos, são permanências que estão ligadas aos valores da fé, do trabalho e da vocação, aspectos que formam a identidade menonita.

O estudioso sobre os menonitas John D. Roth afirma que, “quando contamos as histórias coletivas de nossas igrejas, de nossa denominação ou da tradição de fé mais abrangente, estamos procurando pontos de continuidade que nos unam a esse passado”, contudo, ele destaca que, por vezes, o passado pode se tornar um obstáculo à fé, como “um ‘peso morto’ da tradição que mantém os cristãos presos a hábitos legalistas”. (Roth, 2023, p.8,10). A história dos menonitas foi escrita com um viés heroico, sempre relatando a fidelidade e a perseverança corajosa dos pioneiros,

e ainda é assim descrita, contudo, as novas gerações têm ressignificado essa história e suas tradições, e permitido que a cultura em transformação em que estão inseridos, os levem a reflexões sobre sua permanência e continuidade. O fato de as mulheres menonitas estarem sendo ouvidas e suas histórias sendo contadas é uma mudança significativa nessa comunidade, confirmando que a sua história vai além de momentos heroicos, mas se constrói no cotidiano, tendo as mulheres como pilares da fé e da identidade dos menonitas no Brasil.

FONTES :

A sábia transição. Jornal Diário do Paraná, Curitiba, p.12, 14/11/1976.

BALHANA, Altiva Pilati. **Os menonitas no Brasil.** In: PAULS Jr, Peter. Mennoniten in Brasilien: Cinquentenário da imigração menonita no Brasil (1930-1980). Witmarsum, 1980.

BORNSCHEIN, Anni. **Das Jahr der Frau.** Bibel und Pflug, Curitiba, n.20, p.1, outubro 1975.

BRAUN, Anna. **Frauentagung auf der 26. Konferenz der A.I.I.M. von Brasilien.** Bibel und Pflug, n.3, p.7, fevereiro 1986.

Clã faz reunião mundial em Palmeira. O Estado do Paraná. 7/03/1998.

ENS, Helena. **Frauenarbeit in Boqueirão.** Bibel und Pflug, n.9, p.2, maio 1972.

ENS, Helena. **Frauenverein der MG von Boqueirão.** Bibel und Pflug, n.9, p.3, maio 1973.

Frauentag in Boqueirão. Bibel und Pflug, n.22, p.1, novembro 1970.

Frauentag in Vila Guáira. Bibel und Pflug, n.20, p.1, outubro 1971.

Grupos de alemães que vivia na Rússia funda colônia em Palmeira. O Estado do Paraná, p.23, 26/12/2004.

JANZ, Willy. **Unsere Schulen als Mittel zur Geistlichen erziehung unserer Kinder.** Bibel und Pflug, n.5, p.4, março 1975.

JANZEN, Harry. **Por que os menonitas são como são?** Fé, sociedade e cultura. In: SIEMENS, Udo (org.). Quem somos (1930- 2010): A Saga Menonita rompendo a barreira cultural. Curitiba: Editora Esperança, 2010, p.109-119.

JANZEN, Waldemar. **Os menonitas e a arte.** In: SIEMENS, Udo (org.). Quem somos (1930- 2010): A Saga Menonita rompendo a barreira cultural. Curitiba: Editora Esperança, 2010, p.185-195.

JUSTUS, Lauro. **Russos-alemães:** um século na história do Paraná. Informativo Bamerindus, ano IX, n.33, nov/1977.

KIENITZ, Helmut. **Sinn und Zweck Mennonitischer Schullen.** Bibel und Pflug, n.14, p.4, julho 1986.

LOSSO, Igor. **Brasil, nova pátria dos menonitas.** In: PAULS Jr, Peter. Mennoniten in Brasilien: Cinquentenário da imigração menonita no Brasil (1930-1980). Witmarsum, 1980.

MÜLLER, H. **Wie bleibt meine Ehe gluecklich?** Bibel und Pflug, n.6, p.2, março 1974.

Núcleo Leiteiro da Lapa afilhado de Maria Angela (série engenheiras II). Jornal Diário do Paraná, p.5, 10/12/1972.

PAULS, Alfred. **Menonita, conte sua história!** In: SIEMENS, Udo (org.). Quem somos (1930- 2010): A Saga Menonita rompendo a barreira cultural. Curitiba: Editora Esperança, 2010.

PAULS Jr, Peter. **Mennoniten in Brasilien:** Cinquentenário da imigração menonita no Brasil (1930-1980). Witmarsum, 1980.

PETERS, Elisabeth. **Minha peregrinação iniciada na 2ª Guerra.** Curitiba: Ed. da Autora, 2021.

Receitas: Junger Frauenverein. Vila Guaíra, 1989.

SCHOLL, Norbert. **Geschirr und Seifenschaum.** Bibel und Pflug, n.3, p.7, fevereiro 1986.

SIEMENS, Irmgard August. **Comida típica menonita.** In: SIEMENS, Udo (org.). Quem somos (1930- 2010): A Saga Menonita rompendo a barreira cultural. Curitiba: Editora Esperança, 2010.

SIEMENS, J. Udo. **A História Menonita no Brasil através de seus prenomes.** In: SIEMENS, Udo (org.). Quem somos (1930- 2010): A Saga Menonita rompendo a barreira cultural. Curitiba: Editora Esperança, 2010.

Tradição e Etnias, n.4, p.7-12, 1993.

VARASSIN, Raul Antônio. **O longo caminho da fuga (II)**. Jornal Diário do Paraná, p.8, 25/06/1967.

FONTES ORAIS

MAASS, Margarida. **Margarida Maass**. Depoimento (maio.2023). Entrevistador: Eliane Maass Cirqueira.

PETERS, Elizabeth. **Elizabeth Peters**. Depoimento (junho.2023). Entrevistador: Eliane Maass Cirqueira.

POLYCARPO, Erica Rempel. **Erica Rempel Polycarpo**. Depoimento (julho.2023). Entrevistador: Eliane Maass Cirqueira.

WIENS, Hildegard Löwen. **Hildegard Löwen Wiens**. Depoimento (junho.2023). Entrevistador: Eliane Maass Cirqueira.

WIENS, Edite. **Edite Wiens**. Depoimento (julho.2023). Entrevistador: Eliane Maass Cirqueira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas no início do Protestantismo Brasileiro**: a religiosidade, o papel feminino, as denominações e suas pioneiras. Viçosa: Ultimato, 2022.

AMAS: Associação Menonita de Assistência Social. Disponível em: <https://www.amasbrasil.org.br/>. Acesso em: 12/11/2023.

BARBOSA, Francielly Giachini. **Para além da escola**: identidade menonita e práticas sócio-educativas (Curitiba, 1934-48). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação de Educação, UFPR, 2010.

BECKER, Palmer. **O que significa ser um cristão anabatista?** In: KRABILL, James R. Missio Dei: Explorando a obra de Deus no mundo, n.18, Rede Menonita de Missões, 2010.

BERQUÓ, Elza. **Arranjos familiares no Brasil**: uma visão demográfica. In: NOVAIS, Fernando A. e SCHWARTZ, Lilia Moritz. História da Vida Privada: contrastes da intimidade contemporânea. Vol.4. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p.411-438.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONFIM, Mario Jorge Carneiro Dutra. **O Patriarca tradicional e suas relações sociais na visão de Gilberto Freyre**. 18º SEMOC: Direitos Humanos, Ética e Dignidade. 18 a 24 de outubro, 2015.

BOSCHILIA, Roseli; FIAMONCINI, Celina; PASSOS, Gisele Cristina. **A presença portuguesa no Paraná: trabalho, integração e sociabilidade**. In: SOUZA, Fernando de (coordenador) *Entre mares: o Brasil dos portugueses*. Belém/PA: Editora Pakatatu, 2010, p.223-230.

BUENO, Wilma de Lara. **Curitiba, uma cidade bem amanhecida**. Vivência e trabalho das mulheres polonesas no final do século XIX. Dissertação do Curso de Pós-Graduação em História. UFPR, Curitiba, 1996.

BURQUE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2023.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Portugal: Difusão Editorial S.A., 2002.

CONFERÊNCIA MUNDIAL MENONITA. Wikipedia, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Confer%C3%A2ncia_Mundial_Mennonita. Acesso em: 24/01/2024.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França Moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DELUMEAU, Jean. **Nascimento e afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989.

DÜCK, Elvine Siemens. **O multilinguismo nas comunidades menonitas**. In: SIEMENS, Udo (org.). **Quem somos (1930- 2010): A Saga Menonita rompendo a barreira cultural**. Curitiba: Editora Esperança, 2010.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: 1ª edição digital, 2013.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins e GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Patrimônio imaterial: diversidade e diferença na cultura popular na contemporaneidade**. In:

RAMOS, Alcides Freire; COSTA, Cléria Botelho da; PATRIOTA, Rosangela (org). Temas de História Cultural, São Paulo: Hucitec, 2012.

GUSSO, Sandra de Fátima Krüger. **A contribuição do ensino religioso da escola confessional menonita para a formação do cidadão em diferentes gerações.** Tese de Doutorado da Faculdade EST, São Leopoldo, 2016.

HOBBSAWM, Eric. e RANGER, Terence (org) **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

JANZ, Willy. **Janz, Willy (1926-1986).** Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online, 1987. Disponível em: https://gameo.org/index.php?title=Welcome_to_GAMEO. Acesso em: 23/01/2024.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota e NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Memória e Sensibilidades.** In: RAMOS, Alcides Freire; COSTA, Cléria Botelho da; PATRIOTA, Rosangela (org). Temas de História Cultural, São Paulo: Hucitec, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Disciplina e Piedade:** o movimento feminino católico brasileiro no começo do século XX. Revista Brasileira de História das Religiões, Ano IX, n.26, set/dez 2016, p.185-207.

MASKE, Wilson. **Bíblia e Arado:** os menonitas e a construção do seu reino. Dissertação (Mestrado em História) UFPR, 1999.

MELO Jr, João Alfredo Costa de Campos. **O Conceito de Experiência Histórica em Edward Thompson.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

MONTANARI, Massimo (org.) **O mundo na cozinha:** História, Identidades, trocas. São Paulo: Estação Liberdade: Senac, 2009.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo, (10) dez. 1993.

NÓVOA, Antônio. **História da Educação:** Percursos de uma disciplina. Análise Psicológica, 1996.

POLLAK, Michael. **Memória e esquecimento.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p.3-15.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p.200-212.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres do Sul**. In: PRIORE, Mary del. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

PRIORE, Mary del. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

REINHARDT, Juliana Cristina. **Dize-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 2007.

ROTH, John d. **Os menonitas: de onde viemos, quem somos e para onde vamos**. Curitiba: Menonpress, 2023.

SAHR, Wolf-Dietrich; LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. **Menonitas Brasileiros às margens do mundo nacional: um estudo de Geografia Social e Cultural**. In: R.RA'EGA, Curitiba, n.4, p.61-81, 2000. Editora da UFPR.

SCHNEPPER, Horst. **Horst Schnepfer**. LinkedIn. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/horst-schnepfer-1b500424>. Acesso em: 13/10/2023.

SHOWALTER, Mary Emma. **Mennonite Community Cookbook: favorites Family recipes**. Herald Press: Waterloo, Ontario, 1978.

SIEMENS, João Udo. **Pastor Abram Dück**. Menonitas no Brasil. Disponível em: <https://www.menonitasnobrasil.com.br/200314>. Acesso em: 24/01/2024.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural**. In: Educação & Sociedade, ano XXI, n.71, julho/2000, p.116-193.

SOUZA, Luiz Alberto de. **E. P. Thompson e a tradição romântica inglesa**. Revista em Debate (UFSC), Florianópolis, vol.17, p.4-14, 2017.

STECZ, Solange Straube. **Cinema e educação: produção e democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba**. Tese do Programa de Pós-graduação em Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, UFSCar, 2015.

TELEGINSKI, Neli Maria. **Os dois lados do balcão: armazéns, bodegas e cotidiano em Irati/PR (1907-1970)**. São Paulo: Alameda, 2016.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. **Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias**. Proj. História, São Paulo, (15), abr. 1997, p.51-84.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

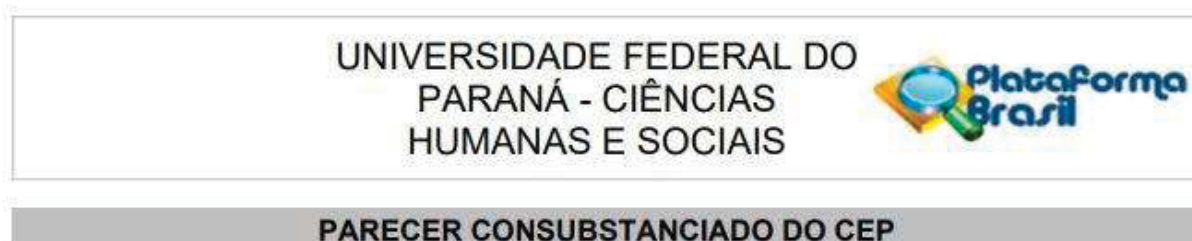
WIENS, Victor. **Refugiados e Embaixadores: Missões Menonitas no Brasil**. CreateSpace Independent Publishing Platform, North Charleston, SC. 2018.

WOODHEAD, Linda. **As diferenças de gênero na prática e no significado da religião**. Revista Estudos de Sociologia, v.18, n.34, jan/jul. 2013, p.77-100.

XAVIER, Libânia Nacif. **Particularidades de um campo disciplinar em consolidação: Balanço do I Congresso Brasileiro de História da Educação (RJ/2000)**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1: Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética do Paraná



DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MÃES E FILHAS - EDUCAÇÃO NOS LARES MENONITAS: cultura e tradições das famílias descendentes de imigrantes radicados no Paraná (1970-1980)

Pesquisador: SAMARA MENDES ARAUJO SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67048123.8.0000.0214

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.978.302

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa de mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação. Pesquisa no campo da história da educação tem como participantes mulheres brancas, casadas, filhas de imigrantes russoalemães menonitas, na faixa etária entre 70 e 80 anos, que se tornaram mães nas décadas de 1970 e 1980 em Curitiba e que frequentavam a Comunidade Menonita nesse período.

Objetivo da Pesquisa:

As pesquisadoras informam:

OBJETIVO GERAL: Compreender as práticas cotidianas das mulheres menonitas nas décadas de 1970 e 1980 em Curitiba (PR) para transmissão de seus conhecimentos e valores para suas famílias.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1) Entender a estrutura e rotina familiar menonita nas décadas de 1970 e 1980 em Curitiba (PR). 2) Investigar as práticas religiosas relacionadas à comunidade menonita em Curitiba (PR) nas décadas de 1970 e 1980. 3) Compreender como se deu a passagem dos valores éticos e morais da comunidade menonita em Curitiba (PR) nas décadas de 1970 e 1980 para o ambiente familiar. 4) Observar as práticas educativas, tendo a influência do ensino em uma escola menonita com um currículo específico que mantinha a língua alemã e os valores cristãos através das devocionais diárias e das aulas de Ensino Bíblico nas décadas de 1970 e 1980 em Curitiba (PR).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: As pesquisadoras informam como riscos "As participantes, por serem pessoas de idade mais avançada (em torno de 70 anos), terão liberdade para escolher o ambiente em que se sintam mais confortáveis, além de não ser exigido um tempo muito longo de entrevista.

Como são pesquisas sobre a memória pode haver algum esquecimento ou confusão na hora das respostas, e o tempo pode se estender por lembranças e emoções que possam aflorar. Se houver algum desconforto emocional ou físico do/a participante a entrevista será interrompida. A participante pode desistir a qualquer momento".

Dada a idade das entrevistadas as pesquisadoras incluíram nas estratégias para minimizar os riscos: "Se houver algum desconforto emocional ou físico da participante a entrevista será interrompida e remarcada quando, e se, a participante assim quiser. As participantes poderão fazer os seus relatos em grupo, já que são amigas e se conhecem há muito tempo, mitigando o desconforto. Além disso, como as participantes falam em alemão em seus lares, terão a liberdade para usar a língua materna, afim de que se sintam mais confortáveis. Como a pesquisadora também fala alemão será possível lhes permitir essa liberdade de linguagem. A participante poderá fazer a entrevista acompanhada de algum familiar para se sentir mais a vontade e segura".

Benefícios: As pesquisadoras indicam a contribuição para o campo da história da educação e destacam "O benefício dessa pesquisa para as participantes está no fato de elas poderem resgatar memórias de sua infância e do seu tempo de maternidade, assim como do convívio com a comunidade menonita.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem como participantes mulheres entre 70 e 80 anos que responderão a um questionário fechado e serão entrevistadas. O foco da pesquisa são as memórias sobre as práticas de mães menonita no processo educacional não escolar de seus filhos.

As pesquisadoras indicam que será adotado pseudônimos para o tratamento das entrevistas e proteção do sigilo. As pesquisadoras preveem a guarda do material das entrevistas por 5 anos conforme estabelece as normas nacionais. As informações sobre a forma de acesso as participantes foi incluída no projeto. sigilo,

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto e os instrumentos - questionário e roteiro de entrevista - foram apresentados e não há óbices éticos nos instrumentos. O TCLE está adequado.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências identificadas no protocolo foram corrigidas, portanto o projeto está apto para aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

01. Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, RELATÓRIOS PARCIAIS semestrais (a cada seis meses a partir da data de aprovação), com o relato do andamento da pesquisa, via Plataforma Brasil, usando o recurso NOTIFICAÇÃO. Informações relativas às modificações do protocolo, como cancelamento, encerramento, alterações de cronograma ou orçamento, devem ser apresentadas no modo EMENDA. No encerramento da pesquisa deve ser submetido via NOTIFICAÇÃO da Plataforma Brasil o RELATÓRIO FINAL.

02 - Importante: (Caso se aplique): Pendências de Coparticipante devem ser respondidas pelo acesso do Pesquisador principal. Para projetos com coparticipante que também solicitam relatórios semestrais, estes relatórios devem ser enviados por Notificação, pelo login e senha do pesquisador principal no CAAE correspondente a este coparticipante, após o envio do relatório à instituição proponente.

03 - Favor inserir em seu TCLE e/ou TALE o número do CAAE e o número deste Parecer de aprovação, para que possa apresentar tais documentos aos participantes de sua pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2071597.pdf	24/02/2023 19:05:22		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	corrigido.docx	24/02/2023 19:03:28	ELIANE MAASS CIRQUEIRA	Aceito
Outros	carta.docx	20/02/2023 10:23:32	ELIANE MAASS CIRQUEIRA	Aceito
Outros	ata.docx	24/01/2023 15:18:48	ELIANE MAASS CIRQUEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	10/01/2023 08:34:29	SAMARA MENDES ARAUJO SILVA	Aceito
Projeto Detalhado	projeto.docx	28/12/2022	SAMARA MENDES	Aceito
/ Brochura Investigador	projeto.docx	16:37:09	ARAUJO SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_.docx	28/12/2022 16:35:12	SAMARA MENDES ARAUJO SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 31 de Março de 2023

Assinado por:
Simone Cristina Ramos
(Coordenador(a))

ANEXO 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: MÃES E FILHAS – EDUCAÇÃO NOS LARES MENONITAS: cultura e tradições das famílias descendentes de imigrantes radicados no Paraná (1970-1980)

Pesquisador/a responsável: Prof^a Dr^a Samara Mendes Araújo Silva

Pesquisador/a assistente: Eliane Maass Cirqueira

Local da Pesquisa: Curitiba (PR)

Endereço: Rua Gabriel Corisco Domingues, 564, sob.4, Boqueirão, Curitiba, Paraná

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Você é livre para decidir participar e pode desistir a qualquer momento sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada MÃES E FILHAS – EDUCAÇÃO NOS LARES MENONITAS: cultura e tradições das famílias descendentes de imigrantes radicados no Paraná (1970-1980) tem como objetivo compreender as práticas cotidianas das mulheres menonitas nas décadas de 1970 e 1980 em Curitiba (PR) para transmissão de seus conhecimentos e valores para suas famílias.

Participando do estudo você está sendo convidado/a a preencher um questionário sobre os costumes e valores de sua família; participar de entrevistas individuais ou em grupo a fim de aprofundar questões respondidas no questionário, as quais serão gravadas em áudio ou vídeo.

Observações:

- O preenchimento do questionário será individual e dentro do tempo disponibilizado pelo/a participante.
- Não há necessidade de deslocamento de sua residência para o preenchimento do questionário.
- As entrevistas serão realizadas individualmente ou em grupo no ambiente escolhido pelo/a participante.
- A duração das entrevistas será de aproximadamente uma hora.
- As entrevistas serão gravadas em áudio ou vídeo e armazenadas por

dois anos no computador pessoal da pesquisadora Eliane Maass Cirqueira a fim de serem transcritas para a pesquisa.

- Desconfortos e riscos: A participação na pesquisa exigirá um tempo médio de meia hora para responder o questionário e aproximadamente uma hora para fazer a entrevista. Há poucas possibilidades de riscos e desconfortos, pois os/as participantes, por serem pessoas de idade mais avançada (em torno de 70 anos), terão liberdade para escolher o ambiente em que se sintam mais confortáveis, além de não ser exigido um tempo muito longo de entrevista. Como são pesquisas sobre a memória pode haver algum esquecimento ou confusão na hora das respostas, e o tempo pode se estender por lembranças e emoções que possam aflorar. Se houver algum desconforto emocional ou físico do/a participante a entrevista será interrompida e remarcada quando, e se, a participante assim quiser. As participantes poderão fazer os seus relatos em grupo, já que são amigas e se conhecem há muito tempo, mitigando o desconforto. Além disso, como as participantes falam em alemão em seus lares, terão a liberdade para usar a língua materna, a fim de que se sintam mais confortáveis. Como a pesquisadora também fala alemão será possível lhes permitir essa liberdade de linguagem. A participante poderá fazer a entrevista acompanhada de algum familiar para se sentir mais a vontade e segura.

Os dados obtidos para este estudo serão utilizados unicamente para essa pesquisa e armazenados pelo período de cinco anos após o término da pesquisa, sob responsabilidade do (s) pesquisador (es) responsável (is) (Resol. 466/2012 e 510/2016).

Sigilo e privacidade: Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado, sendo usado um pseudônimo para garantir a sua privacidade.

() Permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos unicamente para esta pesquisa e tenho ciência que a guarda dos dados são de responsabilidade do(s) pesquisador(es), que se compromete(m) em garantir o sigilo e privacidade dos dados.

() Não permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos para esta pesquisa.

Ressarcimento e Indenização: O preenchimento do questionário e as entrevistas serão realizadas no ambiente escolhido pelo participante sem despesas pessoais. Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso o(a) Sr.(a) venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, o(a) Sr.(a) você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores dr^a Samara Mendes Araújo Silva residente na rua....., telefone... email: samaramendes1977@gmail.com. e Eliane Maass Cirqueira residente na rua Gabriel Corisco Domingues, 564, sob.4, telefone (41)99121-0870, email: elianemaass@gmail.com.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Setor de Ciências Humanas (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná, rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I – 11º andar, sala 1121, Curitiba – Paraná ou pelo e-mail cep_chs@ufpr.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre

proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Este documento é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pelo/a pesquisador/a e pelo/a participante/responsável legal, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com o/a pesquisador/a.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFPR sob o número CAAE n° [campo a ser preenchido após a aprovação] e aprovada com o Parecer número [campo a ser preenchido após a aprovação] emitido em [data - campo a ser preenchido após a aprovação].

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter lido este documento com informações sobre a pesquisa e não tendo

dúvidas informo que aceito participar.

Nome do/a participante da pesquisa:

(Assinatura do/a participante da pesquisa ou nome e assinatura do seu
RESPONSÁVEL LEGAL)

Data: ____/____/____.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PARA AS ENTREVISTADAS

NOME:

1. Os seus pais são imigrantes

russoalemães? () sim () não

Se sim, quando seus pais vieram para o Brasil? _____

De qual região da URSS? _____

2. Que idioma era falado no ambiente familiar (com

seus pais)? () alemão ()

português () dialeto

Se você respondeu alemão ou dialeto. Você ensinou esse(s) idioma(s)

para os seus filhos? () sim () não

Por quê? _____

3. O seu cônjuge é da comunidade

menonita? () sim () não

Se não, é membro de outra igreja? () sim () não

Qual igreja? _____

4. Os seus filhos estudaram no Colégio Erasto

Gaertner? () sim () não

Por quê?

5. Nos anos 1970 e 1980 você trabalhava fora de casa? () sim () não Se sim, q

6. Qual é o seu nível de escolaridade?

() ensino fundamental () ensino médio () ensino superior

7. Quais dos hábitos cristãos abaixo eram/são praticados na sua

família? () devocional () oração antes das refeições ()

cultos () escola dominical ()

participação em retiros () leitura da Bíblia

() outros: _____

8. Sobre as tradições familiares:

a) Qual costume/valor você aprendeu dos seus pais?

b) Qual costume/valor você ensinou para os seus filhos?

c) Tem alguma receita de família que foi aprendida dos seus pais e ensinada para os seus filhos? () sim () não

Se sim, qual? _____

Se não, por quê? _____

d) Tem alguma receita de família que foi ensinada para os seus filhos? () sim () não

Se sim, qual? _____

Se não, por quê? _____